

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Cadernos de apoio e aprendizagem

LÍNGUA PORTUGUESA

8^o
ano

EDIÇÃO REVISADA E ATUALIZADA



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

2014



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Prefeito

Fernando Haddad

Secretaria Municipal de Educação

Secretário

Cesar Callegari

Secretária Adjunta

Joane Vilela Pinto

Chefe de Gabinete

Ataíde Alves

Assessoria Técnica de Planejamento

Chefe

Antonio Rodrigues da Silva

Diretoria de Orientação Técnica

Diretor

Fernando José de Almeida

**Divisão de Orientação Técnica
Ensino Fundamental e Médio**

Diretora

Fátima Aparecida Antonio

Equipe de DOT - Ensino Fundamental e Médio

Conceição Letícia Pizzo Santos, Cristhiane de Souza, Hugo Luiz de Menezes Montenegro, Humberto Luís de Jesus, Ione Aparecida Cardoso Oliveira, Kátia Cristina Lima Santana, Jeanny Moreira Szram, Leila de Cássia José Mendes da Silva, Maria Emília Lima, Nilza Isaac de Macedo

Assessoras Especiais

Alfredina Nery, Maria Helena Soares de Souza

Equipe de Revisão

Equipe DOT - Ensino Fundamental e Médio

Cristhiane de Souza, Humberto Luis de Jesus, Ione Aparecida Cardoso Oliveira, Kátia Cristina Lima Santana, Leila de Cássia José Mendes da Silva

Equipe Núcleo de Avaliação Educacional

André Marchesini Gabrielli, Daniel Fabri Bagatini, Fernando Gonsales, Marcela Cristina Evaristo, Márcia Martins Castaldo

Equipe de Editorial

Coordenadora do Centro de Multimeios

Magaly Ivanov

Equipe de Artes Gráficas / Centro de Multimeios

Ana Rita da Costa, Katia Marinho Hembik, Magda Perez Avilez

CTP, impressão e acabamento:

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Carta aos educadores e às famílias

Os **Cadernos de Apoio e Aprendizagem** são produções construídas por muitas mãos, fruto de propostas, reflexões, práticas e revisões de percurso, revelando o amplo amadurecimento curricular da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Esta reedição dos **Cadernos de Apoio e Aprendizagem** é mais um passo que a Secretaria Municipal de Educação dá em direção à construção coletiva e aperfeiçoada de um material que é parte de nosso processo histórico e valoriza as práticas de nossos educadores e de nossas escolas.

No entanto, sua perspectiva pedagógica e política se amplia. Estes **Cadernos** apoiam o trabalho do aluno e situam-se no contexto programático da **Reorganização Curricular “Mais Educação São Paulo”**. A aprendizagem é tratada, aqui, como direito do aluno e é dever da escola e de toda a sociedade proporcionar condições para sua eficácia.

No **Programa de Reorganização Curricular “Mais Educação São Paulo”**, a interdisciplinarida-

de, o trabalho metodológico com projetos e a ênfase na autoria de alunos e professores compõem nossa política pedagógica. Assim os **Cadernos** de Língua Portuguesa e de Matemática constituem-se como componentes específicos e fundamentais para que o trabalho integrado se desenvolva.

É consenso, hoje, que o ensino de Língua Portuguesa deve se pautar nos usos que dela se fazem, a fim de permitir que os estudantes construam conhecimentos para transitar pelo mundo da língua oral e escrita. Considerando-se a linguagem como constitutiva do sujeito na interação social, faz-se necessário proporcionar aos estudantes vivências e experiências com leitura, escrita e oralidade, que envolvam o mundo social, cultural e físico. Com base nessas experiências, eles serão capazes de produzir textos orais e escritos de qualidade, de diferentes gêneros textuais e com diversas finalidades.

Os eixos estruturantes de Língua Portuguesa das Diretrizes Curriculares Nacionais/MEC contemplam quatro eixos de ensino e aprendizagem: oralidade, leitura, produção de texto escrito e análise linguística – em termos de discursividade, textualidade, normatividade e apropriação do sistema de escrita alfabética –, tendo em vista seu papel em relação à aprendizagem de Língua Portuguesa e dos demais componentes curriculares, ao longo da escolaridade dos alunos.

No Ensino Fundamental, os objetos de aprendizagem constituem-se como contribuições singulares e específicas de cada área do conhecimento, e os professores, no cotidiano escolar, procuram apontar intersecções, fazendo-as dialogar, na direção de uma visão mais integradora dos conhecimentos humanos.

Língua Portuguesa tem, no Ensino Fundamental, uma particularidade bastante marcada, porque é tanto objeto como instrumento de conhecimento, à medida que possui sua especificidade, seus fundamentos e conteúdos próprios, e também perpassa todos os componentes curriculares, em movimentos diferenciados, mas sempre interdependentes, como associada à leitura, por exemplo.

Cabe salientar que os **Cadernos de Apoio e Aprendizagem** foram produzidos por meio de sequências de atividades, contemplando diferentes esferas discursivas (escolar, literária, jornalística, cotidiana, vida pública) e desenvolvendo o eixo Leitura do 1º ao 9º anos do Ensino Fundamental. Isso quer dizer que os **Cadernos** são parte dos recursos que podem ser utilizados em sala de aula, bem como o livro didático, se adotado, e todas as atividades que o professor produzirá para contemplar os eixos estruturantes de Língua Portuguesa.

Assim, considerando o trabalho desenvolvido com o uso dos **Cadernos de Apoio e Aprendizagem** pelos alunos e professores da Rede Municipal, desde 2010, optamos por dar continuidade a este projeto, por compreendermos que a utilização destes materiais é possível, para ampliarmos as discussões e reflexões em sala de aula, em direção a uma abordagem interdisciplinar.

Os Cadernos de Apoio e Aprendizagem de Língua Portuguesa e o Ciclo Autoral

O Ciclo Autoral caracteriza-se pela construção de conhecimento, com base em projetos curriculares comprometidos com a intervenção social. Os projetos curriculares visam à participação com autoria e responsabilidade na vida em sociedade, de modo que o educando, ao intervir no âmbito das experiências do grupo familiar e escolar, possa tornar mais justas as condições sociais vigentes. Nesse sentido, a Educação, concebida como constructo humano, constitui-se como forma de intervenção no mundo.

Os direitos de aprendizagem em Língua Portuguesa, nessa perspectiva, estão atrelados à compreensão dos fenômenos da realidade, e essa compreensão oferece conhecimentos necessários para que os estudantes possam agir conscientemente sobre a sociedade na qual se inserem. Esse aspecto está diretamente relacionado a outras áreas do conhecimento, contribuindo para a compreensão e ação no mundo contemporâneo e para o desenvolvimento do indivíduo, em uma perspectiva de formação para a cidadania.

As situações propostas nos **Cadernos de Apoio e Aprendizagem de Língua Portuguesa** para o 7º, 8º e 9º ano não divergem dos princípios do Ciclo Autoral, pois foram organizados com base em expectativas de aprendizagem que possibilitam a compreensão da realidade social e cultural dos educandos e a intervenção nesta realidade.

Cadernos de apoio e aprendizagem

LÍNGUA PORTUGUESA

**8^o
ano**

EDIÇÃO REVISADA E ATUALIZADA EM 2014

CAPA (Fotos da esquerda para a direita)

1ª linha:

Campeonato Municipal de Xadrez - 2013 - Foto: Adriana Caminitti
EMEF Dr. Antonio Carlos Abreu Sodré - 2010 - Foto: Lilian Borges
EMEF Irineu Marinho - 2009 - Foto: Lilian Borges
EMEF Profª Maria Berenice dos Santos - 2010 - Foto: Neila Gomes
EMEF COHAB Vila Nova Cachoeirinha - 2013 - Foto: Neila Gomes
EMEF Prof. Henrique Pegado - 2011 - Foto: Neila Gomes

2ª linha:

CEU EMEF Três Pontes - 2013 - Foto: Ana Karla Chaves Muner
EMEF Dr. Antonio Carlos Abreu Sodré - 2010 - Foto: Lilian Borges
CEU EMEF Cândida Dora Pino Petrini - 2012 - Foto: Vivian Lins
CECI Tenondé Porã - 2010 - Foto: Lilian Borges
CEU EMEF Hermes Ferreira de Souza - 2012 - Foto: Vivian Lins
EMEF Profª Maria Berenice dos Santos - 2010 - Foto: Neila Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação.
Cadernos de apoio e aprendizagem: Língua Portuguesa – 8º ano / Secretaria
Municipal de Educação. - 2. ed. rev. e atual. - São Paulo : SME, 2014.
248p. : il.

Produção coletiva.

O livro do professor está disponível no portal da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

A 1ª edição desta obra, Cadernos de Apoio e Aprendizagem – Matemática e Língua Portuguesa, foi organizada pela Fundação Padre Anchieta e produzida com a supervisão e orientação pedagógica da Divisão de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

ISBN 978-85-8379-000-6 (livro do aluno)

1. Ensino Fundamental 2. Língua Portuguesa I. Título

CDD 371.302812

Código da Memória Técnica: SME18/2014

ÍNDICE

Unidade 1 – Nos bastidores da notícia: por trás das câmeras (e das linhas)..... 15

ATIVIDADE 1	Nos bastidores da notícia	16
ATIVIDADE 2	Como atrair leitores, espectadores e ouvintes?	19
ATIVIDADE 3	Notícia: o carro-chefe do jornal.	31
ATIVIDADE 4	Que fatos viram notícias? Como decidir o que publicar?	41
ATIVIDADE 5	Notícias nas diferentes mídias	42
ATIVIDADE 6	Neutralidade suspeita	52
ATIVIDADE 7	Como capturar o leitor: a 1ª página e outros recursos	60
ATIVIDADE 8	Mais armas para capturar o leitor	64
ATIVIDADE 9	Notícia x reportagem.	71
ATIVIDADE 10	Mais reportagens	83
ATIVIDADE 11	Lugar de repórter é na rua!	94

Unidade 2 – Do lirismo à crítica social: a crônica nossa de todo dia..... 103

ATIVIDADE 1	<i>Flashes</i> da história da crônica no Brasil	105
ATIVIDADE 2	A vida dá crônica	109
ATIVIDADE 3	A crônica da vida	119
ATIVIDADE 4	Diferentes perspectivas, crônicas diversas	138
ATIVIDADE 5	A crônica e o jornal: retomando uma relação íntima.	142
ATIVIDADE 6	De olho na vida: escolhendo o tema para uma crônica.....	146
ATIVIDADE 7	Escrevendo uma crônica para o livro da turma	150
ATIVIDADE 8	Escolhendo uma crônica e montando o livro	152

Unidade 3 – Consultando verbetes para aprender sobre o mundo..... 155

ATIVIDADE 1	Comparando verbetes de enciclopédia	159
ATIVIDADE 2	Divulgando o conhecimento	166
ATIVIDADE 3	Discutindo os verbetes temáticos	172
ATIVIDADE 4	Produzindo verbetes temáticos	173
ATIVIDADE 5	Expondo o verbete para todos!	176

Unidade 4 – Poemas para ver e ouvir179

ATIVIDADE 1	Apreciando poemas visuais.....	180
ATIVIDADE 2	Primeiras brincadeiras com palavras.....	184
ATIVIDADE 3	Poucas palavras: seis poemas ainda mais visuais.....	185
ATIVIDADE 4	Poemas quase visuais.....	190
ATIVIDADE 5	Conhecendo as origens da poesia visual.....	194
ATIVIDADE 6	O que aprendemos sobre a poesia visual?.....	197
ATIVIDADE 7	Provérbios visuais.....	198
ATIVIDADE 8	Meu poema visual.....	201
ATIVIDADE 9	Que movimento é esse?.....	202
ATIVIDADE 10	Manos e minas do <i>hip hop</i>	204
ATIVIDADE 11	Compondo um <i>rap</i>	209
ATIVIDADE 12	Apresentação <i>hip hop</i>	211

Unidade 5 – Vida social, pública e política: para que servem os estatutos?213

ATIVIDADE 1	Código de Defesa do Consumidor.....	216
ATIVIDADE 2	Estatuto da Criança e do Adolescente.....	223
ATIVIDADE 3	Declaração Universal dos Direitos Humanos.....	239
ATIVIDADE 4	Debate regado.....	241

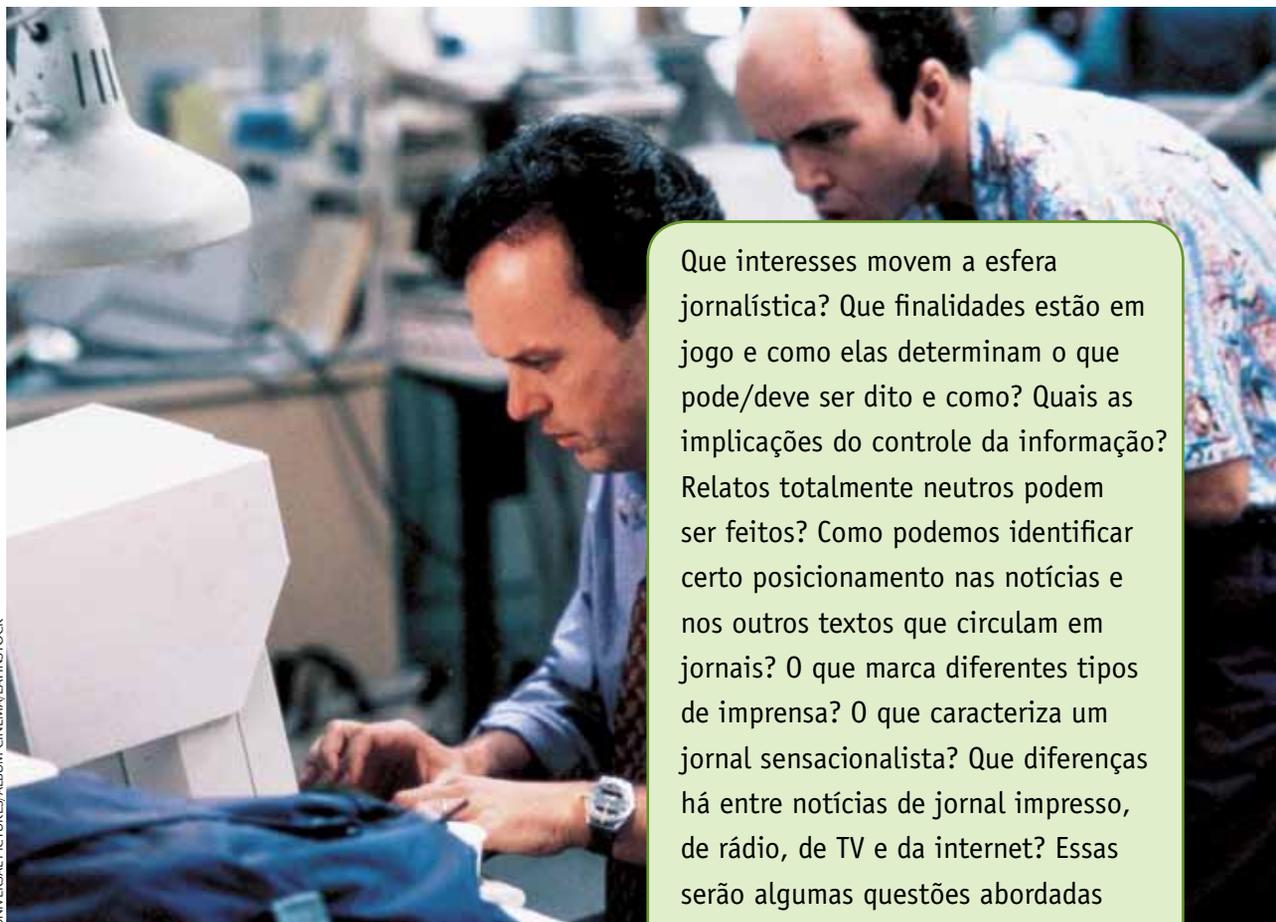
UNIDADE 1

NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA: POR TRÁS DAS CÂMERAS (E DAS LINHAS)

Para começo de conversa

Prepare-se para voltar ao mundo do jornalismo!

Como será o dia a dia de quem trabalha nos jornais?



UNIVERSAL PICTURES/ALBUM CINEMA/LATINSTOCK

Que interesses movem a esfera jornalística? Que finalidades estão em jogo e como elas determinam o que pode/deve ser dito e como? Quais as implicações do controle da informação? Relatos totalmente neutros podem ser feitos? Como podemos identificar certo posicionamento nas notícias e nos outros textos que circulam em jornais? O que marca diferentes tipos de imprensa? O que caracteriza um jornal sensacionalista? Que diferenças há entre notícias de jornal impresso, de rádio, de TV e da internet? Essas serão algumas questões abordadas nesta Unidade.

Você já deve ter aprendido muita coisa sobre as notícias e os jornais nos anos anteriores de escola. A ideia agora é aprofundar esse estudo para refletir sobre os “bastidores” do jornalismo, sobre o que está além das linhas e das entrelinhas das notícias.

A proposta é que você passe a observar os vários tipos de jornais, seus diferentes textos e suas linguagens (texto verbal, fotos, gráficos etc.), e possa compará-los, questioná-los. Tudo isso para poder “dialogar” criticamente com os textos jornalísticos: percebendo segundas intenções, informando-se sobre os acontecimentos e formando opiniões com base em uma comparação entre fontes.

Vamos lá?

ATIVIDADE 1 *Nos bastidores da notícia*

1. Observe as cartuns abaixo e diga: o que procuram ilustrar (ou denunciar?) sobre o universo do jornalismo? Por que você acha que isso acontece?



2. Pois é, esse é um pedacinho do mundo do jornalismo. Quem são os agentes desse mundo? Quem faz parte dele? Tente listar as pessoas que trabalham em um jornal impresso (e em um telejornal) ou que, de certa maneira, fazem parte desse universo.

Quem paga a conta?

3. Produzir um jornal impresso ou de TV ou rádio custa dinheiro: todos os que trabalham nos jornais recebem salário, trabalham com equipamentos que precisam ser constantemente atualizados etc. Isso sem falar no preço do papel, da eletricidade e em outros gastos. Quem financia tudo isso no caso do jornal, impresso ou eletrônico?



RICARDO AZOURY/PULSAR IMAGENS

4. Leia o trecho da notícia ao lado que fornece dados sobre a arrecadação de uma grande e importante empresa de jornal norte-americana, dona do famoso *The New York Times*. A notícia nos permite levantar hipóteses sobre as fontes de arrecadação e os percentuais de cada uma. Essas fontes foram as que você mencionou na questão 3? Qual é, provavelmente, o percentual de arrecadação de cada fonte?

Receita com jornais do New York Times supera ganhos com publicidade

Redação Portal IMPRENSA

O grupo norte-americano New York Times, pela primeira vez, obteve receita de circulação superior aos ganhos com publicidade. [...]

<http://portalimprensa.uol.com.br>

5. Os valores a seguir se referem ao preço de um anúncio publicitário (propaganda) veiculado durante:
- um programa jornalístico de rádio (30 segundos durante o jornal “Primeira Hora” da Rádio Bandeirantes, cuja média de audiência é de 87.095 ouvintes);
 - um programa jornalístico de televisão (30 segundos durante o “Jornal Nacional” da Rede Globo, cuja média é de 29.841.113 telespectadores) u publicados:
 - em um jornal impresso (uma página no jornal *Folha de S.Paulo*, cuja média de leitores é de 574 mil nos dias úteis e de 1.223.835 aos domingos) e
 - em uma revista (uma página na revista *Veja*, cuja média de leitores é de 3.301.000).

Abaixo estão relacionados os preços para cada um dos veículos:

R\$ 8.000,00	jornal “Primeira Hora”
R\$ 381.000,00	“Jornal Nacional”
R\$ 241.488,00 (preço praticado, cerca de 30% desse valor)	<i>Folha de S.Paulo</i>
R\$ 216.000,00 (preço praticado, cerca de 80% desse valor)	revista <i>Veja</i>

Quanto custa para o anunciante cada usuário (leitor, telespectador, ouvinte e assinante)?

ATIVIDADE 2 Como atrair leitores, espectadores e ouvintes?

Agora, vamos ver algumas mudanças nos jornais ao longo dos anos. Muitas tiveram a intenção de atrair mais leitores.

Veja o primeiro exemplar do jornal *O Estado de S. Paulo*, publicado em 4/1/1875.



ADOR - JOSÉ MARIA LISBOA

4 de Janeiro de 1875

o que quer que ella seja—subjei- ser tarefa difficil em sua intensidade e em suas a disposição de pessoas e politis.

FOLHETIM

MAGDALENA

POR

JULIO SANDEAU

I

Como quasi todas as aldeias atravessadas por uma estrada de primeira classe, Neuy-y-Busques é horrrosa, innocenta no in-

os horns de cantilho, se do- am, ao longe no horizon vauveres. (Continúa)

1. Vamos ver o que um jornal de 135 anos atrás pode dizer sobre a época em que foi publicado. Discuta as questões com seu colega.

a) Com relação à primeira página, em que ela difere dos jornais atuais?

b) Repare na metade inferior da primeira página. Naquela época os jornais tinham um espaço chamado “folhetim” que publicava histórias diariamente; algumas terminavam no mesmo dia, outras duravam vários dias. Observe bem essa parte e, mesmo sem ler a história, diga se ela está terminada ou não. Levante hipóteses sobre o porquê disso.

Grandes escritores brasileiros, como Machado de Assis, José de Alencar e Lima Barreto escreviam seus romances primeiro para o **folhetim** e só depois os publicavam em **livro**. Na Unidade 2, você estudará um gênero que teve origem nos folhetins – a **crônica**.

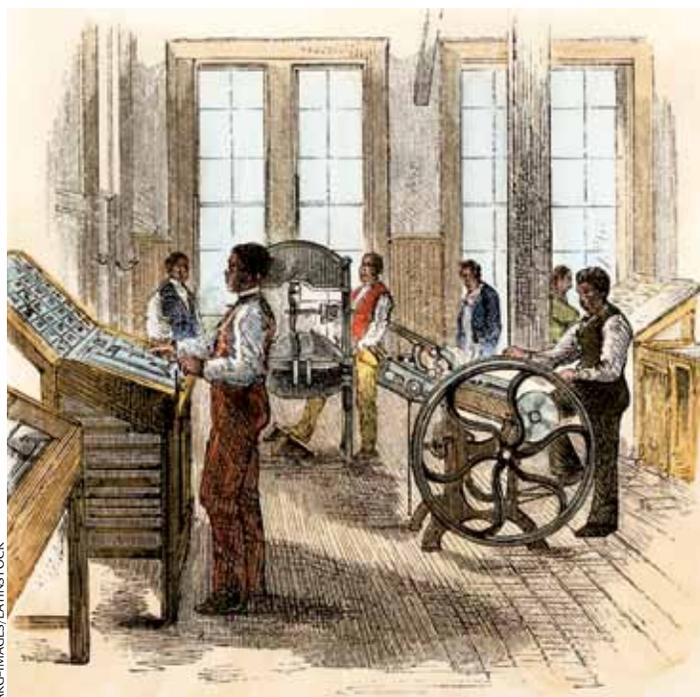
c) Agora, observe a última página, quase totalmente ocupada por anúncios. O que esses anúncios têm de diferente dos atuais?

d) O que esses anúncios nos dizem sobre o modo de vida daquela época? O que era diferente de hoje?

e) E a forma de escrever as palavras, era a mesma?

2. Esse primeiro exemplar de jornal tinha quatro páginas – a primeira e a última que foram reproduzidas e duas mediais que traziam as seguintes seções:

- ▣ Seção Científica
- ▣ Seção Econômica
- ▣ Seção Judiciária
- ▣ Letras e Artes



3. Comparando com os jornais de hoje, responda:

a) O número de cadernos e seções não é o mesmo que os de hoje. Dê exemplos de cadernos novos. Por que teriam surgido?

b) Os gêneros que circulam são os mesmos (no jornal de 1875 havia notícias, avisos, folhetins, novelas e crônicas)? Dê exemplos de alguns gêneros que surgiram. Por que teriam surgido?

- c) Os anúncios são feitos da mesma forma e ocupam o mesmo espaço no jornal (considere que, no de 1875, os anúncios ocupavam 25% do jornal)? Para responder, considere o número total de páginas de um exemplar e o número de páginas ocupadas com anúncios.
-
-
-

4. Com os jornais do dia em mãos, resolva as situações a seguir:

- a) Imagine que você e sua família são novos na cidade. Procure informações úteis para arranjar emprego para seus pais e para arrumar um lugar para morar.
- b) Imagine que você tenha de apresentar um trabalho para alunos do 5º ano sobre os grandes objetivos do jornal: informar, formar opinião, educar, apresentar e comentar produções culturais (cinema, teatro, livros etc.) e prestar serviços, ajudando seus leitores. Você deve procurar no jornal textos que ilustrem pelo menos três desses objetivos.

Tudo isso para atender ou agradar aos leitores, espectadores e ouvintes, pois a intenção da maioria das empresas jornalísticas (como de qualquer empresa no sistema capitalista) é não só continuar existindo, mas também obter lucro!

Não se pode agradar a gregos e troianos...

Na Antiguidade, **gregos** e **troianos** eram inimigos. Daí a expressão que significa que não se pode agradar a todos, a pessoas de gostos e/ou opiniões bem diferentes...

Para agradar mais a leitores/espectadores e ouvintes, uma das estratégias é tentar fazer um jornal direcionado para determinado público. É comum uma mesma empresa jornalística produzir diferentes jornais para diferentes públicos. Assim, são comuns jornais de bairros, associações, jornais direcionados a certas categorias profissionais etc., que veiculam notícias e outros textos de interesse desse público-alvo.



SEMAMÁRIO DA ZONA NORTE - 4 DEZ. 2009



DIÁRIO DO GRANDE ABC - 17 OUT. 2009



LANCET - 20 NOV. 2006



JORNAL DO METALÚRGICO - 5 A 11 AGO. 2009

Cada tipo de jornal procura apresentar o que é de interesse de seu público leitor. Mas há, também, outra forma de distinguir os jornais: pelo modo como noticiam os fatos. A maneira escolhida pode nos informar se esse jornal é do tipo informativo, investigativo ou sensacionalista.

O dicionário *Aurélio* apresenta os seguintes significados para **sensacionalismo**:

Sensacionalismo s. m. 1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. 2. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos etc., com o mesmo fim. 3. Exploração do que é sensacional (3) na literatura, na arte etc.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Sabemos que um acidente aéreo com vítimas fatais interessará a muita gente, sendo noticiado em vários jornais de circulação nacional, internacional e no rádio e na TV. Mas a forma de noticiar esse fato será diferente. Um jornal informativo pode enfatizar as causas do acidente, ao passo que outro, sensacionalista, pode divulgar o estado dos corpos, os destroços do avião ou fornecer detalhes da tristeza dos parentes. Essas formas diferentes de divulgar um mesmo fato indicam o estilo do jornal. Cada um usará linguagens diferentes para noticiá-lo.

Essa linguagem diferenciada tanto pode ser relativa à escolha das palavras usadas na manchete, no título e no corpo da notícia quanto às imagens que acompanham o fato e, até mesmo, na elaboração da primeira página (uso de cores, quantidade de notícias, tamanho da letra, fato destacado etc.).

O jornal sensacionalista, mais que informar seus leitores, visa a emocioná-los, causar impacto, diferentemente dos jornais comprometidos com a exatidão e a fidedignidade da informação.

5. Como vimos no verbete “sensacionalismo”, as emoções que um jornal pode querer provocar são muitas. Veja a seguir duas primeiras páginas de jornal e discuta com seus colegas: qual é a emoção que essas páginas pretendem provocar? Que efeito foi usado pelo fotógrafo do primeiro jornal? Por que ele fez isso?



Quem é o provável público leitor desse jornal? Que pistas nos permitem perceber isso?

6. Agora, selecione as manchetes ou os títulos das notícias que foram ou poderiam ter sido retirados de um jornal sensacionalista:

- Salsicha Assassina: cachorro-quente de R\$ 0,50 pode ter provocado intoxicação em massa
- Morre aos 34 anos Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1
- Senna morre na pista assassina
- Mãe tentou vender a filha na padaria
- Mãe abandona filho em porta de padaria
- Vira-lata salva menino de ataque de *pit-bull*
- Cão-herói: cachorro tira menina da boca da fera
- Preso sai, assalta e volta
- Presidente pira com o corpão da modelo
- Choque com *iceberg* abre rombo no casco de um navio
- Navio se choca com *iceberg* e tem seu casco danificado
- Final do campeonato paulista termina em empate

7. Agora, invente manchetes para os fatos que deverão ser publicados em um jornal sensacionalista:

a) *Corpo é encontrado perto de terreno abandonado*

b) *Campeonato paulista acaba em briga*

8. Um jornal sensacionalista famoso que circulou entre 1963 e 2001 foi o *Notícias Populares*, de onde foram retiradas as primeiras capas e algumas das manchetes desta atividade.

Veja o que dizia o último exemplar desse jornal a respeito de seu próprio fim:

Obrigado, leitor

Você está recebendo a última edição do Notícias Populares. A empresa que edita os jornais Agora São Paulo e Notícias Populares decidiu concentrar seus esforços editoriais em somente um produto popular, o Agora São Paulo, que a partir de amanhã passa a circular em todo o Estado.

Lançado em 15 de outubro de 1963, o Notícias Populares viveu muitas glórias em seus 37 anos de vida. Foi a marca registrada do jornalismo popular brasileiro. Revolucionou com assuntos polêmicos, textos curtos, uso de gírias, títulos e fotos grandes. O sucesso dessa fórmula de jornalismo foi parcialmente copiado e transferido para a TV em telejornais como o "Aqui Agora" e até em programas de auditório com grande audiência, como os do Ratinho, Gugu e Faustão.

As informações que o leitor pagava para ler no jornal passaram a chegar gratuitamente em sua casa, pela TV. O Notícias Populares teve então uma queda significativa em suas vendas, o que praticamente inviabiliza hoje a elaboração de um produto com a qualidade que você, leitor, merece ter.

O projeto editorial do NP, baseado na denúncia da violência na periferia da Grande SP, nas informações sobre sexo e nas fotos de mulheres em poses provocantes, é hoje ultrapassado para um jornal impresso.

Nossos agradecimentos a todos os leitores que se mantiveram fiéis ao jornal durante a nossa história.



Um novo jornal para você

Gostaríamos de convidar você, leitor do NP, para passar a ler o Agora São Paulo, o jornal líder de vendas nas bancas da região metropolitana. Com muito mais páginas, visual moderno, noticiário mais atualizado, promoções e um preço também acessível, com certeza o Agora tem tudo para satisfazê-lo. Nele você encontrará a mais completa cobertura esportiva da imprensa paulista, tudo sobre a vida dos artistas e o que acontece na TV, além das principais notícias da cidade, do país e da economia que interferem no seu dia-a-dia, numa linguagem muito fácil de entender.

NOTÍCIAS POPULARES, 20 JAN. 2001



a) Quais eram seus grandes temas?

b) Quais eram suas características?

c) Por que deixou de circular?

9. Também a TV passou a veicular programas jornalísticos sensacionalistas.

Você vai assistir a um vídeo que imita esses programas, procurando perceber o que faz com que o relato do fato seja feito de forma sensacionalista.

Procure anotar suas observações sobre a chamada feita pelo apresentador, a forma de relatar o caso utilizada pelo repórter, o tipo de imagem mostrada, os efeitos visuais e sonoros utilizados e o que mais chamar sua atenção.

10. Você conhece programas jornalísticos parecidos com o apresentado no vídeo? Que fatos costumam noticiar? De que forma contam esses fatos? Discuta com sua turma.



11. A maioria dos estudiosos do jornalismo critica a imprensa sensacionalista, por considerar que não há preocupação com a apuração de fatos, com o relato neutro/objetivo, tampouco com a possibilidade de propiciar reflexões aos leitores/espectadores/ouvintes, mas apenas emocioná-los. A captura do leitor/espectador é feita pelo riso, pelo impacto, pelo bizarro e não pela exatidão do relato dos fatos ou pela reflexão sobre estes. Por outro lado, há quem diga que há leitores/espectadores e ouvintes que só gostam desse tipo de jornal/programa jornalístico e não leriam/assistiriam/ouviriam outro. Qual sua opinião sobre isso?
12. Sobre a existência de jornais para diferentes públicos, circula na internet uma brincadeira que diz “como seria noticiado o fim do mundo” por diferentes veículos. A ideia é que a forma de noticiar está relacionada com a característica do jornal (definida de acordo com o tipo de leitor que supõe). Leia o nome dos jornais e das revistas e sua breve caracterização e tente descobrir que manchete seria publicada em cada um deles.



- a) *Folha de S. Paulo* (famosa pelo uso de recursos explicativos para que o leitor possa compreender melhor os fatos)
- b) *A Notícia* (jornal sensacionalista)
- c) *Jornal do Esporte* (voltado para a cobertura esportiva)
- d) *Correio Braziliense* (jornal de Brasília que destaca a cobertura política)
- e) *Veja* (revista que se propõe a divulgar reportagens inéditas, em primeira mão, antes de qualquer outro jornal ou revista)
- f) *Querida* (dirigida ao público feminino adolescente)
- g) *Forma e beleza* (voltada para uma vida saudável)

Supostas manchetes:

- Tenha um *end light*
- Nem o fim do mundo segura o verdão!
- Exclusivo: entrevista com Deus
- Teste: seu namoro vai acabar antes do fim do mundo?
- Saiba como vai ser o fim do mundo (ao lado de um infográfico)
- Psicopata mata a mãe, enforca o pai, espanca a irmã e fuzila o irmão ao saber que o mundo já era
- Congresso vota a ilegalidade do fim do mundo

ATIVIDADE 3 **Notícia: o carro-chefe do jornal**

Mas o que leva o leitor/espectador/ouvinte a ler o jornal, ouvir o rádio e assistir a um programa jornalístico?

Essencialmente as notícias. Na atividade anterior, você viu que há vários gêneros no jornal. Mas será que há algum tipo de relação entre eles? O que isso tem a ver com o nome desta atividade?

1. Leia os textos abaixo:

Carro-chefe:

S. m.

1. O principal carro alegórico de um desfile.
2. Fig. Aquilo que num conjunto ressalta de maneira especial; o que se considera o principal, o mais importante, o de maior interesse numa obra, empreendimento, etc.

*Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI,
de Aurélio Buarque de Holanda.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira.*

TEXTO 1

“Escolha técnica” não valeu para cidades-sedes da Copa 2014

*Rodrigo Mattos
da Folha de S.Paulo, enviado especial a Nassau*

A escolha das sedes brasileiras para a Copa 2014 foi puramente técnica. Era o que repetiam os dirigentes da Fifa e da CBF após anunciar Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo para receber o Mundial.

Mas, na prática, o relatório técnico de inspetores da Fifa foi apenas o ponto de partida, que fez o primeiro corte e apenas definiu as nove mais bem preparadas. Havia dúvida da Fifa sobre as últimas três vagas, que foram definidas pelo deslumbre de cartolas, política e até por erros das campanhas.

“Foi difícil a definição de três. Duas estavam definitivamente fora. Outras nove já eram garantidas. Então, tínhamos seis para três vagas. Essas seis tinham condições de ser sede”, afirmou o secretário-geral da Fifa, Jerome Valcke.

Cartola: forma coloquial da linguagem do futebol. Refere-se aos dirigentes dos clubes, grêmios e associações, ou seja, cargos relacionados ao poder.

Apesar de o cartola ter se recusado a dizer quais as seis cidades, Belém e Manaus disputavam uma vaga no Norte; Cuiabá e Campo Grande, um lugar no Centro-Oeste; e Natal e Florianópolis brigavam pela última vaga entre as 12.

Mas os dirigentes do Comitê Executivo da Fifa, que deram a palavra final sobre as sedes, tinham pouco conhecimento sobre as cidades candidatas, segundo apurou a reportagem. Na entrevista coletiva, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, chegou a achar que Belém era uma cidade do Nordeste, após a pergunta de um repórter.

Lobby (pronuncia-se lóbi) é um grupo de pessoas ou instituições que busca influenciar, aberta ou secretamente, decisões políticas. Nos Estados Unidos, a profissão de lobista é reconhecida legalmente. O *lobby* secreto costuma ser associado a escândalos e a denúncias de corrupção.

Em compensação, na reunião do Comitê Executivo, os cartolas só falavam na floresta amazônica, identificando-a com o Amazonas. Manaus, portanto, era a mais simbólica. Ainda tinha o *lobby* dos patrocinadores da Fifa, Coca-Cola e Sony, com sede na cidade.

Em relação à disputa do Centro-Oeste, os cartolas da Fifa não gostaram das cartas enviadas por representantes de Campo Grande diretamente para eles. O apoio político do governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, também teve peso.

Isso foi negado por Blatter, que admitiu que houve diversos pedidos de políticos. “Não ouvimos interferências políticas. Houve gente que disse que deveríamos ir aqui ou ali. Mas pensamos no esporte.”

Só que o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, fez questão de receber governadores e prefeitos das cidades na entidade.

Na terceira briga, o Nordeste, mais próximo da Europa e mais quente, pesou em favor de Natal, e contra Florianópolis. “É uma região muito agradável [o Nordeste], que também tinham candidaturas muito técnicas. Claro que as cidades são bonitas”, disse Blatter, que não vê problemas nas largas distâncias entre as escolhidas.

Enquanto isso, Teixeira ressaltava o alto nível técnico “de todas as candidaturas”.

Folha Online – Esportes, 1 jun. 2009./Folhapress

- a) Observe a manchete da notícia e converse com a turma: se, conforme afirma a matéria, a “escolha técnica” não valeu para a definição das cidades-sede da Copa, quais foram os critérios adotados para defini-las?
- b) Escolha uma das disputas de cidades apresentadas no texto (Belém x Manaus; Cuiabá x Campo Grande; Natal x Florianópolis) e aponte: que critério prevaleceu para a escolha de uma e não de outra dessas cidades como sede da Copa?
-
-
-
-

TEXTO 2

Conheça as cidades-sedes da Copa do Mundo-2014

da *Folha Online*

A Fifa anunciou neste domingo as 12 cidades que irão receber jogos na Copa do Mundo-2014, a segunda que terá o Brasil como sede. O país voltará a ser palco de partidas do principal torneio de futebol do planeta 64 anos após o Mundial-1950.

A *Folha Online* preparou um guia com algumas informações sobre as cidades e os estádios (ou projeto deles) escolhidos pela Fifa para receber a competição daqui cinco anos.

O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)

é uma forma de classificar o bem-estar de uma população. A medida comparativa abarca três grandes critérios avaliativos: riqueza, educação e expectativa média de vida. O IDH-M é o IDH de um município.

O PIB (Produto Interno Bruto)

representa a soma de todos os bens e serviços de determinada região (cidade, estado ou país). O **PIB per capita** é o resultado do PIB total dessa região dividido pelo número de seus habitantes, ou seja, a renda média anual de cada habitante do lugar.

Cidades	Brasília	Cuiabá	Natal
Estádios	Estádio Nacional de Brasília	Estádio José Fragelli (Verdão)	Arena das Dunas
Situação	Será reformado	Será demolido e reconstruído	Será construído no lugar do Machadão
Potenciais investidores	Via Engenharia, Andrade Gutierrez, Valora e Extratêgia	Não divulgado	Não definidos
Capacidade final	70.000	48.453	45.000
Estacionamento	35.000 vagas	3.600 vagas	6.000 vagas
Orçamento	R\$ 520 milhões	R\$ 400 milhões	R\$ 300 milhões
Previsão das obras	Entre abril/2010 e dezembro/2012	Entre dezembro/2009 e dezembro/2012	Indefinida
	Brasília – DF	Cuiabá – MT	Natal – RN
População	2.455.903	526.830	774.230
Área territorial	5.802 km ²	3.538 km ²	170 km ²
PIB per capita	R\$ 37.600	R\$ 13.244	R\$ 9.506
IDH-M (2000)	0,844	0,821	0,788
Times na Série A	Nenhum	Nenhum	Nenhum
Times na Série B	1 (Brasiliense)	Nenhum	2 (ABC e América)
Times na Série C	1 (Gama)	1 time (Mixto)	Nenhum
Capacidade hoteleira atual	27.000 leitos	4.300 leitos	26.000 leitos
Previsão para 2014	35.000 leitos	7.000 leitos	Não há previsão
Bandeirada (táxi)	R\$ 3,30*	R\$ 3,89*	R\$ 3,56*
Preço por km (táxi)	R\$ 1,40*	R\$ 2,10*	R\$ 1,85*
Passagem de ônibus	R\$ 2,00*	R\$ 2,05*	R\$ 1,85*
Média de temperatura máxima para junho	25° C	31° C	28° C
Preço das passagens aéreas de São Paulo (Cumbica):	R\$ 199,50 (TAM) e R\$ 199,00 (GOL)	R\$ 479,50 (TAM) e R\$ 339,00 (GOL)	R\$ 699,50 (TAM) e R\$ 509,00 (GOL)

Manaus	Porto Alegre	Rio de Janeiro	São Paulo
Estádio Vivaldo Lima (Vivaldão)	Beira Rio	Estádio Mário Filho (Maracanã)	Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)
Será reconstruído	Será reformado	Será reformado	Será reformado
Camargo Corrêa, Luso Arena e Andrade Gutierrez	Internacional	Estado e parceiros privados	São Paulo F. C. e Visa
47.930	60.000	87.000	62.882
12.450 vagas	4.860 vagas	Indefinido	5.089 vagas
R\$ 500 milhões	R\$ 120 milhões	R\$ 430 milhões	R\$ 136 milhões
Não divulgada	Entre agosto/2009 e dezembro/2012	Entre janeiro/2010 e dezembro/2012	Já iniciada, até dezembro/2012
Manaus – AM	Porto Alegre – RS	Rio de Janeiro – RJ	São Paulo – SP
1.709.010	1.420.667	6.093.472	10.886.518
11.411 km ²	497 km ²	1.182 km ²	1.523 km ²
R\$ 18.902	R\$ 20.900	R\$ 20.851	R\$ 25.275
0,774	0,865	0,842	0,841
Nenhum	2 times (Grêmio e Internacional)	3 times (Botafogo, Flamengo e Fluminense)	3 (Corinthians, Palmeiras e São Paulo)
Nenhum	Nenhum	1 time (Vasco)	1 (Portuguesa)
Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum
4000 leitos	13.000 leitos	28.000 leitos	42.000 leitos
9.000 leitos	16.000 leitos	34.000 leitos	Indefinida
R\$ 3,50*	R\$ 3,36*	R\$ 4,30*	R\$ 3,50*
R\$ 1,88*	R\$ 1,68*	R\$ 1,25*	R\$ 2,10*
R\$ 2,00*	R\$ 2,30*	R\$ 2,20*	R\$ 2,30*
31° C	19° C	25° C	22° C
R\$ 719,50 (TAM) e R\$ 659,00 (GOL)*	R\$ 209,50 (TAM) e R\$ 119,00 (GOL)*	R\$ 289,50 (TAM) e R\$ 49,00 (GOL)	

*Cotação feita em 18 de maio de 2009.

Folha Online – Esportes, 31 maio 2009./Folhapress

- a) Observe a tabela com os dados de cada cidade e procure os motivos pelos quais Manaus, Cuiabá e Natal foram indicadas por você na questão anterior. Esses dados constam da tabela? Discuta com a turma.
- b) Pelo quadro apresentado, que cidade vocês consideram que têm mais condições de receber a final da Copa? Justifique sua resposta.
-
-
-

TEXTO 3

Copa 2014

Adoro futebol! Nem por isso concordo com o investimento astronômico que será feito em Manaus (assim como no restante do país) para sediar a Copa 2014. Fico pensando: será que todo esse dinheiro não seria mais bem aplicado se se pudesse construir mais escolas e hospitais, investir no atendimento à saúde da população, melhorar a vida dos trabalhadores?! É, mas isso deve ser muito entediante. Melhor mesmo é gritar “Gol!” (ou não!) – ainda que seja sentado no sofá e em frente à TV, já que o preço do ingresso a R\$ 150,00 não vai possibilitar a participação da maioria dos brasileiros!

Maria Elizabete Salomão (Manaus – AM)



TEXTO 4

Copa 2014

Os pessimistas que me perdoem! Mas criticar o investimento público e o uso político que se fará em Natal e no Brasil para sediar os jogos da Copa 2014 é ignorar a contrapartida financeira e a visibilidade internacional que Natal (e o restante do país) terá com a realização desse evento. Dá para imaginar os ganhos do setor turístico? Essas são oportunidades que não se pode perder!

José Augusto Campos (Mossoró – RN)

a) Que tipos de texto são esses? Qual a finalidade dos textos 3 e 4?

b) Que posição é defendida no texto 3? Que argumento sustenta essa posição?



c) Que opinião é defendida no texto 4? Que argumento sustenta essa opinião?

TEXTO 5



TEXTO 6



Angeli – Folha de S.Paulo, 1º nov. 2007.

TEXTO 7

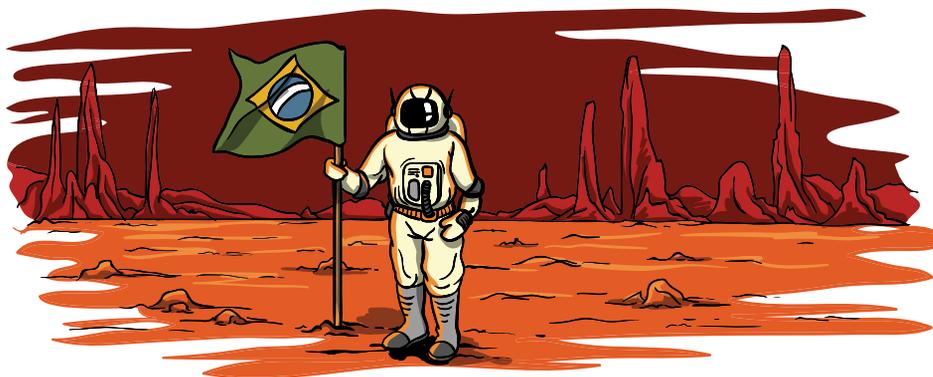


a) O que essas charges têm em comum? O que criticam ou ironizam?

b) Agora, responda: O que esses sete textos têm em comum? Qual é o texto principal do qual todos os outros foram criados?

2. Leia as charges a seguir e imagine uma notícia que possa tê-las suscitado.





ATIVIDADE 4

Que fatos viram notícias? Como decidir o que publicar?

Como vimos, muito do que se escreve no jornal gira em torno da notícia. Ao contrário de empresas que vendem produtos materiais, as empresas jornalísticas vendem informação e opinião. Tirar aquela foto ou dar a notícia primeiro (furo de reportagem) é algo que pode valer muito dinheiro. Notícias interessantes vendem mais jornal! A forma de fazer isso é que pode ser muito diferente.

Nem tudo que acontece no mundo vira notícia. Mas muita coisa pode virar notícia. Como escolher o que deve entrar no jornal? Leia o verbete do *Manual da Folha de S. Paulo* que estabelece a importância da notícia:

Importância da notícia – Critérios elementares para definir a importância de uma notícia:

1. Ineditismo (a notícia inédita é mais importante do que a já publicada).
2. Improbabilidade (a notícia menos provável é mais importante do que a esperada).
3. Interesse (quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é).
4. Apelo (quanto maior a curiosidade que a notícia possa despertar, mais importante ela é).
5. Empatia (quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é).
6. Proximidade (quanto maior a proximidade geográfica entre o fato gerador da notícia e o leitor, mais importante ela é).

Manual da Redação – Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 43.

1. Pense em fatos que possam ser notícia por serem improváveis, de grande interesse e apelo ou por provocarem empatia.

2. Agora, você vai conhecer os bastidores de um telejornal. Além de saber como as notícias são escolhidas, verá todo o processo desde o momento em que o fato acontece até o momento em que a notícia entra no ar. Tome nota das fases mais importantes desse processo.

ATIVIDADE 5 Notícias nas diferentes mídias

Da invenção da imprensa até o surgimento da internet (que permitiu a disseminação das mídias digitais) se passaram mais de 500 anos. Outras mídias surgiram nesse período, como o rádio e a TV. Do jornal impresso (e das revistas) aos portais jornalísticos na internet, passando pelos programas

de rádio e de TV, o fato é que as notícias estão em toda parte. Alguns, mais alarmistas, diziam que com o surgimento de uma dessas mídias, outra iria desaparecer. Assim, quando surgiu a TV, muitos consideraram que o rádio desapareceria. Com o surgimento do computador e da internet muitos dizem que materiais impressos, como livros e jornais, correm o risco de desaparecer. Será? Como essas mídias se inter-relacionam no mundo da notícia?

1. Veja um exemplo dado pelo jornalista Clóvis Rossi. Observe como pode ser a relação entre essas mídias.

Em 1974, ocorreu um dos maiores e mais dramáticos incêndios acontecidos no Brasil: o incêndio do Edifício Joelma, localizado no centro da cidade de São Paulo. Esse incêndio, que demorou horas e horas para ser controlado, ocasionou a morte de mais de cem moradores. As emissoras de TV instalaram seus equipamentos e ficaram transmitindo durante um longo tempo o incêndio, mostrando cenas dramáticas que nenhum jornalista poderia colocar no papel. A audiência das TVs que transmitiram o incêndio foi enorme. Poderíamos pensar que, no dia seguinte, quase ninguém se interessaria por ler sobre a tragédia no jornal, uma vez que já sabiam do fato e tinham tido a oportunidade de acompanhar tudo pela TV. Mas, ao contrário, no dia seguinte ao incêndio, todos os jornais da cidade esgotaram sua tiragem e, no fim de semana seguinte, as revistas que traziam reportagens sobre o incêndio também tiveram sua tiragem aumentada.



ROSSI, Clóvis *O que é jornalismo?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

- Discuta com seus colegas:

Por que você acha que isso aconteceu? O que esse exemplo permite concluir sobre a relação entre as notícias nas diferentes mídias?

2. O próximo texto faz referência à sequência de atentados terroristas sofridos pelos Estados Unidos no famoso *11 de setembro* (de 2001). Veja como as mídias aparecem na “história” contada.



Os ataques de **11 de setembro**, considerados por muitos a maior ação terrorista da história dos Estados Unidos, consistiram em uma série de atentados contra alvos civis no país. Na manhã de 11 de setembro de 2001, quatro aviões foram sequestrados: dois colidiram com as Torres Gêmeas (World Trade Center) em Manhattan, Nova York, derrubando-as; um terceiro se dirigiu para o Pentágono, no estado de Virgínia; e o quarto, cujo alvo era o Capitólio, não chegou a atingir o alvo e seus destroços foram encontrados no estado da Pensilvânia. Os ataques foram atribuídos à organização fundamentalista islâmica AL-Qaeda que visa, supostamente, a diminuir a influência não islâmica no mundo.

Vovó já ouvia em tempo real¹

Por Bruno Rodrigues

Talvez seja um choque para você, mas o “real time” não nasceu com a Internet...

Quando o avião se chocou contra a primeira torre, Elisa estava trabalhando em casa, a tevê ligada. A programação foi interrompida e a bióloga girou a cadeira, ainda sem entender o fogaréu que saía do World Trade Center. Ficou alguns segundos apática, até que pulou de supetão e soltou um berro:

— Credo!

Neste mesmo instante, seu filho Joca acessava, no quarto, todos os *sites* noticiosos que podia, em busca de qualquer nova informação. Foi então que o outro avião arrebentou com a segunda torre. Os dedos pararam no teclado, e ele sussurrou alguma coisa que parecia ser...

Bruno Rodrigues
é professor de
webwriting e
editor do *site*
Petrobras.

1. Texto publicado também no www.jornalistadaweb.com.br, postado por mcavalcanti (19/12/2002 - 11:58:06).

— ... Meu Deus...

Elisa e Joca se esbarraram no corredor, trocaram um rápido “Já soube?”, e foram até a cozinha – não sem antes formar um rápido conselho de família.

— Antes que sua vó saiba o que está acontecendo, é melhor prepará-la. Um acidente horrroso como este choca qualquer um, ainda mais...

— Que acidente, o quê! Foi ataque terrorista, gente!

Os dois olharam para a porta da cozinha e Dona Carlotinha descascava batatas tranquilamente.

— Em que planeta vocês estavam? Estou com meu radinho ligado há um tempão e eles entraram direto de Nova York. Ah: e caiu outro avião em Washington.

Elisa e Joca ainda tiveram tempo de se imaginar como dois seres de uma estranha era jurássica ao inverso, antes que a boa vovozinha desse a punhalada final.

— Desliguem a televisão e o computador! O mundo tá terminando e vocês nem para economizar energia, meu povo! Meu radinho é a pilha, sabiam?

RODRIGUES, Bruno. *Webwriting* – Redação & informação para a web. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

a) Quem é capaz de dar a notícia assim que ela acontece? Por quê?

b) O que indica a expressão “por Bruno Rodrigues”? O que indicam a data e a hora na nota de rodapé? Quem é “mcavalcanti”?

3. Para discutirmos mais sobre as notícias nas diferentes mídias, vamos retomar as diferenças entre elas. Preencha o quadro a seguir:

Especificidades dos diferentes suportes e mídias

	Jornal impresso	Revista impressa	Rádio	TV	Internet
Interação produtor/ público				De um para muitos, o espectador pode tentar ligar (mas é difícil ser atendido).	
Tempo decorrido entre o ocorrido e a divulgação da notícia (em termos de possibilidade)	Mínimo de 6 horas.				
Duração da notícia (quanto tempo fica disponível, em geral)		Uma semana/ um mês.			
Presença de chamadas e títulos				Sim	
Presença de som e imagem			Som		
Grau de detalhamento/ profundidade na disponibilização	Mediano (dependendo da relevância do tema, pode ser grande).				

O jornal de TV



4. Veja agora o que pode acontecer se alguém ignorar a especificidade da mídia, assistindo ao vídeo em que uma jornalista dá uma notícia ao vivo.

a) O que explica a reação da jornalista no meio da reportagem?

5. Ainda pensando nas características de um telejornal, assista a um vídeo com notícias sobre o desmatamento na Amazônia de forma nada convencional. Depois de assistir ao vídeo, converse com a turma sobre as questões a seguir.

a) Você achou esse vídeo engraçado? O que provoca o efeito de humor no vídeo?

b) Que telejornal é imitado? Como sabemos disso?

c) Que recursos de um telejornal são usados?

d) Que elementos não aparecem em um telejornal?

e) Explique a última frase dita pela jornalista: *“Aproveite enquanto você ainda pode fazer muito pela sua espécie, senão no futuro alguém vai botar toda a culpa em cima de um meteoro”*.

f) Você sabe o que é *Greenpeace*? Qual parece ser a intenção do vídeo do *Greenpeace*?

6. A ideia é que você assista a um telejornal não sensacionalista, para, depois, comparar as notícias nele veiculadas com as do jornal impresso. Escolha algumas notícias que ache mais importantes (e com possibilidade de sair no jornal de amanhã) e registre suas observações em um quadro como o que segue.

	Fato relatado	Recursos usados (imagens, entrevistas etc.)	Observações
Notícia 1			
Notícia 2			
Notícia 3			
Notícia 4			
Notícia 5			
Notícia 6			

- a) Em grupos, tentem achar os fatos noticiados sobre os quais anotaram dados e comparem as versões das notícias. O que é igual e o que é diferente nas informações dadas e na forma de relatar os fatos?

7. Depois de ver tantos telejornais, vocês vão encenar um. Pode ser um telejornal informativo ou uma paródia de um noticiário de TV. Cada grupo, de quatro a cinco alunos, deverá escolher três ou quatro notícias curtas. Possibilidades:

- a) Notícias estranhas ou bizarras
- b) Notícias da escola
- c) Notícias da semana

Dois alunos do grupo serão os apresentadores do telejornal. Simulem os apresentadores que, em geral, “dividem” a leitura de uma notícia para conferir mais agilidade ao jornal. As notícias deverão ter uma chamada (“título/manchete”), um lide e mais dois ou três parágrafos de detalhamento dos fatos. Se quiserem incrementar o telejornal, chamem repórteres “em campo” (os outros colegas do grupo) que darão mais detalhes sobre a notícia (um aluno pode se fazer passar por um entrevistado envolvido nos fatos).



SABENDO TUDO QUE ACONTECE NO MUNDO NUM CLIQUE: NOTÍCIAS NA INTERNET

Já vimos que um jornal impresso, no fim do dia, é algo velho: serve para amadurecer fruta, forrar casinha de cachorro, reciclar ou é jogado fora. Já na internet, as coisas não são assim. Vejamos como isso ocorre.



A internet permite que as notícias fiquem arquivadas, virem fontes de pesquisa. Também permite rapidez na veiculação da notícia. Possibilita que saibamos o que acontece do outro lado do mundo praticamente na mesma hora. Aparentemente, também temos muitas fontes de informação, mas será isso mesmo?

Leia o verbete a seguir.

Agência de notícias ou **agência noticiosa** é uma empresa jornalística especializada em difundir informações e notícias diretamente das fontes para os veículos de comunicação. As agências não fornecem diretamente ao público, e sim para jornais, revistas, rádios, TVs, *websites*, a chamada mídia, que por isso mesmo medeia a comunicação entre a fonte e os leitores/espectadores.

fonte: <http://pt.wikipedia.org>

Como vemos, nem sempre um jornal manda seus repórteres apurarem os fatos. Muitas vezes, compra a notícia das agências. Veja a primeira página dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, no dia seguinte à posse do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. O que você observa? Por que você acha que isso acontece?



FOLHA DE S. PAULO, 21 OUT. 2009



O ESTADO DE S. PAULO, 21 OUT. 2009

As principais agências de notícias est&ao localizadas nos paøes centrais e relatam os fatos de seu ponto de vista. Muito do que sabemos sobre, por exemplo, uma guerra no Oriente Médio, é pelos “olhos” dessas agências. Para conhecermos outros pontos de vista, precisamos ser proativos. A busca por *blogs*, *twitters* ou *sites* de ONG ou outras organizaçoes pode ajudar, pois

Blog ou **blogue** s&ao *sites* que permitem r&apidas atualizaçoes pelos seus usu&arírios. Podem ser mantidos por uma ou mais pessoas. Os *blogs* t&em temas dos mais variados tipos. Quem define o tema, assim como o que ser&aa postado no *blog*, é seu moderador, ou “blogueiro”.

Os *blogs* pessoais, em geral, tratam daquilo que o seu moderador gosta ou curte, geralmente nas &areas de cultura, lazer e entretenimento, podendo também falar de pol&itica, economia, fatos cotidianos etc. H&aa também outro tipo de *blog*, o jornalístico, que trata especificamente das notícias que est&ao circulando no momento. Diferentemente de um jornal *online*, o *blog* tende a ser mais opinativo; seu moderador, além de dar a notícia, tece coment&arírios sobre ela, diz se é contra ou a favor e pode até abrir um espa&co para f&oruns de discuss&ao entre seus visitantes.

permite acesso ao outro lado da questão. No caso dos *blogs* e *twitters*, todo o caminho entre apurar o fato até publicá-lo pode ser bem mais rápido, pois o repórter pode publicar em seu *blog* a notícia que deseja, sem ter de submetê-la ao editor. Vamos ver como um *blog* pode informar algo?



ATIVIDADE 6 Neutralidade suspeita²

1. Agora, você terá sua primeira experiência como repórter: vai escrever, com um colega, uma notícia sobre os fatos abaixo:
 - a) uma fábrica de tecidos ao lado de sua escola pegou fogo durante a noite, mas ninguém ficou ferido (só assustado);
 - b) os bombeiros só foram acionados meia hora após o princípio do incêndio e o fogo se alastrou para construções vizinhas, atingindo uma loja, o depósito e o muro da escola;
 - c) segundo a perícia, o alarme de incêndio do prédio estava quebrado e parte dos extintores estava com a data de validade vencida;
 - d) de acordo com testemunhas que passavam pelo local, o vigia do prédio, Epaminondas da Silva, estava dormindo em sua guarita quando o fogo começou no 2º andar;

2. Atividade adaptada de BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Notícias*. São Paulo: FTD, 2001.

Agora, seu professor vai pedir que algumas duplas leiam as notícias escritas e vocês vão conversar um pouco sobre as diferentes notícias.

Então, vale tudo? Cada um dá a notícia que quer, incluindo o que quiser?

Não é bem assim. Isso que vocês acabaram de fazer, omitir dados sobre certo fato, tendenciosamente, é algo que um jornalista sério e ético nunca deve fazer. Um jornalista precisa apurar o máximo de coisas possíveis a respeito de um fato e não deve nunca omitir informações de maneira tendenciosa. Vejam o que diz o *Manual da Folha de S.Paulo* (que estabelece as regras que seus jornalistas devem seguir):

Notícia – Puro registro dos fatos, sem opinião. A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia. Não use desses expedientes.

Manual da Redação – Folha de S.Paulo, 2001, p. 88.

Infelizmente, nem todos os jornalistas agem dessa forma. Não porque necessariamente omitam ou acrescentem coisas, mas porque, muitas vezes, na ânsia de dar a notícia, não verificam todos os dados, não investigam direito, não procuram saber as causas etc. Outras vezes, não há exatamente omissão de nenhum fato, mas a forma como o relatam é tendenciosa, ou porque o próprio jornalista deixa sua opinião interferir no relato ou porque as chefias dos jornais, das revistas, das emissoras de rádio e de TV ou os donos das empresas jornalísticas obrigam a veiculação dos fatos de acordo com a visão que têm dos fatos e da realidade.

2. Leia o título das notícias abaixo, retirados de jornais. Considere os fatos relacionados às notícias e procure localizar, em cada caso, o que se pede:

A) FATOS: Em fevereiro de 1998, um prédio desabou na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, por problemas de construção, causando a morte de algumas pessoas. A Justiça obrigou a construtora do prédio, de propriedade de Sérgio Naya – que, na época, era deputado federal –, a indenizar as vítimas e a fornecer uma moradia provisória para elas. Muitas dessas famílias passaram, então, a morar em hotéis, até que pudessem ter sua casa de

volta. Em abril de 1998, várias famílias vítimas do desabamento que estavam morando em hotéis tiveram de sair, pois haveria um congresso na cidade e alguns desses hotéis já haviam feito reservas para hóspedes que viriam de outras cidades. As reservas dos participantes do congresso tinham sido feitas antes dos ex-moradores do Edifício Palace se instalarem nos hotéis.

a) Qual dos títulos abaixo enfatiza mais a humilhação a que as famílias moradoras do Palace foram submetidas?

FAMÍLIAS DO
PALACE 2 TÊM DE SAIR DE HOTÉIS

(Folha de S. Paulo, 17/4/1998)

MORADORES DO PALACE DEIXAM HOTÉIS

(O Estado de S. Paulo, 18/4/1998)

PALACE 2: MORADORES QUE ESTAVAM EM
APART-HOTEL SÃO DESPEJADOS

(Jornal da Tarde, 18/4/1998)

b) Agora, leia uma notícia publicada dez anos depois para ver o que aconteceu com esses moradores. Você diria que superaram esse acidente?



PATRICIA SANTOS/FOLHA IMAGEM

Desabamento do Palace 2 completa dez anos; vítimas buscam indenização

Luisa Belchior

Colaboração para a *Folha Online*, no Rio

Há dez anos, vítimas do desabamento do edifício Palace 2, no Rio, vivem imersos em *imbroglios* judiciais, em busca de indenizações. No dia 22 de fevereiro de 1998, um sábado de Carnaval, o prédio – de 22 andares – desabou parcialmente, matando oito pessoas e deixando 150 famílias desabrigadas. O acidente aconteceu em plena Barra da Tijuca, bairro de classe média alta na

zona oeste e que estava no auge de seu *boom* imobiliário.

Até hoje, menos de um décimo do valor do patrimônio do empresário e ex-deputado federal Sérgio Naya – dono da construtora Sersan e que acabou absolvido pela Justiça – chegou de fato às mãos das vítimas, apurou a *Folha Online*.

Para a maior parte delas, porém, o drama é muito mais que uma batalha judicial. Uma década depois de assistir seus lares irem abaixo, 15 famílias do Palace 2 ainda vivem em um hotel na zona oeste da cidade. Muitas vítimas tiveram suas vidas pessoais e profissionais desestruturadas. Algumas adoeceram e sete morreram. Quase nenhuma diz ter se recuperado totalmente. [...]

Folha Online, 22 fev. 2008. Cotidiano/Folhapress

B) FATOS: Uma aluna da Uniban que vestia uma minissaia curta foi agredida verbalmente por alunos, tendo de sair da universidade escoltada pela polícia.

c) Qual a diferença entre as manchetes abaixo?

Uso de minissaia gera reação violenta entre universitários

R7 Notícias, 30/10/2009

Jovem é xingada em faculdade por causa de roupa curta

Limão Notícia, 30/10/2009

C) FATOS: Um acidente em uma plataforma de petróleo da Petrobras matou uma pessoa e feriu outras 2.

d) Qual das manchetes ou título de notícias minimiza mais o acidente?

2009 COMEÇA COM ACIDENTE FATAL NA PETROBRAS

(Sindipetro, 7/1/2009)

ACIDENTE EM PLATAFORMA DA PETROBRAS SUSPENDE PRODUÇÃO

(O Globo, 5/1/2009)

ACIDENTE NA P-34 DA PETROBRAS DEIXA UM MORTO E FERIDOS

(Tudo agora, Agência Brasil, 5/1/2009)

e) O que se pode concluir até aqui? É possível um relato totalmente neutro dos fatos? Por quê?

Portanto, é importante, além de lermos ou ouvirmos as notícias, pensarmos na forma como é relatada e no jornal que estamos lendo ou na emissora de TV/rádio a que estamos assistindo/ouvindo. Se sabemos qual a posição do jornal e se prestamos atenção em como a notícia é contada, a possibilidade de sermos manipulados é menor e maior é nossa chance de ter opinião própria. É fundamental também procurar o relato do mesmo fato – tido como de grande interesse – em diferentes jornais, revistas, internet, programas jornalísticos etc., pois isso permite que possamos comparar vários relatos, entender os interesses que cercam o fato noticiado, minimizando um pouco o mais tendencioso. Embora a neutralidade absoluta seja impossível, alguns jornais e veículos de comunicação se preocupam mais do que outros em ser imparciais diante de um fato. Assim, temos graus de imparcialidade, que também precisam ser considerados.

Não é só no relato da notícia que um jornal pode mostrar-se mais ou menos tendencioso. O fato de não dar uma notícia ou de destinar-lhe pouco ou muito espaço, ou mesmo de colocá-la na primeira página ou em um cantinho de um caderno também são formas de privilegiar certo fato, o que pode ser tendencioso. Sempre há escolhas que são feitas.

3. O evento abaixo foi bastante divulgado por ONG e canais alternativos, mas pouco divulgado nos jornais de grande circulação. Por que você acha que isso aconteceu? Leia a notícia e depois discuta.

II Mostra Cultural da Cooperifa debate produção de arte da periferia

De dentro da periferia, surge o estímulo à arte, à poesia, à literatura – assim também se afirmam as produções marginais e a valorização da cultura popular. É com esta ideia que o movimento cultural Cooperifa chega à sua II Mostra Cultural. O evento começa na segunda-feira (19) e vai até o dia 25 de outubro. Na programação, debates, exibições de filmes, saraus, danças, artes e teatro.



MARCELO MIN/EDITORIA GLOBO

O evento também marca o oitavo aniversário do Sarau da Cooperifa. O poeta e coordenador do movimento, Sérgio Vaz, fala sobre os caminhos que o sarau descobriu no decorrer destes anos.

“O grande barato foi descobrir que através da palavra as pessoas começaram a chegar ao livro. O projeto da Cooperifa, na verdade, é cidadania através da literatura – que é incentivo à leitura e à criação poética. Distraidamente, conseguimos que novos autores surgissem.”

Sobre as políticas de incentivo à cultura, Vaz diz que nunca recorreu aos editais de programas culturais. O poeta critica a forma como os investimentos no setor são realizados.

“De onde a gente vem, cansamos de esperar por estas iniciativas. Então, aprendemos a sonhar com as mãos, fazer as coisas, ver o que acontece. As políticas culturais são voltadas para quem já tem direito e acesso à cultura e à arte. Para quem não tem acesso, ainda continua muito difícil.”

As atividades da mostra acontecem nos Centros Educacionais Unificados (CEUs). Toda a programação é gratuita.

De São Paulo, da Radioagência NP, Ana Maria Amorim.

fonte: <http://www.radioagencianp.com.br>

- a)** O coordenador do Projeto Cooperifa faz críticas às políticas culturais: “*são voltadas para quem já tem direito e acesso à cultura e à arte. Para quem não tem acesso, ainda continua muito difícil*”. Você concorda com isso? Procure argumentos que comprovem ou refutem essa afirmação.
-
-

- 4.** Analise agora jornais do dia, procurando observar: fatos noticiados, destaques, ausências, forma de relato – alguma palavra, expressão ou ordenamento mais tendencioso.

A esse propósito, é uma discussão já antiga (e longe de ser resolvida) a questão do direito à comunicação. Há até um observatório do direito à comunicação. Se tiver oportunidade, entre no *site* e veja quais são os pontos em discussão – <http://www.direitoacomunicacao.org.br/index.php>.

ATIVIDADE 7 Como capturar o leitor: a 1ª página e outros recursos

A primeira página

É a vitrine do jornal. Sua “carta de apresentação”. Mais do que qualquer outra página, deve convidar à leitura. Vamos analisar algumas primeiras páginas.



1. Quais são as notícias principais das capas?
2. Como a foto principal da terceira 1ª página se relaciona com a manchete?
3. Por vezes, a justaposição de imagens e manchetes/títulos provocam alguns efeitos que também veiculam significados. Tente observar “essa conversa” entre fotos e textos nas primeiras páginas apresentadas. O que é possível observar quando olhamos para a página toda?

Se tiver oportunidade, não deixe de navegar pelo endereço <http://www.newseum.org/todaysfrontpages/flash/> que traz as primeiras páginas de jornais de várias partes do mundo. Para encontrar os jornais do Brasil, clique primeiro em *South America* e depois nos pontos do mapa.

4. Manchete, lide e a ordem dos fatos no relato³

Leia a sequência de eventos a seguir. Dois ou três grupos de sua turma vão escrever como seria uma conversa telefônica entre duas pessoas conhecidas sobre esses acontecimentos (uma delas os vivenciou). Outros grupos vão escrever um interrogatório (que o delegado de polícia faz para alguém que tenha vivido o acontecimento). Outros grupos, sobre esses dados como se fosse uma notícia a ser publicada em um jornal, como *Folha de S. Paulo*, e outros grupos, sobre esses dados como se fosse uma notícia a ser publicada em um jornal como *Notícias Populares*.

Dependendo do texto que você escrever, invente outros fatos ou acrescente informações, se achar necessário. Você não é obrigado nem a usar todos os fatos abaixo, nem a seguir a ordem dos acontecimentos. Escolha apenas os que julgar relevantes.

1. abre os olhos
2. consulta o relógio de cabeceira
3. levanta-se
4. vai ao banheiro
5. escova os dentes
6. lava o rosto
7. ouve a campainha da porta
8. enxuga-se às pressas
9. sai do banheiro

3. Atividade adaptada de BARBOSA, Jaqueline Peixoto. *Notícias*. São Paulo: FTD, 2001.



10. caminha até a porta
11. destranca a fechadura
12. abre a porta
13. vê um homem caído na soleira
14. corre o olhar em torno
15. constata que não há ninguém mais no corredor
16. abaixa-se
17. toca o homem com os dedos
18. sente que o corpo está frio e rígido
19. percebe que é um cadáver
20. corre para o telefone
21. discar o número da central de polícia⁴

5. Agora, leiam os textos produzidos por toda a classe.

Prestando atenção nas notícias escritas, os fatos relatados seguem a ordem de acontecimento real dos fatos ou não?

4. Sequência de eventos retirada de LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1983.

É, uma notícia dificilmente relata os fatos na ordem em que aconteceram. A ordem dos acontecimentos em uma notícia é dada pela importância suposta destes. Assim, pensa-se no que será mais relevante para o leitor ou o que vai interessá-lo mais e, daí, a sequência vai sendo montada em ordem decrescente de importância, ou seja, parte-se do fato e seus detalhes, ordenados também segundo o que se considera que vá interessar mais os leitores.

6. Segundo esse critério, arrume os fatos abaixo, montando uma notícia na forma como esta costuma aparecer nos jornais.

Apagão atinge 9 Estados e DF

• **Blecaute leva caos ao trânsito e afeta hospitais e transportes**

• **Pane na transmissão parou usina de Itaipu, afirma governo**

Segundo o governo, o apagão de ontem, que pode ter sido o maior em dez anos, atingiu cerca de 800 cidades. Em 11 de março de 1999, problemas nas linhas que levam eletricidade de Itaipu para o Sul e o Sudeste provocaram blecaute em dez Estados e no DF.

O problema, não totalmente resolvido até as 2h30 de hoje, teria sido originado por uma falha no sistema de transmissão de Furnas, que parou a usina de Itaipu e fez faltar luz até no Paraguai.

“Houve um desligamento completo de Itaipu”, disse o ministro Edison Lobão (Minas e Energia). Até o fechamento desta edição, o governo ignorava as causas. Jorge Samek, que dirige Itaipu, levantou a hipótese de um tufão ter derrubado torres de transmissão de Furnas, afetando a distribuição de energia da usina.

Um blecaute iniciado às 22h13 de ontem deixou ao menos nove Estados (SP, RJ, MG, PR, GO, MT, MS, ES e PE) e o Distrito Federal, segundo o governo, sem luz total ou parcialmente por mais de quatro horas. A **Folha** apurou problemas em mais seis Estados: RS, SC, BA, RO, AL e AC.

O apagão afetou hospitais, transporte público e telefones e levou caos ao trânsito paulistano e de outras cidades.

Folha de S.Paulo, 11 nov. 2009./Folhapress

7. Releia essa última notícia, prestando atenção na divisão de parágrafos feita. Tente dizer, em poucas palavras, o assunto tratado no:

1º parágrafo:

2º parágrafo:

3º parágrafo:

4º parágrafo:

ATIVIDADE 8 Mais armas para capturar o leitor⁵

A confiabilidade dos dados de uma notícia: não basta uma notícia ser verdadeira, é necessário que ela pareça verdadeira.

Como vimos, o leitor está sempre presente na cabeça de quem relata um fato jornalístico. E, como uma notícia trata sempre de algo acontecido na realidade, é importante não só relatar o fato, mas oferecer o máximo de dados possíveis para que este pareça verdadeiro e a notícia, confiável. Por isso, o texto da notícia tem algumas características que vamos comentar.

Palavras e expressões que indicam tempo e lugar

Ao ler uma notícia, sempre é possível saber onde e quando o fato relatado aconteceu?

Diferentemente dos contos tradicionais em que a indeterminação do tempo é uma característica – “Era uma vez” –, e não se sabe bem quando o que é narrado aconteceu, nas notícias sempre há a indicação do tempo e do lugar em que o fato ocorreu.

5. Atividade adaptada de BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Notícias*. São Paulo: FTD, 2001.

1. Na notícia lida sobre o apagão e também na que se segue, sublinhe todas as palavras ou expressões que indiquem tempo e/ou lugar.

Michael Jackson morre aos 50

Músico sofreu parada cardíaca em casa, nos EUA; seu álbum "Thriller", de 1982, é o mais vendido da história.



O cantor Michael Jackson, 50, morreu após sofrer parada cardíaca na sua casa em Los Angeles (EUA). O anúncio da morte foi feito às 14h26 locais (18h26 de Brasília) pelo Centro Médico da Universidade da Califórnia, para onde ele foi levado, em coma profundo, depois de ser encontrado por paramédicos dos bombeiros sem sinais de pulso ou respiração.

Até a conclusão desta edição, as causas estavam sendo investigadas. Brian Oxman, advogado ligado aos Jackson, disse que ele teria problemas com uso excessivo de remédios vendidos sob receita médica.

Michael Jackson, que ganhou fama aos 11 anos, em 1969, no grupo Jackson 5, foi um dos maiores nomes da música pop, com 14 canções no topo das paradas dos EUA. Seu álbum "Thriller" (1982) é o mais

vendido da história (ao menos 50 milhões de cópias). Estima-se que tenha comercializado até 750 milhões de discos.

Em julho, o cantor iniciaria turnê em Londres. Desde os anos 90, ele era alvo de rumores sobre a mudança da cor de sua pele e alegações de abuso de menores. Em 2005, um julgamento o inocentou de dez acusações. Ele deixa três filhos.

Folha de S.Paulo, 26 jun. 2009./Folhapress

Tornando o relato ainda mais preciso e objetivo

2. Além da determinação de lugar e tempo, há outras formas de precisar dados em uma notícia. Volte à notícia sobre a morte de Michael Jackson e sublinhe tudo que considerar que sirva para dar maior precisão aos fatos: outros números ou quantificações e explicações a respeito dos dados veiculados. Em geral, essas informações são isoladas por vírgulas, travessões ou parênteses.
3. Agora, compare o trecho abaixo com os dois primeiros parágrafos da notícia lida:

Soubemos que o cantor Michael Jackson, 50, morreu após sofrer parada cardíaca na sua casa em Los Angeles (EUA). Nosso correspondente nos informou que o anúncio da morte foi feito às 14h26 locais (18h26 de Brasília) pelo Centro Médico da Universidade da Califórnia, para onde ele foi levado, em coma profundo, depois de ser encontrado por paramédicos dos bombeiros sem sinais de pulso ou respiração.

Até a conclusão desta edição, não tivemos acesso às causas, só sabemos que Brian Oxman, advogado ligado aos Jackson, disse que ele teria problemas com uso excessivo de remédios vendidos sob receita médica.

- Que diferenças você nota? Por que as notícias não são escritas desse modo? Converse com a turma sobre isso.

O uso de declarações

4. Muitas vezes, uma notícia inclui o que alguém envolvido com o fato relatado disse. Assim, podemos ter algo como no trecho abaixo:

“Para nós, a lei foi um grande problema. 14 artigos dificultam a regulamentação de uma rádio comunitária na periferia”, completa a coordenadora.

Esse mesmo trecho poderia ser escrito da seguinte maneira:

A coordenadora afirma que para a comunidade a lei foi um grande problema. Diz que 14 artigos dificultam a regulamentação de uma rádio comunitária.

a) Que diferenças você nota entre essas duas formas de dizer?

b) O que marca, em determinado trecho de uma notícia, a fala de alguém citado na notícia?

c) Qual dos dois trechos dá maior vivacidade ao relato? Justifique.

Então, podemos concluir que inserir declarações de pessoas envolvidas com os fatos noticiados confere maior credibilidade à notícia e fazem os leitores terem uma visão mais clara sobre o indivíduo citado na matéria. Ou seja, se alguém, que não seja o jornalista, diz algo, isso torna a informação mais confiável. Além disso, quem se responsabiliza pelo que foi dito é o depoente e não o jornalista. Por isso, é comum as notícias incluírem declarações das pessoas envolvidas. Isso pode ser feito de duas formas: pela reprodução da fala da pessoa – discurso direto – ou pelo relato da fala pelo repórter – discurso indireto.

5. Leia o texto abaixo:

Rádios Comunitárias enfrentam dificuldades para se legalizarem

Vivian Lobato

Defender os direitos dos cidadãos, dar voz à população local, articular mobilizações sociais e principalmente ouvir a comunidade. Essas são algumas das razões da existência das rádios comunitárias no Brasil. Porém, a burocracia e as pressões políticas dificultam a legalização dessas rádios no Ministério das Comunicações.



Cerca de 3 mil rádios comunitárias já entregaram toda a documentação para conquistarem a concessão de seus sinais, mas a maioria delas está longe de obter uma resposta.

“Muitas rádios estão operando há cinco, seis ou até dez anos de forma precária. O processo é muito lento, após a avaliação de todo o projeto técnico, ocorre a publicação no *Diário Oficial*, para, só depois, a Câmara dos Deputados votar e aprovar o projeto”, ressalta a coordenadora da Rádio Cantareira, Juçara Zotti, veículo comunitário que atua há quase 15 anos na região da Brasilândia, em São Paulo (SP). A Rádio Cantareira entrou com o pedido de concessão há dez anos e, por enquanto, ainda não foi legalizada.

Segundo a coordenadora, a Lei nº 9612 de 1998, que institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária, ao invés de ajudar e promover as rádios comunitárias, prejudica. “Para nós, a lei foi um grande problema. 14 artigos dificultam a regulamentação de uma rádio comunitária na periferia”, completa a coordenadora.

Uma das determinações da Lei de Radiodifusão Comunitária é sobre a potência da emissora, que pode atingir, no máximo, 25 watts, o que dificulta sua difusão. A Agência Nacional de Telecomunicação (Anatel) é também quem decide até onde o sinal da rádio vai alcançar, além de exigir uma antena de transmissão de no máximo 30 metros do chão. Os direitos autorais sobre as músicas são outro desafio, pois a lei não protege as rádios comunitárias das comerciais.

De acordo com Juçara, o grande problema enfrentado pelas rádios comunitárias é a autossustentabilidade. A legislação diz que essas emissoras não podem auferir lucros. Mas, de alguma forma, as rádios comunitárias precisam gerar fundos para sobreviver, pois precisam pagar contas de água, de luz, de telefone, de alimentação, de transporte e a manutenção de seus próprios equipamentos.

Uma solução para a sustentabilidade das rádios comunitárias é a veiculação de propagandas. Entretanto, a lei não garante que a rádio possa ter comerciais ou anúncios publicitários, só permitindo o uso de apoios culturais, que são ajudas financeiras de comércios locais da comunidade para manter a rádio.

“Nós é que vamos atrás de pessoas da comunidade dispostas a ajudar, são os famosos apoios culturais”, explica o coordenador de programação da rádio comunitária de Heliópolis, em São Paulo (SP), Reginaldo Gonçalves, que funciona na comunidade há mais de 15 anos. A Rádio Heliópolis é a rádio comunitária que está no processo de legalização mais avançado em São Paulo. Segundo Gonçalves, até o meio do ano a concessão do sinal provavelmente sairá.



Rádio Katana, Rio de Janeiro (RJ).

Para Juçara, esta aí o grande problema. “A lei não permite anúncios publicitários. Um mercadinho da comunidade que ajuda a rádio não pode, sequer, promover qualquer anúncio na programação. Isso dificulta muito, pois tratando da comunidade o apoio deveria ser uma via de mão dupla.”

ANA CAROLINA FERNANDES/FOLHA IMAGEM

O coordenador da rádio Heliópolis também explica que outra grande dificuldade enfrentada pelas rádios comunitárias é que muitas vezes elas são confundidas com rádios piratas. “A rádio pirata tem muito anúncio e concorre com as rádios comerciais. Diferente das piratas, a preocupação das rádios comunitárias é promover programas que promovem a cidadania, a educação e a cultura para a comunidade local.”

Segundo Juçara, estão em processo de avaliação 52 propostas de Rádio Comunitárias em São Paulo. O Ministério das Comunicações está para aprovar cerca de 20 projetos até o final de 2008.

Em junho do ano passado, durante o Encontro Nacional de Comunicação, na Câmara dos Deputados, o ministro da Comunicação Social, Franklin Martins, disse que o governo deveria fazer um mutirão para organizar o setor.

Uma das ações promovidas pelo governo é a distribuição de uma cartilha que mostra a importância da rádio comunitária, reforçando seu papel na afirmação da identidade local e na prestação de serviços. Desde 2005, o Ministério das Comunicações já distribuiu mais de 25 mil manuais de orientação sobre o serviço e 39 mil cartilhas.

“As rádios comunitárias são fundamentais. É um veículo de comunicação que não apenas cuida do entretenimento, mas divulga informações importantes para o dia a dia e estreita os laços da comunidade”, afirma o ministro Hélio Costa no *site* do Ministério.

Portal Aprendiz (www.aprendiz.org.br) 30/05/08

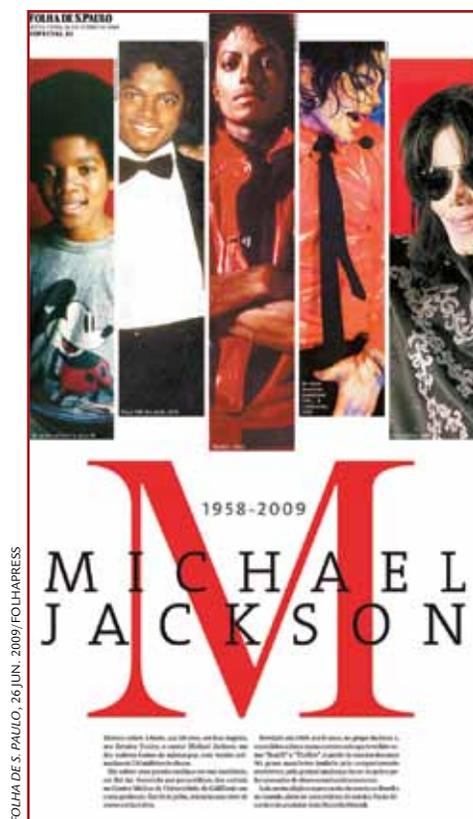
a) Que verbos acompanham as declarações contidas na notícia acima?

b) Que outros verbos podem acompanhar declarações em uma notícia?

ATIVIDADE 9 *Notícia x reportagem*

Uma “prima-irmã” da notícia é a reportagem. Vamos examinar até onde vai essa relação de parentesco.

Você já releu a notícia da morte de Michael Jackson na atividade 8. O jornal *Folha de S. Paulo* lançou o seguinte caderno sobre o cantor:



1. Que tipo de informações e relatos um caderno como esse poderia trazer?

Neste caso, um fato noticiado originou uma reportagem em razão de o envolvido ser uma personalidade muito conhecida, cantor que vendeu cerca de 750 milhões de discos. Outras vezes as reportagens não dependem de um fato noticiado.

2. Agora leia os trechos de outra reportagem:

Biblioburro – uma biblioteca montada em dez pernas e com 4.800 livros

Colombiano criou biblioteca itinerante montada em cima de seus burros. O “Biblioburro” leva educação a regiões empobrecidas do país.

por *Simón Romero*
The New York Times

Num ritual repetido quase todos os finais de semana da década passada em La Gloria, região da Colômbia fatigada pela guerra, Luis Soriano reuniu seus dois burros, Alfa e Beto, na frente de sua casa numa recente tarde de sábado.

Já transpirando sob o implacável sol, ele amarrou nas costas dos animais bolsas com a palavra “Biblioburro” pintada em letras azuis, e as encheu com uma eclética carga de livros destinados aos habitantes das pequenas vilas mais além. [...]

“Comecei com 70 livros, e agora tenho uma coleção com mais de 4.800”, disse Soriano, 36 anos, professor de escola primária que vive aqui numa pequena casa com sua esposa, seus três filhos, e livros empilhados até o teto.

“Tudo começou como uma necessidade; então se tornou uma obrigação; e depois disso, um hábito”, explicou ele, olhando as montanhas se ondulando no horizonte. “Agora”, disse, “é uma instituição”.

O Biblioburro de Soriano é uma pequena instituição: um homem e dois burros. Ele a criou a partir da simples

crença de que o ato de levar livros a pessoas que não os têm poderia, de alguma forma, melhorar esta região empobrecida – e talvez a Colômbia.

Ao fazer isso, Soriano emergiu como o mais conhecido residente de La Gloria, uma cidade que se sente isolada dos ritmos do mundo maior. Soriano nunca saiu da Colômbia – mas se mantém dedicado a trazer a seu povo um toque do mundo externo. Seu projeto ganhou a aprovação de especialistas em alfabetização do país e é o assunto de um novo documentário do cineasta colombiano Carlos Rendon Zipaguata.



SCOTT DALTON/THE NEW YORK TIMES

Luis Soriano viaja pela Colômbia com seu Biblioburro de 4.800 livros.

Poder transformador

Ele disse que a ideia surgiu após ele haver testemunhado, como jovem professor, o poder transformador da leitura entre seus pupilos, que haviam nascido em meio a conflitos ainda mais intensos do que quando ele era criança. A violência de grupos criminosos era tão ruim durante sua infância que seus pais o enviaram para viver com sua avó na cidade vizinha de Valledupar, próxima à fronteira venezuelana. Ele retornou aos 16 anos com um diploma do colegial e conseguiu um emprego ensinando leitura a crianças em idade escolar. [...] Em meio a essa violência, que desde então tem diminuído, Soriano se aventurou com seus burros, levando consigo alguns livros

SCOTT DALTON/THE NEW YORK TIMES



Soriano lê para crianças na vila de El Brasil, em região empobrecida da Colômbia

escolares, volumes de enciclopédias e romances de sua pequena biblioteca particular. Em paradas ao longo do caminho, crianças ainda esperam pelo professor em grupos, para ouvi-lo ler trechos dos livros antes de pedi-los emprestados. [...]

The New York Time, 20 out. 2008.

Discuta com sua turma as questões que se seguem:

- a) Luis Soriano se desloca com seus burros levando livros por toda a região desde 1988. Por que você acha que essa reportagem foi publicada somente dez anos depois, em 2008?
- b) Por que Soriano teve essa iniciativa?
- c) Observe os trechos destacados (em negrito) nos dois primeiros parágrafos do texto. Em que esse modo de iniciar é diferente do de uma notícia?

“Vale mais que um trocado”

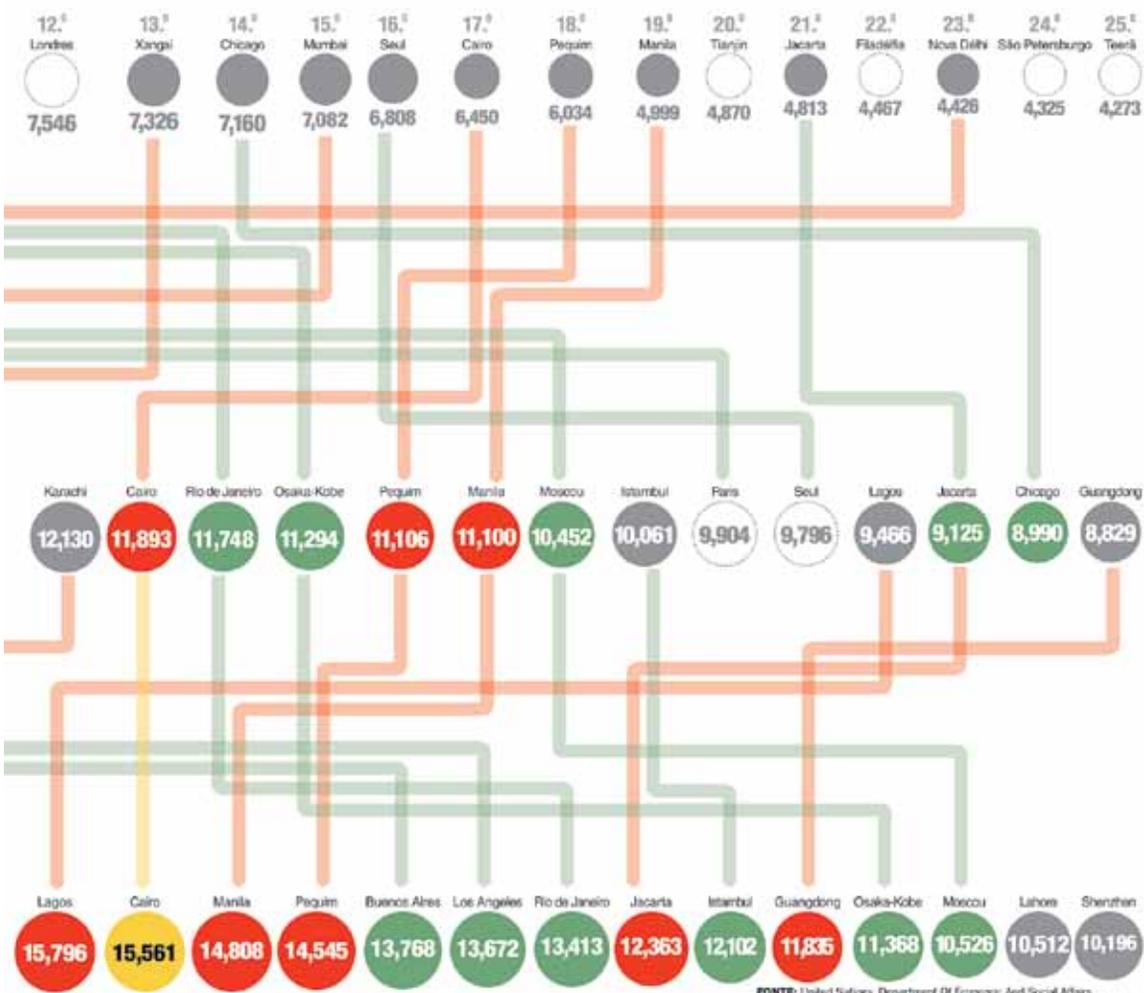
Em atitude semelhante, o jornalista Rodrigo Ratier publicou na revista *Nova Escola* de abril de 2009 uma reportagem intitulada “Vale mais que um trocado”, em que conta uma experiência que fez nos semáforos da cidade. Em vez de dar dinheiro, Rodrigo oferecia livros para os pedintes e vendedores ambulantes. Ele não recebeu nenhuma recusa e muitos pediam mais. Assim como o colombiano Luis Soriano, a atitude de Rodrigo busca ampliar as possibilidades de acesso ao livro.

fonte: <http://revistaescola.abril.uol.com.br>

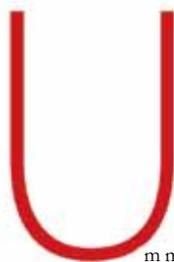
3. Em agosto de 2008, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma extensa reportagem sobre as grandes cidades em um formato de revista. Leia as páginas iniciais dessa reportagem.



O ESTADO DE S. PAULO - MEGACIDADES, 3 AÇO, 2008



FORNE: United Nations, Department Of Economic And Social Affairs, Population Division (2008). World Urbanization Prospects, The 2007 Revision, Highlights. (United Nations Working Paper No. ESA/P/WP/205)



Um milhão de pessoas a mais por semana. É esse o ritmo do crescimento das cidades do mundo. Em 1950, havia 86 cidades com mais de 1 milhão de habitantes; atualmente há 400. Naquele ano, Nova York era uma megacidade solitária no planeta; hoje há 25, dois terços delas concentrados nos países em desenvolvimento.

Foram necessários 100 mil anos para que, em 2008, a população urbana – cerca de 3,4 bilhões – superasse a do campo. Mas em 2025 o percentual da população urbana já será de 61%, segundo projeções da Organização das Nações Unidas (ONU).

A parte mais vistosa desse processo de urbanização é a explosão das megacidades. Pela definição da ONU, as megalópoles têm mais de 10 milhões de habitantes em seus limites geográficos formais. É uma voracidade que cria manchas urbanas que podem englobar dezenas de municípios. Nas últimas décadas, a conurbação de São Paulo a Campinas, por exemplo, foi tão intensa que criou a primeira macrometrópole do Hemisfério Sul, superando as previsões de que Lagos, na Nigéria, chegaria antes.

a) Em que as cores contribuem para a leitura das informações representadas no infográfico?

b) Construa um gráfico que mostre o crescimento do número de regiões metropolitanas entre 1950 e o ano em que a reportagem foi feita (2008). Dê um título para o gráfico.



c) Observe a seguinte frase retirada do início da reportagem:

“Nova York era uma megacidade solitária no planeta.”

Compare com esta frase:

Nova York era a única megacidade do planeta.

O sentido geral das frases é o mesmo? Qual das duas formulações é mais adequada para uma notícia? Por quê?

d) Agora, observe o gráfico da reportagem: o que ele indica?

e) O que acontece com as cidades brasileiras?

f) Cite três exemplos de cidades que ganharam posições.

g) Cite três exemplos de cidades que perderam posições.

h) Cite três cidades que surgem no *ranking* nos últimos 35 anos.

i) Que cidades desaparecem do *ranking*?

j) Que problemas são comuns em megalópoles?



JAIME OIDE/FOLHAPRESS

4. Agora, observe o índice dessa publicação/reportagem:

Grandes Reportagens • O ESTADO DE S. PAULO

Megacidades

São Paulo / Agosto de 2008



CAPA: Imagem aérea da região da Avenida Paulista ao anoitecer, captada por uma lente grande angular, por **EDUARDO NICOLAU**

<p>10 O SÉCULO DAS CIDADES Terceiro Mundo dita o ritmo de urbanização das metrópoles</p> <p>14 XANGAI O crescimento com planejamento a um custo que os chineses querem pagar</p> <p>20 CHONGQING A cidade pobre que está sendo reconstruída para abrigar 32 milhões de habitantes</p> <p>21 ENTREVISTA: SASKIA SASSEN Cidades globais criam uma elite extremamente próspera e dominadora</p> <p>24 LONDRES Empresendimentos bilionários afugentam classe média das áreas centrais</p> <p>28 MOSCOU Da propriedade coletiva, na era soviética, para a proibitiva nos dias de hoje</p> <p>32 TÓQUIO Os japoneses estão abrindo mão do automóvel e se espreitando nos trem</p> <p>36 ENTREVISTA: MIKE DAVIS Legalizar favelas é uma demanda justa e antiga na América Latina</p> <p>38 MUMBAI No meio do caminho tinha uma favela bilionária e resistente (chamada Dhruvi)</p> <p>44 LAGOS Rica em petróleo, metrópole tem o pior padrão de vida das megacidades</p> <p>50 NOVA YORK Com dinheiro no caixa, prefeitura lança plano pensando em 2030</p> <p>54 CIDADE DO MÉXICO Exploração irracional das águas fez a capital mexicana afundar</p>	<p>60 SÃO PAULO/URBANISMO São Paulo e Campinas já formam a primeira macrometrópole do Hemisfério Sul</p> <p>71 ARTIGO: JOSÉ SERRA Como ingressar na solução dos problemas metropolitanos</p> <p>72 SP/INFRA-ESTRUTURA R\$ 176 bilhões a conta da solução dos problemas</p> <p>74 SP/TRÂNSITO Rodízio de caminhões, o que vem em seguida?</p> <p>80 SP/POLUIÇÃO Em 2008, paulistanos perderão 28.212 anos de vida</p> <p>82 SP/ÁGUA A briga das metrópoles pelos mananciais</p> <p>88 SP/AMBIENTE O cenário desolador dos Rios Tietê e Pinheiros</p> <p>94 SP/LIXO A viagem de mais de 50 km para levar embora os detritos</p> <p>98 SP/SEGURANÇA Enfim o ciclo da violência começa a ceder</p> <p>106 ENTREVISTA: BILL MITCHELL Crescer sem planejamento só cria problemas para o futuro</p> <p>108 BRASÍLIA Reverenciado modelo urbanístico pede um novo plano</p> <p>112 ENTREVISTA: OLIVER HILLEL O poder do cidadão urbano de decidir o futuro do planeta</p> <p>113 ARTIGO: ANDRÉ URANI Para sair do buraco, Rio de Janeiro precisa se reinventar</p> <p>114 RIO A periferia conectada culturalmente com o mundo</p> <p>118 PORTAL Documentário, imagens, fóruns: a revista na internet</p>
--	---

Publicação de **S.A. O ESTADO DE S. PAULO**
Avenida Eng. Gostoso, 300
CEP 02090-000 - São Paulo (SP)

Telefone: (0xx11) 3596-2122
Fax: (0xx11) 3596-2960
E-mail: secom@estado.sp.gov.br

Divisor de Conteúdo: Ricardo Gandour; **Editor-chefe:** Roberto Góez; **Editora executiva:** Mariângela Hanau

Editora: Rosângela Patta; **Editores-assistentes:** Carlos Marchi, Eduardo Nunezumi, Marina Paulquinio e Sérgio Pompeu

Revisor: Francisco Meçaê dos Santos; **Diretor de arte:** Fábio Sales; **Assistente de arte:** Adriana Luciani; **Editor de Fotografia:** Eduardo Niccolai

Infográficos: Flávia Müller, Rubens Pires e William Marinho; **Pesquisas fotográficas:** Carlos Silva Sena

Tratamento de Imagens: Fernando Pato Tereziato e João Wanderley da Lira; **Editor-chefe de Conteúdo Digital:** Marco Chaves

Editor de Multimeia: Felipe Machado; **Editor de Especials:** Daniel Jahn; **Editor de Arte Digital:** Thiago Braga

Divisor de Mercado Anunciantes: Claudio Santos; **Divisor de Projetos Especiais e Marketing Publicitário:** Antonio Russo

Divisores Comerciais: Isabel Dalta e Ruy Mendonça

Impressão na Galvão Print / Tiragem: **300 mil exemplares**

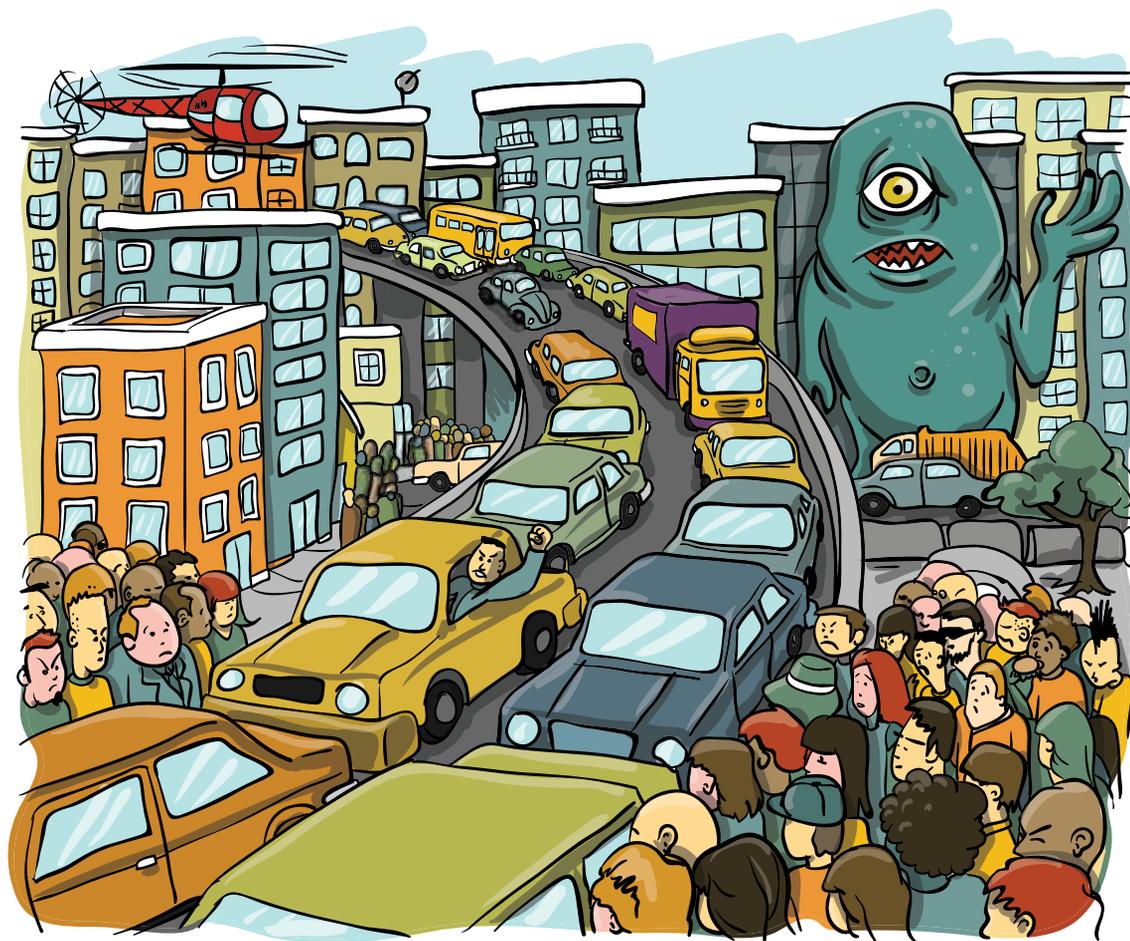
O ESTADO DE S. PAULO - MEGACIDADES, 3 AGO. 2008

a) Quais problemas mencionados são contemplados pela revista? Quais não são?

b) Com base no índice, tente perceber a estrutura da reportagem. Volte às primeiras páginas da reportagem (p. 74 e 75) e discuta com seus colegas: qual a função desse item na reportagem?

c) Que cidades do Brasil estão nessa reportagem?

d) Identifique dois problemas das cidades brasileiras que também são problemas em cidades de outros países.



e) Com que objetivo uma reportagem como essa pode ter sido feita?

f) Um dos problemas apontados é o trânsito em São Paulo. Você considera que esse é mesmo um grande problema?

5. Vejamos algumas fotos que valem por muitas palavras:



a) Nessa reportagem o que essas fotos podem ilustrar? O que poderia ser feito para minimizar o problema do trânsito?

- b) Leia o texto: “Japoneses abrem mão do automóvel. E se espremem nos trens sobre o metrô de Tóquio”, de Leandro Modé. Antes, porém, observe a foto que o acompanha e responda. Que situação essa foto ilustra e que relação pode ter com a primeira foto?

A hora do *rush* na maior mancha urbana do mundo, com 35,3 milhões de moradores, é semelhante à de qualquer outra megalópole com uma exceção: os japoneses se disciplinaram para conviver com ela.

Os passageiros do metrô que querem tentar um cobiçado assento formam uma fila ao lado daqueles que preferem partir rapidamente. Assim que o trem fecha as portas, a fila dos que esperaram para viajar sentados se desloca para o lugar da outra. É um movimento tão sincronizado que parece ensaiado. Funciona perfeitamente. As pessoas espremem-se nos ônibus, trens de superfície e no metrô, onde funcionários com uniforme azul-marinho e luvas brancas tratam de empurrar vigorosamente os passageiros vagão adentro. Tudo para manter a eficiência no atendimento à população. Sem atrasos, sem demora. [...]



KIM KJUNG-HOON/REUTERS

O desconforto de viajar colado ao corpo de estranhos é compensado não só pela pontualidade, mas também pela organização e abrangência da rede. São 283 estações e 292 quilômetros de linhas, cinco vezes a extensão do metrô de São Paulo. Graças a isso, a maioria dos habitantes da Região Metropolitana abre mão do veículo próprio. Segundo o último relatório anual do Governo Metropolitano de Tóquio, de 2006, o número de passageiros do sistema, que inclui ônibus, metrô, trens de superfície e bondes, chega a 43 milhões por dia – ele supera o da população total porque as pessoas fazem mais de uma viagem diariamente. Desse total, 66% utilizaram os 7,5 mil km de linhas de trens metropolitanos. [...] O investimento em transporte de massa foi a saída encontrada pelas autoridades para que Tóquio suportasse a explosão populacional. [...]

Mesmo com o domínio do transporte de massa, a metrópole não está livre dos congestionamentos. Principalmente nas vias que ligam áreas de subúrbio ao centro. “Essas regiões são malservidas de transporte coletivo”, diz o professor Akito Murayama, da Universidade de Nagoia. Na Região Metropolitana, para cada pessoa que circula com veículo próprio, há duas que usam o sistema coletivo. Na cidade de Tóquio, a proporção favorável ao transporte público é bem maior: 5 para 1. [...]

O Estado de S. Paulo, 3 ago. 2008. Megacidades.

6. Quais são as semelhanças e as diferenças em relação ao que acontece no Brasil nas duas situações a seguir: a primeira em São Paulo e a segunda no Rio de Janeiro?

Fracassa primeira tentativa de melhorar embarque no metrô

Medida que restringe acesso a vagões na Sé durou metade do previsto; secretário culpa chuva

Passageiros dizem que embarque foi mais tranquilo, mas espera na plataforma aumentou; Metrô não sabe se retoma operação hoje

Folha de S.Paulo, 29/9/2009

Funcionários de estação de trens agridem usuários no RJ

Usuários embarcam em trem em Queimados (Baixada Fluminense); no destaque agente é filmado durante agressão a passageiros na estação de Madureira, no Rio.

Folha de S.Paulo, 16/4/2009

ATIVIDADE 10 Mais reportagens

1. Veja agora uma reportagem de capa da revista *Serafina* de 25 de outubro de 2009, publicação mensal que acompanha o jornal *Folha de S. Paulo*:



FOLHA DE S. PAULO - REVISTA SERAFINA 25 OUT. 2009



CRIADOS NAS RUAS DO BAIRRO DO CAMBUCI E IMPREGNADOS PELA CULTURA HIP HOP, OS PIONEIROS DO GRAFITE NO BRASIL SE TRANSFORMAM EM UM DOS (DOIS) MAIS INTERESSANTES E INTERNACIONAIS ARTISTAS DO PAÍS

CRIADOS NAS RUAS DO BAIRRO DO CAMBUCI E IMPREGNADOS PELA CULTURA HIP HOP, OS PIONEIROS DO GRAFITE NO BRASIL SE TRANSFORMAM EM UM DOS (DOIS) MAIS INTERESSANTES E INTERNACIONAIS ARTISTAS DO PAÍS

LADO A – ARTISTAS

Vagando entre o mundo da lua e “tritez”, seu universo particular, os irmãos conquistaram o mundo com seu exército de sonho

Os Gêmeos são patrimônio do Tesouro Nacional. Não oficialmente, mas os personagens amarelos, sua marca registrada, habitam hoje os mais variados cantos do planeta e são cobiçados por colecionadores que frequentam o *jet set* das artes no topo do império ocidental.

São também reconhecidos por qualquer paulistano que tenha reparado nos muros da cidade nos últimos 20 anos e por qualquer terráqueo minimamente interessado em arte – seja ela do tipo que for.

A chamada “street art” (arte de rua), no entanto, assim como as discussões sobre o grafite estar nos muros ou na galeria são ideias cada vez mais distantes do trabalho atual dos irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo, 35, que abrem hoje, dia 25 de outubro, na Faap, em São Paulo, a mostra “Vertigem”.

Pioneiros do grafite nacional, é por habitarem tanto as ruas quanto as galerias que os irmãos têm opinião clara sobre a mistura das duas coisas. “Arte de rua tem de ser na rua. Não tem em outro lugar. Migrou para galeria ou museu não é mais arte de rua, mesmo que seja feita por um grafiteiro, com as mesmas técnicas usadas num muro. Nas ruas, a arte lida com a transformação, a transferência, o anonimato, o inesperado,

as leis, a pressa, as pessoas que passam. No espaço fechado, tem curador, público, expectativa, tempo, permissão.”

“Vertigem”, portanto, não é exatamente uma mostra de arte de rua. Tampouco de grafite ou escultura, apesar de exibir os dois suportes. O que a dupla produz hoje não comporta classificações nem nomenclatura exata. São artistas. Do *spray*, da madeira, das lantejoulas. Da técnica e do autodidatismo. Da rua e do museu. Do *hip-hop*, do samba, do maracatu. De São Paulo e do mundo.

“Nossa arte transcende ser contemplativa ou conceitual. É um pedaço do filme que passa nas nossas cabeças”, dizem, sem que jamais um atrole a fala do outro. Otávio complementa o raciocínio iniciado por Gustavo, e vice-versa. Numa entrevista, fica praticamente impossível identificar quem diz o quê. “Eu confio no que ele fala, e ele confia no que eu falo. Ele é minha terapia, e eu sou a terapia dele. A gente não conversa muito. Só se olha e já sabe.” [...]



FOLHA DE S. PAULO – REVISTA SERAFINA 25 OUT. 2009

48

Uma obra... (text partially obscured)

“Um milhão de pinturas produzidas em quatro meses... (text partially obscured)”

... (text partially obscured)

planeta amarelo

A ARTE D'OSGEMEOS PELO MUNDO

AYRSHIRE (ESCÓCIA) Em 2007, passam um mês grafitando o castelo de Kelburn, do século 13, a convite dos herdeiros e proprietários, Alice e David Boyle

SITTARD (HOLANDA) Exposição individual no museu Het Domein Sittard, em 2007

LONDRES (INGLATERRA) Em 2008, pintam a fachada da galeria Tate Modern durante a mostra coletiva "Street Art"

ATENAS (GRÉCIA) Pintam painel nos Jogos Olímpicos em 2002

HAVANA (CUBA) Participam da 9ª Bienal de Havana

NOVA YORK (EUA) Exposições individuais na Dutch Projects Gallery, a mesma galeria de Keith Haring e Jean-Michel Basquiat, em 2005 e 2008; neste ano pintam um enorme mural no East Village, e o trabalho ganha repercussão nos principais jornais e blogs novo-iorquinos

BRASIL Há trabalhos em São Paulo, no Rio, em Minas Gerais, em Porto Alegre, no Recife, em Natal e em Maceió

MADRI E BARCELONA (ESPANHA) Exposição individual na galeria Pilar Parra & Romero, em Madri, em 2008, em 2004, pintam a fachada da loja de tinta spray Montana, em Barcelona

PARIS (FRANÇA) Participam de exposição coletiva no Carrusel du Louvre

HIROSHIMA (JAPÃO) Participam de mostra coletiva sobre o Brasil no Museu de Arte Contemporânea

planeta amarelo

A ARTE D'OSGEMEOS PELO MUNDO

AYRSHIRE (ESCÓCIA) Em 2007, passam um mês grafitando o castelo de Kelburn, do século 13, a convite dos herdeiros e proprietários, Alice e David Boyle

SITTARD (HOLANDA) Exposição individual no museu Het Domein Sittard, em 2007

LONDRES (INGLATERRA) Em 2008, pintam a fachada da galeria Tate Modern durante a mostra coletiva "Street Art"

ATENAS (GRÉCIA) Pintam painel nos Jogos Olímpicos em 2002

HAVANA (CUBA) Participam da 9ª Bienal de Havana

NOVA YORK (EUA) Exposições individuais na Dutch Projects Gallery, a mesma galeria de Keith Haring e Jean-Michel Basquiat, em 2005 e 2008; neste ano pintam um enorme mural no East Village, e o trabalho ganha repercussão nos principais jornais e blogs novo-iorquinos

BRASIL Há trabalhos em São Paulo, no Rio, em Minas Gerais, em Porto Alegre, no Recife, em Natal e em Maceió

MADRI E BARCELONA (ESPANHA) Exposição individual na galeria Pilar Parra & Romero, em Madri, em 2008, em 2004, pintam a fachada da loja de tinta spray Montana, em Barcelona

PARIS (FRANÇA) Participam de exposição coletiva no Carrusel du Louvre

HIROSHIMA (JAPÃO) Participam de mostra coletiva sobre o Brasil no Museu de Arte Contemporânea

"Os Gêmeos em São Paulo são como um instantâneo da paisagem urbana – estamos acostumados a conviver com o trabalho dos dois. Por isso, foi bem impressionante vê-los na Tate Modern. Você vê o espaço que deram para eles em Londres, onde o grafite é muito respeitado, e pensa: 'Os caras são realmente muito bons!'"

ZECA CAMARGO, APRESENTADOR DO "FANTÁSTICO" E COLECIONADOR DE ARTE



I ♥ Os Gêmeos

A ARTE DOS IRMÃOS PANDOLFO DESCRITA POR SEUS ADMIRADORES



"O trabalho deles aparece no filme que a Mostra produziu em 2004, 'Bem-Vindo à São Paulo'. Mas a ideia de convidá-los para assinar as artes do cartaz da 33ª Mostra veio neste ano, quando nos encontramos no estúdio do Bob Wolfenson para uma foto [que integrou ensaio na *Serafina* de janeiro]. Eles são um bom antídoto contra as monocromias da nossa cidade."

LEON CAKOFF, DIRETOR DA MOSTRA DE CINEMA DE SP



"Não há como olhar para as paredes que eles pintam e não se sentir transformado pela vivacidade, pelo vigor, pela identidade. Como toda obra de personalidade, divide opiniões. Se fosse condizente com a normalidade, com o que se convencionou chamar bom gosto, as pessoas ficariam indiferentes. Eu acho muito impressionante."

MARCIA FORTES, GALERISTA



"Por mais que bebam da cultura hip hop, eles tiveram a coragem de romper com essa estética do grafite de Nova York e colocaram um traço brasileiro. São bons, criativos. E, mesmo fazendo sucesso pra caramba no mundo todo, sempre voltam para a casa deles, no Cambuci, enchem o carro velho de spray e vão fazer grafite na rua."

JOÃO WAINER, FOTÓGRAFO E DIRETOR DO DOCUMENTÁRIO "PIXO"

"A rua e o grafite deram a base para eles se desenvolverem. É muito legal acompanhar a evolução dos dois. O mesmo padrão que eles criam na rua, por exemplo, usaram no Museu de Arte Brasileira na Faap. Isso é muito genuíno e mostra que eles sempre enxergaram o muro como uma tela muito mais profunda."

RENATA SIMÕES, APRESENTADORA DO PROGRAMA "URBANO", DO MULTISHOW



"Eles são muito bons e representam muito bem as coisas do Brasil. Desde que começaram a implantar as características, os personagens nordestinos, as cores fortes, as pessoas começaram a enxergar grafite de outra forma. Tem muita força. E a projeção deles nos ajuda. Eles abriram muitas portas e continuam abrindo."

ALEX HORNEST (ONESTO), GRAFITEIRO





LADO B – ARTEIROS

Desde pequenos, os meninos do cambuci, que viram sua arte florescer junto com a cultura *hip-hop* nos anos 80, interferiam nos objetos à sua volta

“Desmontar brinquedo, remontar... Nossa brincadeira já era isso que a gente faz aqui. Ganhávamos presentes dos nossos pais e tínhamos que ir no fogão, esquentar a faca, cortar a rodinha, colar de outro jeito, aí sim virava um carrinho, aí ficava bom.”

Pautados sempre por esse estado de espírito, que, anos mais tarde, seria sintetizado por Chico Science como “diversão levada a sério”, os irmãos viram as brincadeiras de rua se misturarem às práticas relacionadas com uma então emergente cultura urbana. “A gente cresceu junto com o *hip-hop*, que era muito forte na época [final dos anos 1980]. Existia um grupo chamado Fantastic Breakers, que

se reunia na frente da nossa casa, no Cambuci. Nós começamos a dançar, dançar... Ficamos fanáticos pelo movimento, tipo ‘é só nisso que a gente acredita na vida, dançar *break*, fazer *rap*, pintar grafite, esse é nosso mundo, e tudo mais que rola em volta não é legal’. Só isso era legal”, lembram.

Naturalmente, acabaram chegando ao epicentro daquela energia, o principal ponto de encontro pra todos os *b-boys*, DJs, MCs e grafiteiros na segunda metade dos anos 1980: “Quando pisamos ali na (estação do metrô) São Bento, o primeiro cara que a gente viu foi o Thaíde. Ele estava de agasalho preto com listras amarelas e chapeuzinho preto”, contam.

a) A reportagem se divide em dois grande tópicos: Lado A e Lado B. O que cada lado traz?

b) Em que continentes OsGemeos já produziram trabalhos? Em que tipo de situação?

c) Volte à página 86, em que seis admiradores descrevem a arte dos irmãos. De acordo com eles, quais são as características principais do trabalho da dupla?

d) O que pode ter motivado uma reportagem como essa?

2. Agora, você vai ler uma reportagem cujo título é: *Mesmo informadas, adolescentes cometem os mesmos erros há 20 anos.*

Sobre o quê você acha que essa reportagem vai falar?

Mesmo informadas, adolescentes cometem os mesmos erros há 20 anos

Mário Tonocchi

da *Folha Online*, em Campinas

As adolescentes brasileiras de classe média baixa com gravidez indesejada cometem hoje os mesmos erros das adolescentes que poderiam ser suas mães e que engravidaram no início da década de 80. Dois estudos da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), um realizado em 1979 e outro que está sendo concluído agora, mostram que, apesar da maioria das garotas conhecer métodos anticoncepcionais, o índice de gravidez permanece pela falta de prática na utilização desses métodos.

De acordo com levantamento do Ministério da Saúde, o número de partos realizados pelo SUS (Sistema Único de Saúde) registra crescimento desde 1996, ano em que aconteceram 638.087 nascimentos de filhos

de adolescentes – 22,34% dos partos no país, que chegaram a 2.856.255. Em 1999, o número chegou a 712.915 partos entre adolescentes de 10 a 19 anos.

De acordo com o diretor do Departamento de Tocoginecologia do Caism (Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher da Unicamp), João Luiz Pinto e Silva, 55, que coordenou a primeira pesquisa na década de 80 e orienta o pesquisador e obstetra Márcio Belo, que faz a análise em conclusão, o crescimento pela consequente falta de prática no uso de anticoncepcionais aponta para a falta de política de ação governamental, educação e prática de relações familiares.

[...]



LEONARDO WEN/FOLHA IMAGEM

“Minha frustração é não ter conseguido estancar de alguma forma a gravidez na adolescência com as atitudes que foram tomadas ao longo desses anos. Dentro da universidade criamos serviços e tivemos uma pequena redução, mas do ponto de vista do país em geral foi um desastre. Temos que refazer o modelo de educação dos nossos jovens para evitar que esse problema se perpetue”, reconhece [Silva].

Para o diretor do Departamento de Tocoginecologia, há um aparente avanço nas ações para tentar controlar a gravidez indesejada na adolescência no Brasil. O pânico com a Aids foi um fator determinante para manter a situação paralisada nesses 20 anos.

“Tivemos avanços com intenções diferentes. O avanço da informação do uso do preservativo, do anticoncepcional, não foi realizado no sentido de que havia uma consciência social de que ele precisava ser feito. Existia um pânico com uma doença chamada Aids e que você precisava cercar o grupo de risco”, observa o pesquisador.

O equívoco, nesse sentido, observa Silva, ficou no fogo pela educação contra a doença. “A divulgação não se fazia para a prevenção da gravidez entre adolescentes, para orientação para ele exercer sozinho sua sexualidade, mas sim para prevenir o aparecimento de doenças, e esse tipo de coisa não está gerando hoje a atitude de consciência contra a gravidez indesejada”, conclui.

“Na verdade o enfoque de informação está incorreto. Você na realidade deveria envolver esse tipo de informação de uma maneira prática e educativa para que gerasse um comportamento diferente. O conhecimento está acessível, mas o comportamento não está se modificando”, diz o obstetra, que ataca as campanhas “emergenciais” do estado como a distribuição de preservativos.

“Isso não serve para nada. Dar camisinhas no Carnaval, jogar no *show* de *rock*, não serve para nada. Isso não está gerando comportamentos. Parece que está, mas não está. Precisamos mergulhar em um processo que tenha uma outra forma de transferir o conhecimento.”

A *Folha Online* não conseguiu falar com a médica e ginecologista Albertina Duarte, coordenadora do Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, para comentar os resultados

das pesquisas. Durante uma semana, a reportagem tentou entrar em contato com a médica por telefone, fax e com a ajuda da assessoria de imprensa da secretaria, mas não obteve retorno da coordenadora.

Leia também:

- Gravidez precoce: Mesmo informadas, adolescentes cometem os mesmos erros há 20 anos
- Pesquisa: 99,4% das adolescentes conhecem a camisinha
- Depoimentos: Falar sobre a gravidez constrange adolescentes
- Entrevista: Ingenuidade e “pensamento mágico” são as principais causas da gravidez indesejada, diz pesquisador
- Ponto de vista: Ter filho na adolescência pode ser projeto de vida
- Como evitar: Conheça alguns métodos para evitar a gravidez
- Governo: Ministério fará campanha nacional para atrair adolescentes

Folha Online – Equilíbrio./Folhapress

a) Converse com seus colegas sobre as questões que se seguem:

- ▣ Por que mesmo com informação disponível a gravidez na adolescência ainda é frequente?
- ▣ Para o diretor do Departamento de Tocoginecologia do Caism (Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher da Unicamp), João Luiz Pinto e Silva, qual foi o erro cometido? O que precisaria ser feito para alterar esse quadro?
- ▣ A publicação de uma reportagem como essa pode ter qual finalidade?



3. Nas duas últimas atividades, você teve contato com diferentes tipos de reportagem: a que depende de um acontecimento e serve para aprofundar dados de uma notícia (a morte do Michael Jackson, por exemplo), a que independe de um fato específico e visa a contribuir para o debate dos problemas nacionais, vislumbrando saídas (reportagem sobre o Biblioburro e sobre as grandes metrópolis), ou visa a fornecer mais informações sobre a vida e sobre o trabalho de famosos (reportagem sobre OsGêmeos), ou visa a educar (reportagem sobre gravidez na adolescência). Há ainda um tipo de reportagem que pode trazer inúmeras consequências sociais ou políticas. Apenas para exemplificar, vamos retomar dois casos envolvendo queda de presidentes:

- O presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, renunciou ao mandato por causa de um processo iniciado com a publicação de uma reportagem sobre o caso Watergate publicada no jornal *Washington Post*.
- Uma reportagem feita pela revista *IstoÉ* foi o estopim do *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo.

Essas reportagens não são consequência dos fatos, elas criam fatos.

4. Para encerrar, marque as alternativas que você considere que dizem respeito à notícia com **N** e à reportagem com **R**.

- Possibilita maior aprofundamento dos fatos ou das circunstâncias.
- Pode ser escrita em 1ª ou 3ª pessoa.
- Depende da ocorrência de fatos.
- Relata o fato sempre segundo uma hierarquia dada pela ordem de importância.
- Independe dos fatos ocorridos, pode até mesmo “criar” fatos.
- Não veicula opinião.
- Pode fazer um relato linear dos fatos.
- Pode veicular opinião.
- Curta duração.

5. Leia, agora, o que o professor **Pedro Celso Campos** escreveu sobre porque fazer uma reportagem:

Porque fazer (uma reportagem)

O livro-reportagem de Gilberto Dimenstein sobre meninos de rua (“A Guerra dos meninos – Assassinatos de menores no Brasil”. São Paulo: Brasiliense, 1990) não acabou com o problema do menor abandonado nas ruas do país, nem com o extermínio de menores. Mas, pela seriedade do trabalho, quem pode afirmar que esse texto não causou medidas positivas nos bastidores do poder ou mesmo na conduta interior das pessoas em relação ao menor? [...].

Caco Barcelos não acabou com as arbitrariedades da Polícia Militar de São Paulo ao denunciar os crimes da corporação em “Rota 66 – A polícia que mata”, mas contribuiu para alertar a opinião pública sobre a impunidade dos policiais. Formar a consciência do cidadão e ajudá-lo a levantar a voz para que as autoridades cumpram o seu dever colocando assassinos potenciais atrás das grades e não atrás de uma arma paga com o dinheiro do povo, também é função da reportagem-denúncia.

[...] A boa reportagem revela a realidade em todos os seus detalhes, com todas as suas nuances. Por isto, muitas vezes ela permanece para sempre, não tem a vida efêmera de uma notícia factual que é superada em 24 horas de circulação do jornal.

[...]



fonte: <http://webmail.faac.unesp.br>

Como vimos, é certo que a publicação de reportagem também é feita para cativar/conquistar/interessar o leitor. Mas pode criar fatos, levar à reflexão, enfim, pode interferir na realidade. Por isso, você vai experimentar, na próxima atividade, um pouco da vida de um repórter.

ATIVIDADE 11 Lugar de repórter é na rua!

Agora, chegou a hora de produzir um jornal com assuntos do seu bairro. Pode ser um jornal mural ou um jornal impresso. Se houver possibilidade, poderá produzir um *blog* jornalístico. Sua turma vai escolher. Para isso, você e seus colegas vão, como bons jornalistas, produzir reportagens e notícias para compor as páginas desse periódico, sob a orientação de seu editor-chefe (o professor). Os leitores do jornal de vocês serão, principalmente, pessoas da comunidade escolar.

1. Vocês precisarão sair à “caça” de notícias e de dados para reportagens. Como todo jornal, este também estará dividido em seções, que ficarão sob a responsabilidade de grupos diferentes de alunos. As seções do jornal produzidas pela turma são:

▫ **EDITORIAL:** a ser redigido pelo editor-chefe, apresenta a publicação, tendo em vista ser esse o número 1 do jornal;

▫ **EXPEDIENTE:** relação dos redatores/redação;

▫ **SEÇÃO I – COMUNIDADE:** notícias ou reportagens sobre manifestações e equipamentos socioculturais da comunidade;

▫ **SEÇÃO II – EDUCAÇÃO:** reportagens ou notícias sobre a escola e seus diferentes agentes;

▫ **SEÇÃO III – ECONOMIA:** reportagens sobre preços da *cesta básica* na região.



ANA CAROLINA FERNANDES/FOLHA IMAGEM

2. Se quiserem e conseguirem, vocês podem incrementar esse jornal com charges, que podem ser feitas por algum aluno, sempre relacionadas a alguma notícia; entrevistas produzidas por alunos de 6º ano e artigos de opinião, que estão sendo produzidos pelos alunos do 9º ano.

SEÇÃO I – COMUNIDADE

Os repórteres responsáveis pelas matérias dessa seção deverão procurar informações relacionadas às manifestações e aos equipamentos socioculturais da comunidade que serão veiculadas como notícias ou reportagens. Manifestações socioculturais são as que envolvem arte e cultura, como peças de teatro, filmes e vídeos, saraus literários, *shows* de música, rodas de capoeira, exposições de artes plásticas, grafite etc. Os equipamentos socioculturais incluem ONG, bibliotecas, *lan houses*, espaços de lazer, postos de saúde etc.

1. Antes de sair às ruas da comunidade atrás de informações, planejem a pesquisa de dados.

Primeiro definam exatamente o que vão pesquisar. Para isso, elenquem algumas perguntas que a reportagem tentará responder. Por exemplo:

- Por que é importante haver equipamentos socioculturais na comunidade? (Esta seria uma pergunta de fundo que justificaria as outras. Sua resposta pode/deve contar com pesquisa na internet.)
- Que manifestação cultural é mais significativa no bairro? Há espaços artístico-culturais na comunidade? Quais? O que acontece nesses espaços? A comunidade está satisfeita com o que acontece? Que mais precisaria haver na comunidade?

2. Após a definição do foco da reportagem, é necessário planejar:

- a) **Como levantarão os dados** da reportagem (pesquisas na internet e com membros da comunidade para identificar as fontes de dados – espaços e pessoas –, questionários, entrevistas...);
- b) **Como registrarão** (anotações, gravações, fotografias);
- c) Providências para a **ida a campo**.

É possível começar sua pesquisa na internet mapeando as instituições presentes em diversas comunidades da cidade de São Paulo. Veja os *sites* a seguir:

- <http://www.voluntariado.org.br/>: você poderá procurar, pelo CEP, projetos desenvolvidos na comunidade. Relacione os que encontrar perto de sua casa e/ou escola.
- http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sep/ong_sep/ongs/consultar/todos: neste *site*, você poderá encontrar mais informações acerca das ONG pesquisadas.

3. Após o levantamento de dados na comunidade, organizem o que foi coletado e comecem a pensar na produção do texto da reportagem. Se levantaram dados sobre quantidade (quantos equipamentos socioculturais existem ou algo semelhante), façam a organização deles em tabela e, se for o caso, elaborem gráficos que facilitem a leitura da reportagem.

Você pode fazer **boxes** informativos na reportagem com dados a respeito do bairro ou das instituições pesquisadas.

4. Em grupo, definam os dados mais importantes para a reportagem. Não esqueçam o foco que definiram no início. Este pode até ser modificado um pouco, caso tenham encontrado aspectos que considerem mais importantes para o jornal, mas não o percam completamente de vista.



SEÇÃO II – EDUCAÇÃO

1. Para esta seção, os repórteres deverão produzir notícias e reportagens sobre a escola. Para isso, organizem os grupos responsáveis pelas matérias dessa seção e definam quem vai pesquisar o quê.
Primeiro, decidam o que desejam pesquisar, que informações vão buscar.
Possibilidades:
 - saber a opinião de alunos, professores e/ou funcionários a respeito da escola; que pensam sobre ela e sobre o que acontece nela? Quais os aspectos positivos? Quais os problemas/pontos críticos? O que poderia ser feito para resolvê-los/superá-los? Que atividades artístico-culturais ou científicas têm sido desenvolvidas na escola ou, ainda, como estão organizados os espaços escolares e como têm contribuído para o relacionamento de alunos e educadores em geral.
 - Outra possibilidade é fazer um perfil dos alunos, para identificar gostos e expectativas em relação à escola e também a aspectos socioculturais mais gerais. Após definir qual será o foco da reportagem ou da notícia, seu grupo deverá:
 - Definir quantos e quem serão os entrevistados;
 - O que será perguntado a eles (roteiro de perguntas).
2. Depois de definir o foco, planejem a pesquisa do grupo.
 - a) **Como coletarão os dados** da reportagem (observações do espaço e das atividades na escola, entrevistas, questionários...). Vocês podem elaborar questionários que depois serão contabilizados.
 - b) Definam **quantos e quem serão os entrevistados** (garantir que tenham diferentes perfis – 10 alunos, 4 professores e 2 funcionários, 6 pais e outros representantes da comunidade, por exemplo).
 - c) **Como registrarão** anotações, gravações, fotografias.
 - d) Providências para a **ida a campo**.
3. Elaborem um roteiro: que perguntas podem ser feitas para definir o perfil dos alunos da escola? Que informações são importantes para conhecer esse perfil?

a) Das atividades abaixo, assinale com um “x” as três que você mais gosta de praticar nos fins de semana:

Ajudar nas tarefas de casa	
Assistir televisão	
Cantar	
Encontrar os amigos	
Estudar	
Falar no telefone	
Jogar futebol	
Jogar <i>video game</i>	
Ler	
Namorar	
Ouvir rádio	
Praticar outros esportes	
Tocar algum instrumento	
Usar a internet	



RODRIGO CAPOTE/FOLHA IMAGEM

b) Marque um “x” nos três estilos musicais de que mais gosta.

Axé	
Forró	
<i>Funk</i>	
MPB	
Música clássica	
Música <i>pop</i>	
Música sertaneja	
Pagode	
<i>Rap</i>	
<i>Reggae</i>	
Rock internacional	
Rock nacional	
Samba	

c) Você se dedica a alguma atividade artística? Assinale com “x” ou descreva em “outras”.

Dança	
Desenho	
Pintura	
Poesia	
Teatro	
Tocar instrumento ou cantar	
Nenhuma	

Outras:



PAULO GIANDALIA/FOLHA IMAGEM

d) O que você mais gosta de fazer na escola? Assinale apenas três alternativas.

Aprender novos conhecimentos	
Assistir às aulas	
Conversar com os professores	
Discutir temas polêmicos	
Encontrar e conversar com os amigos	
Participar de atividades artísticas	
Participar de atividades esportivas	
Praticar esportes	
Usar a sala de informática	

Após coletar os dados, estes terão de ser organizados para compor o texto da reportagem. Organize quadros/tabelas e gráficos com as informações coletadas.

Com os dados organizados, redijam o texto da reportagem, garantindo as informações para o foco definido inicialmente. Este pode ser um pouco modificado, caso tenham encontrado aspectos que consideram mais importantes para o jornal, mas não o percam completamente de vista.

SEÇÃO III – ECONOMIA

Pensando ainda em atrair seu público leitor e prestar um importante serviço à comunidade, a reportagem desta seção abordará os *custos dos produtos da cesta básica* na região de sua escola. Para escreverem essa reportagem, vocês terão de pesquisar preços, o que supõe alguns passos.

1. Planejamento do levantamento de dados (pesquisa de preços):

a) Saber o que é cesta básica para poder selecionar o produto e informar os leitores (uma definição de cesta básica pode ocupar um box lateral da reportagem). Possibilidades de endereços para pesquisa:

- <http://www.dieese.org.br/rel/rac/cesta.xml>
- <http://www.procon.sp.gov.br/categoria.asp?id=111>
- http://www.assertj.com.br/servicos/cesta_basica/cesta.htm;

b) Selecionar os produtos pesquisados (pode-se escolher só alguns alimentícios ou também os de limpeza);

c) Definir os locais pesquisados, possibilidades:

- Estabelecimentos de mesmo tipo – por exemplo, supermercados/ hipermercados próximos;
- Estabelecimentos de tipos diferentes – mercado, supermercado, feira, vendas, mercearias;

d) Estabelecimentos mais frequentados no bairro.

2. Para a coleta dos dados, organize formas de registrá-los, para visualizarem as informações que já têm e as faltantes. Discuta com seu grupo como organizar os itens que poderão ser incluídos em um quadro como o modelo.

Itens	Marca/outra tipo ou especificação	Preço Estabelecimento 1	Preço Estabelecimento 2	Preço Estabelecimento 3
Carne (6 kg)	Coxão mole			
Leite (7,5 L)				
Feijão carioquinha (4,5 kg)				
Arroz tipo II (3,0 kg)				
Farinha de trigo (1,5 kg)				
Batata (6,0 kg)				
Tomate (9,0 kg)				
Pão francês (6,0 kg)				
Café em pó (0,600 kg)				
Banana nanica (90 unid.)				
Açúcar (3,0 kg)				
Óleo de soja (750 mL)				
Manteiga (0,750 kg)				
Valor total da cesta				

3. Com as informações coletadas e organizadas, redijam a reportagem que vai para o jornal da turma. Não deixem de incluir tabelas e/ou gráficos com os dados para facilitar a compreensão dos leitores.

Para todos os grupos e seções

Antes de publicar a notícia/reportagem de seu grupo, revise o texto levando em conta os itens do quadro abaixo. Depois de fazer as alterações, passe o texto de seu grupo para seu editor-chefe que o encaminhará para publicação.

Roteiro de avaliação

	Está O.K.	Preciso mudar.
A linguagem e o estilo das notícias/reportagens escritas estão adequadas ao jornal proposto? (Considerar o público leitor.)		
Os títulos das notícias/reportagens são chamativos?		
Os títulos destacam um fato importante da notícia/ou um dado relevante da reportagem?		
Os títulos das notícias/reportagens trazem os verbos no tempo presente, aproximando, assim, o leitor do fato noticiado?		
As notícias/reportagens têm um lide no primeiro parágrafo? Ele é chamativo, sintetiza informações e conduz o leitor para o restante do texto notícia?		
O relato dos fatos é feito por ordem de importância/relevância?		
O relato dos fatos é feito em 3ª pessoa?		
As notícias/reportagens não trazem explicitamente a opinião dos repórteres que a escreveram?		
As notícias trazem dados precisos e/ou falas dos envolvidos que colaboram para que o leitor confie no relato do fato?		
A notícia menciona como e onde a pesquisa relatada foi feita?		
As notícias relatam os fatos, separando-os em parágrafos para que sua leitura seja facilitada?		
Os gráficos e/ou as tabelas acrescentam informações e ajudam o leitor a visualizar os dados?		
Fotos, ilustrações ou charges que acompanham as notícias têm relação com o fato noticiado?		
Observações:		

UNIDADE 2

DO LIRISMO À CRÍTICA SOCIAL: A CRÔNICA NOSSA DE TODO DIA

Para começo de conversa

Despretensiosa! Essa é a crônica.

O que dizer de um gênero que surgiu para atrair leitores e compor páginas de jornal?

Que é passageiro? Cotidiano?

Um gênero que faz do humor, da crítica e da ironia seus elementos mais marcantes. Que extrai seu assunto das situações cotidianas. Um exemplo?

Em nosso dia a dia estamos sujeitos a fazer ou a receber ligações telefônicas erradas. Muitos enganos acontecem.

Algumas pessoas não se incomodam muito, entendem a situação, mas, outras, podem ficar bastante irritadas.

Um cronista não faz nem uma coisa nem outra. Ele vê aí uma boa situação para escrever uma crônica. Quer ver?

Nesta Unidade, vamos ler algumas crônicas, conversar sobre elas, perceber as sutilezas e os estilos dos diferentes autores até assumirmos o nosso lado cronista e escrevermos algumas crônicas. Você vai viver um “Momento Crônico” em algumas aulas. Alunos e professor serão convidados a ler uma crônica, pelo prazer de saboreá-la. Você vai ficar *cronicamente* ligado a muitas histórias, possíveis ou impossíveis.



Leia esta crônica.

Chatear e encher

Paulo Mendes Campos

Um amigo meu me ensina a diferença entre “chatear” e “encher”. Chatear é assim: você telefona para um escritório qualquer na cidade.

— Alô! Quer me chamar por favor o Valdemar?

— Aqui não tem nenhum Valdemar.

Daí a alguns minutos você liga de novo:

— O Valdemar, por obséquio.

— Cavalheiro, aqui não trabalha nenhum Valdemar.

— Mas não é do número tal?

— É, mas aqui nunca teve nenhum Valdemar.

Mais cinco minutos, você liga o mesmo número;

— Por favor, o Valdemar já chegou?

— Vê se te manca, palhaço. Já não lhe disse que o diabo desse Valdemar nunca trabalhou aqui?

— Mas ele mesmo me disse que trabalhava aí.

— Não chateia.

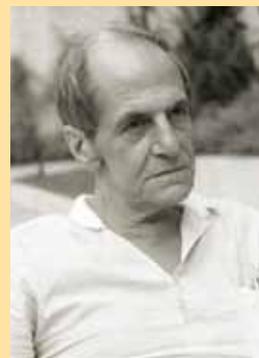
Daí a dez minutos, liga de novo.

— Escute uma coisa! O Valdemar não deixou pelo menos um recado?

O outro desta vez esquece a presença da datilógrafa e diz coisas impúblicáveis. Até aqui é chatear. Para encher, espere passar mais dez minutos, faça nova ligação:

— Alô! Quem fala?

— Quem fala aqui é o Valdemar. Alguém telefonou para mim?



DERLY MARQUES/FOLHA IMAGEM

Paulo Mendes Campos, cronista e poeta nascido em Belo Horizonte (MG), destacou-se pela simplicidade com que tratou temas como o mar, a vida carioca, conversas de bar, futebol etc.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Para gostar de ler*, volume 2. São Paulo: Ática.

Pois é, dessas coisas podem nascer crônicas! Esperamos que você se divirta ao aprender mais sobre um gênero bastante apreciado pelos brasileiros e olhe o mundo de outro jeito: de um jeito crônico!

ATIVIDADE 1 *Flashes da história da crônica no Brasil*

Como adiantamos, a crônica é despretensiosa, isto é, é escrita para ser prazerosa e “leve”, sem exigir muito do tempo de seus leitores. Isso tem relação com sua origem: a crônica nasceu para ser publicada no rodapé dos jornais, espaço menos importante, reservado para o entretenimento. Em geral, ainda hoje, seus textos tratam de fatos noticiados ou de fatos cotidianos e circunstanciais, temas que não demandam muita profundidade e reflexão. São textos feitos para serem logo esquecidos, acompanhando a vida curta do jornal, 24 horas, ou de uma revista, uma semana! Mas, mesmo sem pretensões de ter longa duração, muitas vezes a crônica permanece. Haja vista a quantidade de coletâneas publicadas no Brasil com crônicas dos mais diversos autores. A esse respeito, Antonio Candido, importante crítico literário brasileiro, afirma:

Ela [a crônica] não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples réis do chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.

A crônica adquire as características do texto jornalístico (brevidade e pouco tempo de elaboração – você se lembra da rapidez com que a notícia tem de ser escrita? –, foco nas circunstâncias dos fatos), mas diferencia-se da notícia, pois tem características da literatura e a liberdade do cronista na apresentação da cena cotidiana. Vamos ver como Rubem Braga trata dessa questão.

Os jornais

Rubem Braga

Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

— Chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. Veja por exemplo aqui: em um subúrbio, um sapateiro matou a mulher que o traía. Eu não afirmo que isso seja mentira. Mas acontece que o jornal escolhe os fatos que noticia. O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico. Vejamos a história desse crime. “Durante os três primeiros anos o casal viveu imensamente feliz...” Você sabia disso? O jornal nunca publica uma nota assim:

“Anteontem, cerca de 21 horas, na rua Arlinda, no Méier, o sapateiro Augusto Ramos, de 28 anos, casado com a senhora Deolinda de Brito Ramos, de 23 anos de idade, aproveitou-se de um momento em que sua consorte erguia os braços para segurar uma lâmpada para

abraçá-la alegremente, dando-lhe beijos na garganta e na face, culminando em um beijo na orelha esquerda. Em vista disso, a senhora em questão voltou-se para o seu marido, beijando-o longamente na boca e murmurando as seguintes palavras: “Meu amor”, ao que ele retorquiu: “Deolinda”. Na manhã seguinte, Augusto Ramos foi visto saindo de sua residência às 7:45 da manhã, isto é, dez minutos mais tarde do que o habitual, pois se demorou, a pedido de sua esposa, para consertar a gaiola de um canário-da-terra de propriedade do casal.”

A impressão que a gente tem, lendo os jornais – continuou meu amigo – é que “lar” é um local destinado



CÉLIO JR./AE

Rubem Braga, considerado por muitos um dos maiores cronistas brasileiros, começou sua carreira aos quinze anos,

escrevendo para o *Diário da Tarde*. Nascido no Espírito Santo, trabalhou no Rio, em São Paulo, em Recife, em Belo Horizonte e em Porto Alegre. Durante a Segunda Guerra, foi correspondente do *Diário Carioca* na Itália e, mais tarde, trabalhou como correspondente em Paris dos jornais *O Globo* e *Correio da Manhã*. Faleceu no Rio, em 1990, depois de ter escrito mais de 15 mil crônicas e ter contribuído, por mais de sessenta anos, com o jornalismo nacional.

principalmente à prática de “uxoricídio”. E dos bares, nem se fala. Imagine isto:

“Ontem, cerca de 10 horas da noite, o indivíduo Ananias Fonseca, de 28 anos, pedreiro, residente à rua Chiquinha, sem número, no Encantado, entrou no bar ‘Flor Mineira’, à rua Cruzeiro, 524, em companhia de seu colega Pedro Amâncio de Araújo, residente no mesmo endereço. Ambos entregaram-se a fartas libações alcoólicas e já se dispunham a deixar o botequim quando apareceu Joca de tal, de residência ignorada, antigo conhecido dos dois pedreiros, e que também estava visivelmente alcoolizado. Dirigindo-se aos dois amigos, Joca manifestou desejo de sentar-se à sua mesa, no que foi atendido. Passou-se então a pedir rodadas de conhaque, sendo servido pelo empregado do botequim, Joaquim Nunes. Depois de várias rodadas, Joca declarou que pagaria toda a despesa. Ananias e Pedro protestaram, alegando que eles já estavam na mesa antes. Joca, entretanto, insistiu, seguindo-se um disputa entre os três homens, que terminou com a intervenção do referido empregado, que aceitou a nota, que Joca lhe estendia. No momento em que trouxe o troco, o garçom recebeu uma boa gorjeta, pelo que ficou contentíssimo, o mesmo acontecendo aos três amigos que se retiraram do bar alegremente, cantarolando sambas. Reina a maior paz no subúrbio do Encantado, e a noite foi bastante fresca, tendo dona Maria, sogra do comerciante Adalberto Ferreira, residente à rua Benedito, 14, senhora que sempre foi muito friorenta, chegado a puxar o cobertor, tendo depois sonhado que seu netinho lhe oferecia um pedaço de goiabada.”

E meu amigo:

— Se um repórter redigir essas duas notas e levá-las a um secretário de redação, será chamado de louco. Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...

VOCABULÁRIO

banal – comum

culminar – acabar; terminar; chegar ao ponto máximo

consorte – companheira

libação – ato de libar ou beber, mais por prazer do que por necessidade

retorquir – responder

surto – epidemia

uxoricídio – assassinato da esposa

BRAGA, Rubem. Os jornais. In: *200 Crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

1. Discuta com seus colegas as seguintes questões:

a) Por que o amigo do narrador larga o jornal logo no início da crônica?

b) O que o narrador quis dizer com “*A impressão que a gente tem, lendo os jornais – continuou meu amigo – é que ‘lar’ é um local destinado principalmente à prática de ‘uxoricídio’.*”?

2. Por que nunca veríamos em uma notícia de jornal algo como o trecho em verde, no terceiro parágrafo da crônica? O que no trecho seria parecido com uma notícia e o que não seria?

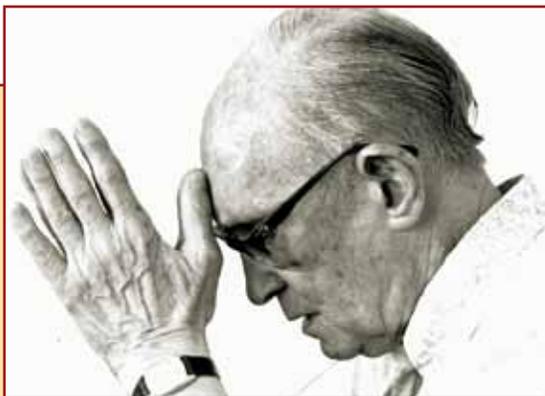
No Brasil, a história da crônica começa no jornal em meados dos anos de 1850, época em que começaram a surgir novelas escritas por Machado de Assis, Manuel A. de Almeida e outros. Essas novelas eram escritas em capítulos e publicadas nos folhetins, que o leitor do jornal acompanhava durante semanas ou meses. Aos poucos, as novelas foram sendo substituídas por textos mais curtos, relacionados às notícias da época, com comentários e observações de seus autores.

Já nos anos 1960, Carlos Drummond de Andrade escrevia frequentemente esse gênero e nele introduziu a linguagem jornalística: às vezes, usava “manchetes” para dar títulos aos textos e às frases que os jornalistas costumavam usar, mas de um jeito literário.

Essa mescla de notícia e escrita literária deu origem ao que conhecemos como crônica. Muitos outros escritores passaram a escrever textos desse gênero para os jornais e, posteriormente, para revistas. Mais tarde, surgiram livros de

crônicas (na maioria das vezes, coletâneas de textos publicados em jornais).

Assim, a crônica pode falar/comentar fatos noticiados ou coisas que todos nós, seres humanos comuns, vivemos no nosso dia a dia. Alguns dão o nome de crônica jornalística ao primeiro tipo e de crônica literária ao segundo. Mas as fronteiras nem sempre são claras e o melhor mesmo é saboreá-las...



NEM DETAL/Æ

No início da última crônica escrita por Drummond, o escritor relata como começou no jornalismo:

Há 64 anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia a cada manhã a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu os seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo o pessoal da redação. O homem olhou-o, cético, e perguntou:

— Sobre o que pretende escrever?

— Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.

[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de
Jornal do Brasil, 29 set. 1984.

Fonte: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond38.htm>

Como se vê, ele já começou cronista...

Sempre muito consciente de seu papel, procurando extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor.

ATIVIDADE 2 A vida dá crônica

1. Para adentrar no mundo da crônica, só lendo (e apreciando) muitas. Aos poucos, você verá que CRÔNICA está mais para “crônicas”, de tantos jeitos que seus textos se apresentam. Você já entrou nesse mundo *crônico* com “Chatear e encher”, de Paulo Mendes Campos e “Os jornais” de Rubem Braga. Vamos a mais uma crônica: “A cadeira do dentista”, de Carlos Eduardo Novaes:

A cadeira do dentista

Carlos Eduardo Novaes

Fazia dois anos que não me sentava numa cadeira de dentista. Não que meus dentes estivessem por todo esse tempo sem reclamar um tratamento. Cheguei a marcar várias consultas, mas começava a suar frio folheando velhas revistas na antessala e me escafedia antes de ser atendido. Na última ocasião em que botei o pé no gabinete do odontólogo – tem uns seis meses –, quando ele me informou o preço do serviço, a dor transferiu-se do dente para o bolso.

— Não quero uma dentadura em ouro com incrustações em rubis e esmeraldas – esclareci –, só preciso tratar o canal.

— É esse o preço de um tratamento de canal!

— Tem certeza? O senhor não estará confundindo o meu canal com o do Panamá?

Adiei o tratamento. Tenho pavor de dentista. O mundo avançou nos últimos 30 anos, mas a Odontologia permanece uma atividade medieval. Para mim não faz diferença um “pau de arara” ou uma cadeira de dentista: é tudo instrumento de tortura.

Desta vez, porém, não tive como escapar. Os dentes do lado esquerdo já tinham se transformado em meros figurantes dentro da boca. Ao estourar o pré-molar do lado direito, fiquei restrito à linha de frente para mastigar maminhas e picanhas. Experiência que poderia ter dado certo, caso tivesse algum jeito para esquilo.

A enfermeira convocou-me na sala de espera. Acompanhei-a, após o sinal da cruz, e entramos os dois no gabinete do dentista, que, como personagem principal, só aparece depois do circo armado.

— Sente-se – disse ela, apontando para a cadeira.

— Sente-se a senhora – respondi com educada reverência –, ainda sou do tempo em que os cavalheiros ofereciam seus lugares às damas.

Minhas pernas tremiam. Ela tornou a apontar para a cadeira.



— O senhor é o paciente!

— Eu?? A senhora não quer aproveitar? Fazer uma obturaçãozinha, limpeza de tártaro? Fique à vontade. Sou muito paciente. Posso esperar aqui no banquinho.

O dentista surgiu com aquele ar triunfal de quem jamais teve cárie. Ah! Como adoraria vê-lo sentado na própria cadeira extraindo um siso incluso! Mal me acomodei e ele já estava curvado sobre a cadeira, empunhando dois miseráveis ferrinhos, louco para entrar em ação. Nem uma palavra de estímulo ou reconforto. Foi logo ordenando:

— Abra a boca.

Tentei, mas a boca não obedeceu aos meus comandos.

— Não vai doer nada!

— Todos dizem a mesma coisa – reagi. — Não acredito mais em vocês!

— Abra a boca! – insistiu ele. Abri a boca. Numa cadeira de dentista sinto-me tão frágil quanto um recruta diante do sargento do batalhão.

Ele enfiou um monte de coisas na minha boca e tocou o dente com um gancho.

— Tá doendo?

— Urgh argh hogli hugli.

Os dentistas são tipos curiosos. Enchem a boca da gente de algodão, plástico, secadores, ferros e depois desandam a fazer perguntas. Não sou daqueles que conseguem responder apenas movendo a cabeça. Para mim, a dor tem nuances, gradações que vão além dos limites de um sim-não.

— A anestesia vai impedir a dor – disse ele, armado com uma seringa.

— E eu vou impedir a anestesia – respondi duro segurando firme no seu pulso.



Ele fez pressão para alcançar minha pobre gengiva. Permaneci segurando seu pulso. Ele apoiou o joelho no meu baixo-ventre. Continuei resistindo, em posição defensiva. Ele subiu em cima de mim. Miserável! Gemi quase sem forças. Ele afastou a mão que agarrava seu pulso e desceu com a seringa. Lembrei-me de Indiana Jones e, num gesto rápido, desviei a cabeça. A agulha penetrou na poltrona. Peguei o esguichador de água e lancei-lhe um jato no rosto. Ele voltou com a seringa.

— Não pense que o senhor vai me anestésiar como anestesia qualquer um – disse, dando-lhe um tapa na mão.

A seringa voou longe e escorregou pelo assoalho. Corremos os dois pra alcançá-la, caímos no chão, embolados, esticando os braços para ver quem pegava a seringa. Tapei-lhe o rosto com meu babador e cheguei antes. A situação se invertera: eu estava por cima.

— Agora sou eu quem dá as ordens – vociferei, rangendo os dentes.

— Abra a boca!

— Mas... não há nada de errado com meus dentes.

— A mim você não engana. Todo mundo tem problemas dentários. Por que só você iria ficar de fora? Vamos, abra essa boca!

— Não, não, não. Por favor – implorou. Morro de medo de anestesia.

Era o que eu suspeitava. É fácil ser corajoso com a boca dos outros. Quero ver continuar dentista é na hora de abrir a própria boca. Levantei-me, joguei a seringa para o lado e disse-lhe, cheio de desprezo:

— Você não passa de um paciente!

NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2002.

Carlos Eduardo Novaes nasceu no Rio de Janeiro, formou-se em Direito em Salvador e trabalhou como cronista para o *Jornal do Brasil* e *Última Hora*. Entre todas as profissões que teve, Novaes só não exerceu a advocacia. Enquanto estudava Direito na Bahia, trabalhou em uma fábrica de sorvetes e em uma empresa de dedetização. “Conheço a fundo a sociologia das baratas”, afirma o cronista, que também escreve novelas e crônicas de humor.



a) Uma ida ao dentista. Esse é o assunto dessa crônica. Depois de ouvir o relato de seus colegas e ler a crônica de Novaes, é possível observar que, mesmo abordando os mesmos assuntos, a crônica se diferencia de relatos feitos no cotidiano. Com a turma, preencha o quadro a seguir, tentando identificar características e objetivos que diferenciam o relato de um fato cotidiano do de uma crônica.

Relato de fatos do cotidiano	Crônica (de humor)

b) Em grupo, releia a crônica “A cadeira do dentista”. Agora responda à pergunta: que recursos Carlos Eduardo Novaes usa em seu texto que o torna diferente do relato de um fato cotidiano? Identifique aspectos presentes na crônica de Novaes que a diferenciam dos relatos pessoais em relação ao “mesmo” fato do cotidiano: uma ida ao dentista. Sublinhe, no texto, os trechos em que é possível perceber esses aspectos.

e) Que(quais) efeito(s) o uso do diálogo provoca na escrita da crônica?

2. Leia a crônica a seguir, de Machado de Assis, e tente determinar a época em que foi escrita.

Machado de Assis

Ocorreu-me compor umas certas regras para uso dos que frequentam bondes.

O desenvolvimento que tem tido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho; basta saber que tem nada menos de setenta artigos.

Vão apenas dez.

ART. I – Dos encatarroados

Os encatarroados podem entrar nos bondes com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro.

Quando a tosse for tão teimosa, que não permita esta limitação, os encatarroados têm dois alvites:

– ou irem a pé, que é bom exercício, ou meterem-se na cama. Também podem ir tossir para o diabo que os carregue.

Os encatarroados que estiverem nas extremidades dos bancos, devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio bonde, salvo caso de aposta, preceito religioso ou maçônico, vocação, etc., etc.

Esta crônica foi publicada originalmente na seção **Balas de Estalo**, um espaço no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, para o qual Machado de Assis escreveu suas crônicas. Essa coluna abordava os mais variados assuntos relacionados à vida social na cidade do Rio de Janeiro. Na crônica que vocês lerão, Machado de Assis fala do uso dos bondes como transporte coletivo. No caso do Rio de Janeiro, cidade de nascimento e de moradia do autor, o serviço de bondes foi inaugurado em 1868 e causou intensas modificações na organização da cidade que, até então, usava basicamente os transportes de tração animal.

ART. II – Da posição das pernas

As pernas devem trazer-se de modo que não constanjam os passageiros do mesmo banco. Não se proíbem formalmente as pernas abertas, mas com a condição de pagar os outros lugares, e fazê-los ocupar por meninas pobres ou viúvas desvalidas, mediante uma pequena gratificação.

ART. III – Da leitura dos jornais

Cada vez que um passageiro abrir a folha que estiver lendo, terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos, nem levar-lhes os chapéus. Também não é bonito encostá-los no passageiro da frente.

ART. IV – Dos quebra-queixos

É permitido o uso dos quebra-queixos em duas circunstâncias: – a primeira quando não for ninguém no bonde, e a segunda ao descer.

ART. V – Dos amoladores

Toda a pessoa que sentir necessidade de contar os seus negócios íntimos, sem interesse para ninguém, deve primeiro indagar do passageiro escolhido para uma tal confidência, se ele é assaz cristão e resignado. No caso afirmativo, perguntar-lhe-á se prefere a narração ou uma descarga de pontapés. Sendo provável que ele prefira os pontapés, a pessoa deve imediatamente pespegá-los. No caso, aliás extraordinário e quase absurdo, de que o passageiro prefira a narração, o proponente deve fazê-lo minuciosamente, carregando muito nas circunstâncias mais triviais, repetindo os ditos, pisando e repisando as coisas, de modo que o paciente jure aos seus deuses não cair em outra.



ART. VI – Dos perdigotos

Reserva-se o banco da frente para a emissão dos perdigotos, salvo nas ocasiões em que a chuva obriga a mudar a posição do banco. Também podem emitir-se na plataforma de trás, indo o passageiro ao pé do condutor, e a cara para a rua.

Perdigoto: gotícula de saliva que alguém lança ao falar.

ART. VII – Das conversas

Quando duas pessoas, sentadas a distância, quiserem dizer alguma coisa em voz alta, terão cuidado de não gastar mais de quinze ou vinte palavras, e, em todo caso, sem alusões maliciosas, principalmente se houver senhoras.

ART. VIII – Das pessoas com morrinha

As pessoas que tiverem morrinha podem participar dos bondes indiretamente: ficando na calçada, e vendo-os passar de um lado para outro. Será melhor que morem em rua por onde eles passem, porque então podem vê-los mesmo da janela.

ART. IX – Da passagem às senhoras

Quando alguma senhora entrar, o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas, como porque é uma grande má-criação.



WIKIPEDIA.ORG

ART. X – Do pagamento

Quando o passageiro estiver ao pé de um conhecido, e, ao vir o condutor receber as passagens, notar que o conhecido procura o dinheiro com certa vagareza ou dificuldade, deve imediatamente pagar por ele: é evidente que, se ele quisesse pagar, teria tirado o dinheiro mais depressa.

fonte: <http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/>

a) Machado de Assis adota uma forma de organização diferente da maioria das crônicas. Com que gênero textual a crônica dele se parece? Por que você acha que ele resolveu escrever esse texto dessa forma?

b) Mesmo usando essa forma de escrever, por que o texto de Machado pode ser considerado uma crônica?

c) No dicionário, a palavra “morrinha” tem vários significados. Identifique que sentido tem essa palavra no texto?

d) No *Dicionário Houaiss*, a expressão **quebra-queixo** apresenta dois significados:

- ▣ charuto de péssima qualidade e
- ▣ doce ou bala puxa-puxa.

A qual deles você acha que Machado de Assis se refere em seu texto? Por quê?

e) Agora, invente um título para a crônica de Machado que combine com o texto. Escreva-o no espaço destinado ao título no início da crônica (p. 115).

- f) Depois de ler a crônica de Machado de Assis, você vai parodiá-la, supondo os tempos de hoje.

Parodiar significa imitar de maneira cômica.

Lembre-se da reportagem sobre os problemas de transporte das grandes metrópoles que você leu na Unidade 1. Seu professor dividirá a turma em trios, para que cada grupo escreva uma crônica *Como se comportar no...*

Cada grupo escolherá um meio de transporte (ônibus, metrô, trem etc.) e escreverá um texto que tenha a mesma forma de organização usada por Machado de Assis. Pense em coisa como “*Das mochilas...*”, “*Dos celulares tocando...*”, “*Dos fones de ouvido...*”, “*De como se segurar nas freadas quando se está em pé*”, “*Da forma como encostar no passageiro da frente quando estiver em pé*”; “*Das cochiladas*”, “*Da ocupação do espaço perto da porta*”, “*De como se comportar quando ouvir a campainha do trem*”, “*Do respeito à faixa amarela na estação*”...

Depois de escritas, as crônicas podem circular pela turma e, se for o caso, em um painel da escola, de forma que, de uma perspectiva literária, os leitores pensem sobre a convivência com as demais pessoas nos transportes públicos.

No fim desta Unidade, vocês organizarão um livro de crônicas da turma. Cada aluno, com a ajuda de três colegas, escolherá, entre as crônicas produzidas neste trabalho, uma que deverá integrar a coletânea. Agora, você fará uma primeira produção escrita que, eventualmente, poderá vir a fazer parte do livro.

ATIVIDADE 3 A crônica da vida

1. Leia a crônica de Lima Barreto a seguir, publicada em um jornal do Rio de Janeiro.

As enchentes

Lima Barreto

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas. Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolúvel tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Squares: praças

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!



Lima Barreto, nascido em 1801 no Rio de Janeiro, foi escritor e jornalista. Mestiço descendente de escravos, teve de enfrentar a intolerância de uma sociedade

que acabara de abandonar um regime escravocrata. Tendo sido admitido na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, teve de abandoná-la para cuidar dos irmãos depois do falecimento de seu pai. Apesar das dificuldades, não desistiu da literatura, tendo sido editor de revista, jornalista e escritor de folhetins, entre os quais o mais famoso, *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Lima Barreto morreu jovem, aos 41 anos, mas sua escrita despojada e fluente rompeu paradigmas e influenciou outros autores, como os modernistas.

fonte: http://entrefilmes.blogspot.com/2008_05_01_archive.html

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou

O autor refere-se ao prefeito **Pereira Passos** (1836-1913), que administrou o Rio de Janeiro de 1903 a 1906.

completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.

fonte: www.dominiopublico.gov.br

a) Considerando o assunto abordado por Lima Barreto, você imagina em que época essa crônica foi escrita?

Bem que poderia ter sido escrita nos dias de hoje, não é? Mas, não se assuste, essa crônica foi publicada no jornal *Correio da Noite* em 19/1/1915! Pois é, desde essa época a cidade do Rio de Janeiro já sofria com os estragos das enchentes e as providências para prevenir essa situação não eram tomadas. O cronista, então, parte de um problema cotidiano, que sempre rende notícias, para fazer uma crítica social e política. Esse problema só ocorre no Rio de Janeiro? Por que, mais de 90 anos depois, isso continua a acontecer? O que você achou da crônica? Você concorda com o cronista ao criticar a pouca atuação da engenharia municipal? Comente com sua turma.

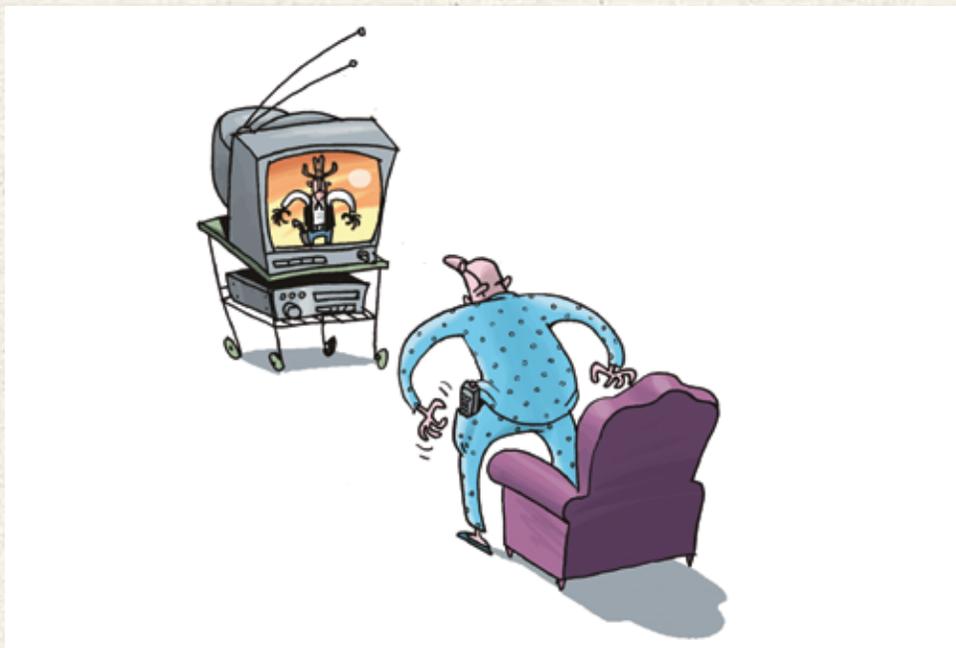
b) Que notícia poderia ter inspirado a crônica de Lima Barreto “As enchentes”? Tente escrever a manchete e o lide dessa possível notícia.

<hr/>	
<hr/>	<hr/>

2. A crônica procura na vida social diversos elementos que a alimentem. Essa característica da crônica denota a grande liberdade que os cronistas têm na produção desses textos. As mudanças pelas quais a sociedade passa também chamam a atenção deles. Você já parou para pensar em como a chegada da televisão deve ter modificado a rotina das pessoas? Esse é o assunto da crônica “Ela tem alma de pomba”, de Rubem Braga, que você lerá a seguir.

Ela tem alma de pomba

Rubem Braga



MOACIR KNORR GUTIERRES (MGA)

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida.

Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro - e com tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa, até o *making love*.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

* * *

Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que se pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, a cores ou em preto e branco, sem um botão para desligar. Mas quando um pai de família o utiliza, isso pode produzir o ódio e rancor no peito das crianças e até de outros adultos.

Quando o apartamento é pequeno, a família é grande, e a TV é só uma – então sua tendência é para ser um fator de rixas intestinas.

— Agora você se agarra nessa porcaria de futebol...

— Mas, francamente, você não tem vergonha de acompanhar essa besteira de novela?

— Não sou eu não, são as crianças!

— Crianças, para a cama!

* * *

Mas muito lhe será perdoado, à TV, pela sua ajuda aos doentes, aos velhos, aos solitários. Na grande cidade – num apartamentinho de quarto e sala, num casebre de subúrbio, numa orgulhosa mansão – a criatura solitária tem nela a grande distração, o grande consolo, a grande companhia. Ela instala dentro de sua toca humilde o tumulto e o frêmito de mil vidas, a emoção, o *suspense*, a fascinação dos dramas do mundo.

A corujinha da madrugada não é apenas a companheira de gente importante, é a grande amiga da pessoa desimportante e só, da mulher velha, do homem doente... É a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos que a vida esqueceu para um canto... ou dos que estão parados, paralisados, no estupor de alguma desgraça... ou que no meio da noite sofrem o assalto de dúvidas e melancolias... mãe que espera filho, mulher que espera marido... homem arrasado que espera que a noite passe, que a noite passe, que a noite passe...

Abril, 1977

BRAGA, Rubem. Ela tem alma de pomba. In: *200 Crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Intestino:
adj. interno,
íntimo.
(no texto
foi usado
no feminino
plural).

a) Você diria que a crônica:

tece críticas negativas à TV

tece críticas positivas à TV

faz considerações negativas e positivas sobre a TV

Cite duas passagens do texto que comprovem sua resposta.

b) Que crítica à TV o cartum agrega à leitura do texto?

c) Considerando a época em que foi escrito, o que pode ter mobilizado a escrita desse texto? Se fosse escrito nos dias de hoje, o que poderia ocupar o mesmo lugar da TV?

d) Discuta com sua turma: Você tende a concordar mais com as críticas positivas ou com as negativas feitas na crônica? Registre sua posição e justifique por quê.

Para conversar

A obra de Rubem Braga é basicamente composta por crônicas – que estão entre as melhores da literatura brasileira. Jorge de Sá, em seu livro *A crônica*, denomina-o “espião da vida”. Por que você acha que ele definiu Rubem Braga assim?

e) Na crônica, a televisão é chamada “corujinha da madrugada”. Que sentido tem essa expressão no contexto da crônica e o que o cronista parece querer ressaltar ao usá-la?

f) Por que Braga coloca no plural o nome da cidade Cachoeiro de Itapemirim?

- g)** O texto de Rubem Braga está dividido por asteriscos em três partes. Releia-o e analise por que o autor fez essa separação. Crie um título para cada parte, que leve em conta a análise que você fez.

1ª parte _____

2ª parte _____

3ª parte _____

- 3.** As novidades tecnológicas contribuem bastante para as mudanças nas rotinas e nos modos de funcionamento da sociedade. Você acabou de ler a crônica de Rubem Braga sobre os impactos da televisão nas pequenas cidades brasileiras. Outros cronistas também se surpreenderam com o desenvolvimento da tecnologia e sua influência na vida das pessoas. No texto que você lerá, o cronista Sérgio Porto, conhecido como Stanislaw Ponte Preta, brinca de imaginar como seria o futuro da nossa sociedade. Vamos ver o que ele pensou?!

Brasil, 2063

Stanislaw Ponte Preta

O filho perdera o foguete das 7 para o colégio e passara o dia inteiro em casa, chateando. Agora pedia para ir brincar um pouco lá fora, antes do jantar, e a jovem senhora concordou. Ajeitou a camisa de plástico antirradioativo do garoto e recomendou:

— Mas brinque aqui mesmo na Terra, hein?! Seu pai não gosta que você atravesse a galáxia sozinho.

Voltou para o quarto e sentou-se desanimada diante do espelho. Depois começou a passar o removedor atômico no rosto. A folhinha eletrônica em cima da mesinha marcava a data: 30 de julho de 2012. Fazia 30 anos naquele dia e se sentia uma velha, apesar de sua bela aparência. E pôs-se a pensar no presente de aniversário que o marido lhe dera: uma bonita vitrola superestereofônica tridimensional.

Sérgio Porto foi radialista, escritor, apresentador de TV e compositor. Nasceu no Rio de Janeiro em 1923 e trabalhou por mais de 20 anos no Banco do Brasil até largar a vida de bancário para se dedicar às atividades literárias. Grande conhecedor de música, definia a MPB pela sigla MPBB: Música Popular **Bem** Brasileira. Sérgio escreveu sete coletâneas de crônicas, que retratam com ironia e humor um pouco da vida carioca. É mais conhecido pelo pseudônimo **Stanislaw Ponte Preta**.

“Não sei onde vamos parar com esses preços” – disse para si mesma, pois sabia que o marido, pelo plano Creditex, dera 2 bilhões de cruzeiros de entrada.

Ouviu o videofone tocar e logo depois sentiu a presença do mordomo invisível no quarto. A voz respeitosamente informou que era para ela. Mandou que o empregado ligasse a tomada para o seu quarto e, enquanto sentia que ele se retirava, considerou que precisava chamar a atenção do mordomo para o bafo alcoólico que deixava no ar. Provavelmente dera outra vez para chupar *drops* de uísque durante as horas de trabalho.

Agora a voz familiar de sua amiga Mariazinha dizia “alô” e logo depois sua cara gorda aparecia no retângulo do videofone:

— Querida – dizia ela — eu te videofonei para dar os parabéns pelo dia de hoje.

A outra agradeceu e ficaram a conversar sobre essas coisas que as mulheres vêm conversando há séculos sem o menor esmorecimento.

De repente, a cara gorda se iluminou com um sorriso:

— Você sabe que eu descobri uma decoradora formidável e baratíssima? – E frisou: — Baratíssima! E vendo o interesse da amiga, contou que mandara restaurar o radar da sala de jantar e que a decoradora fizera um trabalho que é um amor.

— Me dá o endereço – pediu a aniversariante.

— Local X 120 HV, 985º andar. – E como a amiga não se lembrasse onde era o Local X 120, esclareceu: — Antiga Praça San Thiago Dantas.

Conversaram ainda sobre problemas domésticos e Mariazinha ficou sabendo que a amiga estava sem cozinheira. Mandara a antiga embora, porque dera para queimar as pílulas do jantar a ponto de tornar a refeição intragável. Tanto assim que iam aproveitar o aniversário para comer fora:

— Vamos à pílula-dançante do Country. – Isso naturalmente, se o marido chegasse em casa cedo, o que era improvável, pois o helicóptero dele estava na oficina e, na hora do *rush*, sabe como é, esses aviadores somem e não há um helicóptero de aluguel para servir as pessoas.



Mariazinha ainda conversou um pouquinho. Contou o escândalo da véspera, quando um deputado se desentendera com o Corbisier Neto e puxara uma pistola atômica para alvejar o político petebista. Felizmente a turma do deixa-disso impedira que o coitado fosse desintegrado no plenário. Em seguida Mariazinha se despediu.

Desligando o videofone, voltou à sua toaleta mais animada um pouco pela conversa da outra. Mariazinha era uma mulher decidida, que nunca perdia o bom humor, apesar da tragédia de que fora vítima: o marido cometera “sexídio”. Tomara um remédio para virar mulher.

E estava na sala a ler o romance de um escritor do século passado – um clássico novecentista – quando o marido chegou. Vinha esfalfado, com uma cara de quem fizera um esforço fora do comum.

— Já sei que não vamos à pílula-dançante – disse ela.

— De jeito nenhum, minha filha – respondeu o marido. — Imagine que o cérebro eletrônico do escritório enguiçou e eu passei o dia inteiro pensando sozinho.

A mulher suspirou de desânimo e murmurou chateada:

— Com esse governo que anda aí, nada funciona direito no Brasil.

PONTE PRETA, Stanislaw. Brasil, 2063. In: *Rosamundo e os outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

- a)** Grife no texto alguns elementos da crônica que permitem capturar a intenção de ambientá-la no futuro.
- b)** Mesmo fazendo parecer que o tempo passou, algumas coisas continuam iguais. Que coisas são essas?

4. Como vimos, as notícias costumam ser terreno bastante fértil para os cronistas. Um assunto muito comentado, noticiado e foco de muitas crônicas é o esporte, especialmente o futebol. E se for jogo do Brasil, então, aí é que vai dar o que falar. Você se lembra da partida Brasil x Egito, na Copa das Confederações? Vamos aos fatos!

a) Leia trechos de uma notícia sobre o jogo:

Pênalti salva o Brasil contra o Egito na estreia na Copa das Confederações

Folha Online

Um pênalti convertido por Kaká aos 46min do segundo tempo deu a vitória ao Brasil sobre o Egito, por 4 a 3, nesta segunda-feira, em Bloemfontein, na África do Sul, pela primeira rodada da Copa das Confederações.

A seleção chegou a estar vencendo por 3 a 1, mas levou dois gols em cerca de um minuto no começo do segundo tempo e só conseguiu a virada graças a um lance polêmico, em que Al Muhamadi foi expulso por defender uma bola em cima da linha – o jogador usou o braço.

[...]



O Brasil precisou de apenas cinco minutos para se colocar à frente do atual campeão africano. Recém-contratado pelo Real Madrid, Kaká chapelou Hani Said, passou por Gomaa e tocou na saída do goleiro El Hadary.

Quatro minutos depois, o Egito já empatou. Aboutrika foi à linha de fundo pela esquerda e cruzou para Zidan. Daniel Alves chegou atrasado no lance e não conseguiu impedir a cabeçada do atacante do Borussia Dortmund.

[...]

O fim do primeiro tempo apontava uma vitória tranquila para o Brasil, mas a equipe africana marcou duas vezes em cerca de um minuto na etapa final e igualou o placar. Aos 9min, Shawky chutou forte de fora da área e venceu Júlio César. Logo na sequência, Zidan recebeu passe de Aboutrika, ficou sozinho na cara de Júlio César e fez seu segundo gol.

Preocupado com a reação egípcia, Dunga fez duas alterações aos 17min. Elano e Robinho foram substituídos por Ramires e Alexandre Pato.

As substituições não deram efeito, e a seleção continuou sem se impor.

[...]

Aos 44min, Lúcio chutou bem contra o gol rival, mas a bola bateu no braço de Al Muhamadi. O juiz deu o pênalti para a seleção e expulsou o egípcio. Na cobrança, aos 46min, Kaká deu a vitória ao Brasil.

Folha Online – Esporte, 15 jun. 2009./Folhapress

b) Depois de ler essa notícia, você diria que o jogo foi:

bom

regular

péssimo

Faça seus comentários:

c) Agora, você lerá a crônica que José Roberto Torero escreveu sobre esse jogo Brasil x Egito. Vejamos como o escritor expressou sua percepção do jogo.



De mais a mais, mases demais

José Roberto Torero

ADVERSO LEITOR, adversativa leitora, um dos maiores problemas da redação jornalística, principalmente quando se fala de esporte, é o excessivo uso da conjunção adversativa “mas”. Quantas vezes você já não leu frases como: “O time teve o domínio, mas não venceu”, “O goleiro pulou, mas não pegou”, “O centroavante chutou, mas não marcou”? Aposto que muitas. Este é um problema comum, mas o jogo da seleção foi tão cheio de “mases” que eu desisti de lutar contra eles, de modo que vocês lerão 22 vezes esta palavra no texto de hoje.

Mesmo antes de a partida começar já havia um mas: é que eu acreditava na vitória brasileira, mas com desconfiança. Afinal o Brasil não anda se dando bem contra times que jogam retrancados, e era assim que se esperava o Egito. Mas, após o gol de Kaká, que teve até direito a chapéu, deixei a desconfiança de lado. Mas a confiança durou apenas três minutos. Aos 8min, depois de uma bobeadada do lado esquerdo do Brasil, a suspeita voltou. Ainda mais que o gol foi marcado por um cara chamado Zidan, e de cabeça, o que me trouxe tristes lembranças.

Mas, três minutos depois, tive certeza de que a vitória era certa. Luís Fabiano, de cabeça, fez dois a um, e o gol de Zidan voltou a ser apenas um acidente, não mais uma sina. Depois disso, comecei a esperar uma goleada. Mas, mais um mas: o time dominava, mas não levava perigo ao

gol de Hadary. Rondava, mas não penetrava. E, de vez em quando, o Egito até dava uns chutes. O Abou Terika até teve uma boa chance aos 32min, mas se enrolou.

Parecia que o placar não mais se moveria, mas então Juan faz 3 a 1 depois de escanteio cobrado por Elano. Quando os times foram para o vestiário, voltei a ter certeza de que viria uma goleada. Mas eu estava errado.

O segundo tempo começou com um Egito esperto, querendo reduzir a diferença. E, aos 8min, Shawky conseguiu. Ia-se a pretensa goleada, voltava o perigo de empate, que aconteceu um minuto depois, de novo com o Zidan.

Pensei que estávamos à beira do precipício e que o Egito viraria o jogo. Mas a partida ficou equilibrada. Dunga fez três mudanças: tirou Robinho, que estava um tanto firulento e nada produtivo e pôs Pato (eu preferia Nilmar), trocou Elano (que tinha feito duas assistências) por Ramires (que poderia ter entrado no lugar de Gilberto Silva) e promoveu a estreia de André Santos (que seria meu titular, pois há tempo Kléber tornou-se jogador normal), mas ele errou feio logo no seu primeiro lance.

Eu estava me conformando com o resultado, mas aí aconteceu o pênalti. Aliás, o juiz havia apontado escanteio. Provavelmente foi alertado pelo ponto eletrônico (o que acho ótimo), pois voltou atrás, deu o vermelho ao atleta e marcou a penalidade. Kaká cobrou, e o Brasil venceu. Venceu, mas não convenceu.

Folha Online – Esporte, 16 jun. 2009./Folhapress

d) Que outro título adequado poderia ter sido dado à crônica?

e) Retome a ordem dos gols da partida Brasil x Egito, procurando determinar em que momento foram feitos e por quem. Se a crônica mencionar, registre os lances perigosos. Faça de conta que você é o responsável por atualizar as informações sobre o jogo em um *site* esportivo, enquanto a partida está sendo jogada. Veja, no exemplo a seguir, como essas informações foram incluídas em um jogo entre Corinthians x Monte Azul, realizado no dia 17/1/2010, que terminou empatado.

Corinthians 1 x 1 Monte Azul

PRIMEIRO TEMPO

1 min – Luciano Sorriso cobra escanteio e Ávalos arrisca da marca do pênalti, assustando a nação corintiana.

15 min – Souza cruza e o goleiro Tiago Cardoso bobéia; Iarley alcança de cabeça e abre o placar do jogo – Goooool.

18 min – Outro escanteio cobrado por Luciano Sorriso. Rafael Fefo recebeu, chutou e a bola sacudiu a rede adversária. Goooool.

29 min – Iarley recebe cruzamento de Jucilei e cabeceia e por pouco não marca.

34 min – Moraes avança pelo meio da área, mas Souza não chegou a tempo. Torcida grita por Dentinho.

43 min – Fefo por pouco não marcou o segundo do Monte; o goleiro Felipe fez uma ótima defesa.



RUBENS CAVALLARI/FOLHA IMAGEM

SEGUNDO TEMPO

1 min – Larley faz ginga em frente à zaga e cruza para Souza, que vacila e cabeceia para fora.

6 min – Novamente Larley avança sozinho pelo meio e chuta de fora da área na direita do goleiro Tiago Cardoso, que cai para fazer a defesa.

20 min – Boquita entra em campo fazendo bonito: recebe passe de Dentinho e bate forte, forçando Tiago Cardoso a fazer uma grande defesa.

22 min – Escudero lança para Larley na esquerda que dribla o goleiro e chuta na rede, mas pelo lado de fora.

30 min – Felipe faz bonita defesa de um chute rasteiro de Borebi.

37 min – Edno substitui Tcheco e quase marca, tirando tinta da trave adversária.

41 min – Último grande lance do jogo, onde Edno teve chance de marcar, mas Tiago Cardoso não estava dormindo e defende.

f) Agora, escreva as informações sobre o jogo Brasil x Egito, objeto da crônica de Torero:

PRIMEIRO TEMPO

Brasil x Egito



RICARDO NOGUEIRA/FOLHA IMAGEM

SEGUNDO TEMPO

g) Lendo o título e o primeiro parágrafo da crônica, explique o sentido da palavra “mases”.

h) Sem voltar à crônica, recupere algumas das ideias adversas, completando o quadro abaixo de forma coerente com o texto:

	MAS	
Acreditava na vitória brasileira	MAS	tinha desconfiança.
Após o gol do Kaká deixei a desconfiança de lado	MAS	
	MAS	não levava perigo...
Quando os times foram para o vestiário, voltei a ter certeza de que viria uma goleada	MAS	
Pensei que estávamos à beira do precipício e que o Egito viraria o jogo	MAS	
	MAS	não convenceu.

i) Levando em conta o sentido da conjunção “mas” e o número de vezes em que ela aparece no texto, assinale a alternativa que melhor expresse a opinião do cronista sobre o jogo:

- o cronista tinha uma opinião formada sobre como seria o jogo e a manteve até o fim.
- durante o jogo, o cronista mudou de opinião várias vezes sobre como seria a partida.
- o cronista tinha uma opinião formada sobre como seria o jogo, mas mudou de ideia no meio do jogo.

ATIVIDADE 4 *Diferentes perspectivas, crônicas diversas*

A palavra crônica vem de *cronos* – tempo. Um cronista é alguém ligado a seu tempo (e a seu espaço). Por isso as crônicas falam tanto dos fatos acontecidos e do cotidiano das pessoas em determinadas épocas históricas. Mas, como você sabe, não falam de qualquer jeito. Esse jeito de falar próprio da literatura pode nos ensinar a ver o mundo de formas bem diferentes.

1. Leia uma cena cotidiana narrada aos olhos do cronista Ferréz.

O grande assalto

Ferréz

Avenida Santo Amaro. Às 13 h.

Um homem malvestido para em frente a uma concessionária de automóveis fechada e nota as bolas promocionais amarradas à porta.

Um policial desce da viatura, olha para todos os lados e observa um suspeito parado em frente a uma concessionária. O suspeito está mal-vestido e descalço.

Uma senhora sentada no banco do ônibus que para na avenida para pegar passageiros comenta com a moça sentada ao seu lado que tem um mendigo todo sujo parado em frente a uma loja de automóveis.

Um senhor passa por um homem todo sujo, segura a carteira e começa a andar apressado. Logo que nota a viatura estacionada mais à frente, se sente seguro, amenizando os passos.

Um jovem tenta desviar de trás do ônibus parado, os policiais que ele vê logo à frente lhe trazem desconforto, pois seu carro está repleto de drogas que serão comercializadas na faculdade onde estuda.



RIVALDO GOMES/FOLHA IMAGEM

Reginaldo Ferreira da Silva, o **Ferréz**, começou a escrever muito cedo: aos doze anos já produzia contos, poesias e letras de música. Antes de se dedicar inteiramente à escrita, trabalhou como balconista, auxiliar geral e arquivista. O pseudônimo do autor é resultado de um híbrido de Vírgulino Ferreira (Ferre) e Zumbi dos Palmares (Z) e também uma homenagem aos heróis populares brasileiros. Nascido no Capão Redondo, bairro onde reside até hoje, Ferréz obteve reconhecimento com o livro *Capão pecado*, onde narra o cotidiano violento de onde mora. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio Htúz 2005 pelo livro *Manual prático do ódio*. Atuou como roteirista da série 9 MM, da rede de televisão FOX.

O homem malvestido resolve agir, dá três passos à frente, levanta as mãos e agarra duas bolas promocionais; faz a conta rapidamente e se sente realizado, quando pensa que ao vender as bolas comprará algo para beber.

Uma moça alertada pela senhora ao seu lado no ônibus, chama a atenção de vários passageiros para o homem que, segundo ela, é um mendigo, e diz alto que ele acabou de roubar algo na concessionária.

Um jovem com o carro cheio de drogas para vender na sua faculdade nota o homem correndo com duas bolas e dá ré no carro ao ver os policiais vindo em sua direção.

Um policial alcança o homem malvestido e bate com o cabo do revólver em sua cabeça várias vezes; o homem tido como mendigo pelos passageiros de um ônibus em frente cai e as bolas rolam pelo asfalto.

Um motorista que dirige na mesma linha há oito anos tenta ficar com o ônibus parado para ver os policiais darem chutes e socos em um homem malvestido que está caído na calçada, mas o trânsito está livre e ele avança passando por cima e estourando duas bolas promocionais.

FERRÉZ. O grande assalto. *Ninguém é inocente em São Paulo.*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 23-24.



a) Explique o título da crônica. A crônica retrata mesmo um grande assalto?

b) A crônica “O grande assalto” foi publicada no livro *Ninguém é inocente em São Paulo*, de Ferréz. Que relações podemos estabelecer entre o título do livro e as diferentes personagens que compõem o enredo da crônica? Justifique.

c) Agora, você terá oportunidade de produzir mais um texto para compor a coletânea de sua turma (seus colegas ajudarão a definir no fim desta Unidade qual das suas crônicas será escolhida). Inspirado em Ferréz, escreva uma crônica, tomando os mesmos elementos de “O grande assalto” (você pode mudar alguns se quiser), alterando a perspectiva da narrativa. Reconte a mesma situação da perspectiva do homem malvestido, da perspectiva do policial, da perspectiva da moça do ônibus ou do jovem no carro. Algumas dessas crônicas serão lidas para a turma. Antes de escrever, procure imaginar:

▫ Para a escrita na perspectiva do homem malvestido:

Quem seria esse homem malvestido? Como seria seu dia a dia? Trabalha? Em caso afirmativo, onde? Como seria sua rotina de trabalho? Que tipo de pessoas ele encontra – educadas, autoritárias etc.? Se não, o que faz durante o dia? Onde mora? Tem família, filhos? O que pode ter acontecido que o levou a planejar pegar as bolas promocionais? O que ele pensava durante o episódio acontecido?

▫ Para a escrita na perspectiva do policial:

Como é a rotina do policial? Gosta do que faz? Por quê? Tem família, filhos? O que faz nas horas de lazer? Por que achou suspeito o homem

malvestido? De onde vinha esse policial? Aconteceu algo antes?
O que pensou o policial quando suspeitou do homem?
Qual a razão de ele agir daquela forma? Que possibilidades ele
tinha naquela situação?

- Para a escrita na perspectiva da moça no ônibus:

Para onde ela estava indo? Como é sua rotina? Trabalha? Se sim, o
que faz? Se não, o que faz durante o dia? Tem família, filhos? Em que
ela pensou quando a senhora a abordou e falou sobre o suspeito? Ela
estava ou não com razão para acreditar na senhora?
Que possibilidades de ação tinha naquela situação?

- Para a escrita na perspectiva do jovem no carro:

De onde vinha o jovem? Para onde se dirigia? Como é sua rotina? Tem
família? Trabalha? Estuda? O que ele pensou sobre o suspeito? E sobre
o policial?

Para escrever seu texto, você pode usar o início do texto de Ferréz:

Avenida Santo Amaro. Às 13 horas.

*Um homem malvestido para em frente a uma concessionária de
automóveis fechada e nota as bolas promocionais amarradas à porta.*

Ou ainda inventar outro início, como:

Tinha terminado mais uma estressante jornada de trabalho como
segurança de uma obra. Ao contrário do que se pensa, segurança de obra
não dorme a noite toda, pois há sempre uns e outros querendo roubar
materiais de construção. Essa noite foi mais atribulada que o normal.
Tive até que pular o muro para conseguir sair da obra, pois alguns
gaiatos trancaram por fora a porta da saída. Eu estava malvestido, sim,
mas o que podia fazer? Tinha ido direto da outra obra e o chuveiro não
estava funcionando. Pior ainda, tinha que chegar cedo em casa, pois
era aniversário de minha filhinha e prometera para ela café da manhã
com bolo. Mas, e o dinheiro que eu não havia recebido? O chefe de obras
tinha prometido o adiantamento, mas não pagou.

Foi aí que comecei a olhar em volta.

Avenida Santo Amaro, 8h da manhã. Onde arranjaria dinheiro? Pedindo na rua? Não, a concorrência é grande. Foi quando vi a concessionária...

No decorrer do texto, você pode e deve fazer alterações nas narrativas, acrescentando passagens, omitindo outras, escrevendo-as de outra forma. Tente acrescentar pensamentos internos do narrador diante do desenrolar da situação (o quê/em quem pensou, se lembrou de alguma situação vivida anteriormente, ficou alegre/triste, sentiu coragem/medo...).

O final é por sua conta. Mas, não esqueça: o final da crônica geralmente tem algo surpreendente ou inusitado. Por isso, coloque a imaginação para funcionar!

ATIVIDADE 5 *A crônica e o jornal: retomando uma relação íntima*

1. Já pudemos observar quanto a crônica e o jornal mantêm uma relação de bastante proximidade. Nesta atividade, conheceremos o trabalho de Moacyr Scliar, que escreve semanalmente uma coluna no jornal *Folha de S. Paulo*. As crônicas nessa coluna sempre se referem a algum fato noticiado. Ela nos remete ao próprio surgimento e desenvolvimento da crônica como gênero jornalístico.



Como dissemos, em sua origem, ligada aos jornais, onde aparecia nos rodapés, as crônicas comentavam algo noticiado ou narravam algum episódio real ou ficcional relacionado a esse fato. Para alguns estudiosos da crônica, ela foi assumindo as características atuais principalmente em razão do pouco espaço que lhe era destinado pelos jornais, ao tempo breve para sua escrita (quase o mesmo do repórter) e à intenção de agradar os leitores, divertindo-os ou impactando-os.

- a) Agora, leia a crônica “O siri higiênico” escrita por Moacyr Scliar, com base em uma notícia sobre siri encontrado em banheiro de restaurante pela Delegacia de Saúde Pública.

O siri higiênico

Moacyr Scliar

A proprietária e o gerente de um restaurante foram detidos após uma inspeção da 1ª Delegacia de Saúde Pública do Departamento de Polícia de Proteção à Cidadania. Segundo a polícia, o estabelecimento funcionava em

condições precárias. A polícia foi até o local após receber uma denúncia anônima. No restaurante, policiais encontraram um siri vivo no banheiro.

Excerto de notícia publicada no caderno Cotidiano Online (jornal *Folha Online*).

SENHOR DELEGADO, entendo perfeitamente a sua disposição de zelar pela higiene de restaurantes. É uma causa que só posso apoiar; afinal, a saúde pública depende disso. Mas, no caso do meu próprio restaurante, devo lhe dizer que o senhor cometeu um engano. Engano compreensível, engano resultante do excesso de zelo, mas engano, de qualquer maneira. O senhor me autouou e me prendeu, por ter encontrado um siri vivo em meu restaurante. Aparentemente é uma medida adequada. Na verdade, e como já lhe mostrarei, não é.

Em primeiro lugar, não se trata de um siri qualquer, senhor delegado.

Quando foi trazido para o restaurante, com muitos outros siris apanhados numa praia, parecia isso, um siri comum. Mas logo ficou evidente que aquele siri tinha qualidades excepcionais. Acenava-me com as patinhas, senhor delegado. Isso mesmo: fazia gestos amistosos, uma coisa comovente. De imediato decidi: ele não iria

Moacyr Scliar é formado em Medicina, especialista em saúde pública e professor universitário.

Também é membro da Academia Brasileira de Letras. Depois de escrever seu primeiro livro no ano em que se formou (*Histórias*

de um médico em formação), não parou mais: foram mais de sessenta títulos, entre romances, contos, crônicas e literatura infantil. Seu estilo leve e irônico lhe conferiu um público bastante amplo e diverso, além do reconhecimento como um dos melhores escritores da atualidade.

fonte: <http://www.scliar.org/moacyr/>



FELIPE VARANDA/FOLHA IMAGEM

para a panela. Ficaria no restaurante, como animalzinho de estimação. Outros donos de restaurante têm gato de estimação, cachorro de estimação, papagaio de estimação, lagarto de estimação, por que não poderia eu ter um siri de estimação?

Dei ao siri o nome de César, porque ele gostava de fazer pose de imperador, e passei a criá-lo. O que, com siris, não é difícil. Eles não comem muito, não ocupam muito espaço. E o César era a simpatia em pessoa. Os fregueses simplesmente o adoravam. Chamavam-no: aqui, César, aqui! E ele ia correndo para as mesas e ficava acenando as patinhas. Lá pelas tantas aprendeu a dançar. Coisa mais engraadinha. A gente botava música e o César ficava dançando a dança do siri, três passos para um lado, três passos para o outro. O pessoal ficava deliciado.

E agora, vem o mais importante: o César era muito higiênico. Outros siris fazem as necessidades em qualquer lugar. O César, não. O César descobriu que havia, no restaurante, um lugar especial para isso e dirigia-se espontaneamente ao banheiro (dos homens).

Repito: espontaneamente, senhor delegado. Eu nunca o obriguei a fazer isso. Ele ia até lá, pulava para o vaso, fazia o que tinha de fazer e limpava-se com papel higiênico.

Por azar, o senhor veio ao restaurante exatamente no momento em que o César estava no banheiro. O senhor o surpreendeu lá dentro. O pobre bichinho deve ter morrido de vergonha, mas o César era digno, não sairia correndo por causa disso.

Ficou no banheiro, coisa que, para o senhor, se constituiu num flagrante. E, para ele, num trauma. Desde que isso aconteceu, o pobre não evacuou mais. Está com uma prisão de ventre terrível. Uma coisa emocional, claro. Siris também têm emoções, senhor delegado. Inclusive e principalmente no banheiro.



SCLIAR, Moacyr. O siri higiênico. Publicado originalmente na *Folha de S.Paulo*.

b) Como você pôde observar na leitura, Scliar parte de uma notícia veiculada em um jornal para escrever sua crônica. A forma do texto de Scliar lembra outro tipo de texto. Qual?

c) Você se lembra do livro de crônicas que a turma organizará no fim desta Unidade? Haverá mais uma candidata: que tal escrever mais uma crônica “à moda de Scliar”, partindo de uma notícia de jornal que poderá compor o texto? Veja algumas sugestões de manchetes, solte sua imaginação e produza uma crônica com base em uma delas. Para cada uma, há perguntas que podem ajudá-lo a pensar sobre a situação que deu origem a elas e a criar os detalhes que estarão presentes em seu texto. Não precisa responder a todas as perguntas, escolha aquelas que serão importantes para compor sua história. Se tiver oportunidade, leia as notícias acessando o *link* indicado.

Notícia 1: Piratas sequestram navio de carga chinês no oceano Índico

Folha Online, 19/10/2009.

Quem eram os piratas? De onde vinham? Como viviam? Havia algo no navio de carga chinês que despertasse o interesse dos piratas? Como planejaram o “sequestro” do navio? O que aconteceu no sequestro? Quem estava no navio? Como reagiu à invasão dos piratas? Os piratas tiveram sucesso em seu plano?

Notícia 2: Chinês nos EUA produz “tapete” da invisibilidade

Folha de S.Paulo, 1º/5/2009.

Como era o chinês que produziu o “tapete” da invisibilidade? Era feliz ou triste? Tímido ou extrovertido? Atento ou desligado? Tinha família ou era um solitário? Como teve a ideia de produzir um

tapete invisível? O que desejava fazer quando ficasse invisível? Isso aconteceu? Alguém ficou surpreso ao deparar com o chinês invisível? Como isso aconteceu? Alguém mais usufruiu dos poderes do tapete?

Notícia 3: Acusada de assalto a bancos, “vovó bandida” é presa pelo FBI

G1, 29/9/2009.

Quem era a vovó bandida? Aposentada? Dona de casa? Casada? Tem netos? Desde quando assalta bancos? Que motivos a levaram a assaltar? Tinha cúmplices? Quem planejava os assaltos? Usava algum disfarce durante o assalto? O que aconteceu no último assalto? Por que foi descoberta? O que disse ao ser presa?

ATIVIDADE 6 *De olho na vida: escolhendo o tema para uma crônica*

É hora de você começar a *prestar mais atenção* ao que pode ser assunto de uma crônica. Já vimos que fatos noticiados, situações cotidianas, engraçadas ou sérias, e até o futebol podem virar assunto de crônica.

Olhe atentamente tudo à sua volta. Desconfie e estranhe tudo.

Saia de casa decidido a saber: o que poderia dar uma crônica?

Dê uma de Rubem Braga, seja um espião da vida! Registre aqui os assuntos que gostaria de transformar em crônica. Não se preocupe em escolher agora, apenas registre vários assuntos/situações para ter opções. Entre hoje e amanhã pense: o que daria uma boa crônica?

Veja as notícias nos jornais, na TV, na internet... Veja no caminho que você faz de casa para a escola, na volta, repare nas pessoas, imagine o que estariam pensando ou fazendo antes daquele momento ou o que fariam depois, como é estar no trânsito, no metrô, na chuva (no sol), com quem encontraram ou encontrarão, o que vão fazer...



Enquanto isso, leia a crônica escrita por um aluno do 8º ano, com base em uma proposta parecida com esta. Observe como a proposta de escrita possibilitou a ele “um encontro” diferente com o mundo.

Vamos lá?! Perceba que escrever crônicas não é um exercício só de grandes escritores. Anime-se a fazer sua crônica.

A crônica gosta mesmo é quando a gente se rende a ela e se arrisca em incursões literárias!

Caminho

A fim de aprender outras línguas, me inscrevi em uma escola de inglês. Duas aulas por semana, três quadras do meu prédio. Um semestre depois, o caminho já virara rotineiro e eu o refazia toda a semana automaticamente. Parecia sempre igual.

Um dia resolvi desconfiar e tentar ver coisas diferentes no mesmo velho caminho.

Ganhei a calçada. Passo a passo, olhava ao redor, procurando ver. Dezenas de passageiros saltavam do ônibus. Quem seriam? De onde viriam? Boa parte seguia o mesmo rumo, em direção a PUC. Mochilas, bolsas, pessoas de muitos tipos, chapéus, tênis, sapatos, ternos, camisas azuis, vermelhas, roxas, multicoloridas. Nossa, quantos tipos de sapatos!

O que eles podem dizer de seus donos? Mais passos à frente, moradores de prédios vizinhos, cachorros (muitos), crianças (poucas), trabalhadores de vários tipos. Algumas árvores interceptam meu caminho, grandes, bonitas, sozinhas, tristes(?). Um cruzamento. O sinal de pedestre variando de verde para vermelho, conforme seu humor no dia. Poucos carros cruzam a rua (por que será?), deixando fácil o meu andar para o outro lado. Mas o que era aquilo na borda das ruas? O que aquela água fazia lá, sempre correndo num fluxo constante que parece nunca acabar, pois diariamente estava lá. De onde ela veio? Para onde iria? Seria a água em que eu lavei a mão antes de sair de casa? Quantas pessoas a teriam usado? Indignado, decido que, assim como a água, devo tomar meu rumo. Atravesso, finalmente, a rua. À frente, dois estacionamentos, lotados (é a PUC!). Na parede de um deles havia uma pequena porta (uma caixa de relógio de luz?), dentro dela sacos e um recipiente não muito grande. E mexendo nesse armário, um mendigo (claro! é ali que ele guarda suas coisas!). Não sorria, não deixava de sorrir. Apenas comia seu sanduíche, sem se dar conta de cada um que passava... Parecia não ter rumo, tampouco rotina. Como teria ido parar naquele lugar? Por que teria resolvido ser um mendigo? Alguém resolve isso? Novamente inconformado por não ter resposta, sigo meu caminho. Outro cruzamento. Uma rua de mão única com duas faixas, e a movimentada Cardoso de Almeida, uma multidão de carros, que formava um rio. A cada sinal verde, motoristas de diversos destinos e origens cruzam, disputando palmo a palmo, o espaço da avenida. Estou a apenas uma quadra do tão perto (e distante esta manhã) destino que me aguardava. Mas novamente me impressiono. Dessa vez, um simpático faxineiro varria a rua, assoviando uma música. Varria com calma, sorrindo por sorrir, cantando por cantar, e a cada folha, a arrastava com a cautela de quem não queria ferir a natureza. Em sua roupa GG de gari, vivia, e aproveitava o que podia, de sua longa vida. Mais alguns passos, e, finalmente, entrei na minha aula.

Levei uma página para mostrar três quadras. O mundo tem incontáveis quadras, e cada uma guarda seus segredos, seja na majestosa e velha árvore, no lixo deixado, na água que corre, nas gentes que passam...

P.S.: Vi um outro caminho, mas cheguei atrasado em minha aula.

ATIVIDADE 7 *Escrevendo uma crônica para o livro da turma*

Agora, você escreverá uma crônica sobre um assunto de sua escolha, que também será uma das produções que poderá compor o livro da turma.

- a)** Retome os registros feitos na atividade 6 e escolha o assunto e a situação que abordará em sua crônica. Pode ser algo observado no cotidiano, um novo “regulamento” sobre como se comportar em algum lugar (elevador, baile etc.), ou algo baseado em uma notícia, ou, ainda, algo recontado de outra perspectiva. Você pode ser sério, crítico ou cômico; o importante é revelar um certo olhar para o mundo.

É hora de começar a pensar no título do **livro de crônicas** da sua turma. Algumas sugestões: Cenas do 8º ano; Cronicamente viável etc. Converse com seus colegas e com seu professor até encontrar um nome representativo e, assim, batizar essa bela coletânea!

Assunto: _____

- b)** Quem serão as personagens de sua crônica? Será escrita em 1ª ou 3ª pessoa?

c) Defina os grandes momentos da sua crônica:

O que dá início à crônica?
Como se desenrola esse fato/situação?
Como termina? Como surpreender o leitor no fim?

d) Agora, escreva sua crônica. Use seu caderno.

e) Depois de terminar a primeira versão, leia a crônica de um colega e peça a ele para ler a sua. Observem:

	Sim/Não
Se o título é adequado, convidativo e tem relação com o corpo do texto.	
Se o jeito de relatar as ocorrências preserva características das crônicas no modo de relatar, na escolha das palavras etc.	
Se faz comentários, se há reflexões ou humor.	
Se tem um fim inusitado.	

Se necessário, escreva comentários, a lápis, na própria crônica do seu colega: destaque uma passagem que você tenha achado interessante, indique mudanças a fazer etc.

- f) Com base na revisão de seu colega, reescreva seu texto em uma folha avulsa e entregue-o a seu professor.

ATIVIDADE 8 *Escolhendo uma crônica e montando o livro*

Chegou a hora de montar o livro de crônicas da turma! Que vitória, hein?! Réúna todas as crônicas escritas no trabalho desta Unidade. As propostas de produção escrita foram:

- Crônica *Como comportar-se no...*, com base na crônica de Machado de Assis;
 - Crônica com base nas personagens do texto “O grande assalto”, de Ferréz;
 - Crônica baseada em notícias, conforme Moacyr Scliar;
 - Crônica de tema à sua escolha.
- a)** Em trios, você e seus colegas lerão as crônicas que produziram. Em seguida, devem escolher aquela que considerarem o melhor texto de cada aluno do trio para compor o livro de crônicas da turma.
- b)** Após a seleção das crônicas, dediquem-se a montar o livro, seguindo as orientações de seu professor. Para isso:
- Digitalizem e imprimam as crônicas;
 - Organizem os textos segundo algum critério (temático, tipo de proposta, cronológico, ordem alfabética do nome de autor etc.);
 - Criem a capa, a folha de rosto (incluindo o nome de todos os autores) e desenhos ou imagens que possam ilustrar as páginas do livro;
 - Encadernem o material organizado.

Depois de pronto, o livro da turma deve circular pela escola! Quem sabe vocês possam fazer um evento de lançamento e divulgação desse trabalho. Não se esqueçam: a crônica gosta mesmo é de circular por aí, não é para menos que “grudou” no jornal e todos os dias aparece de um jeito ou de outro, para nosso deleite.

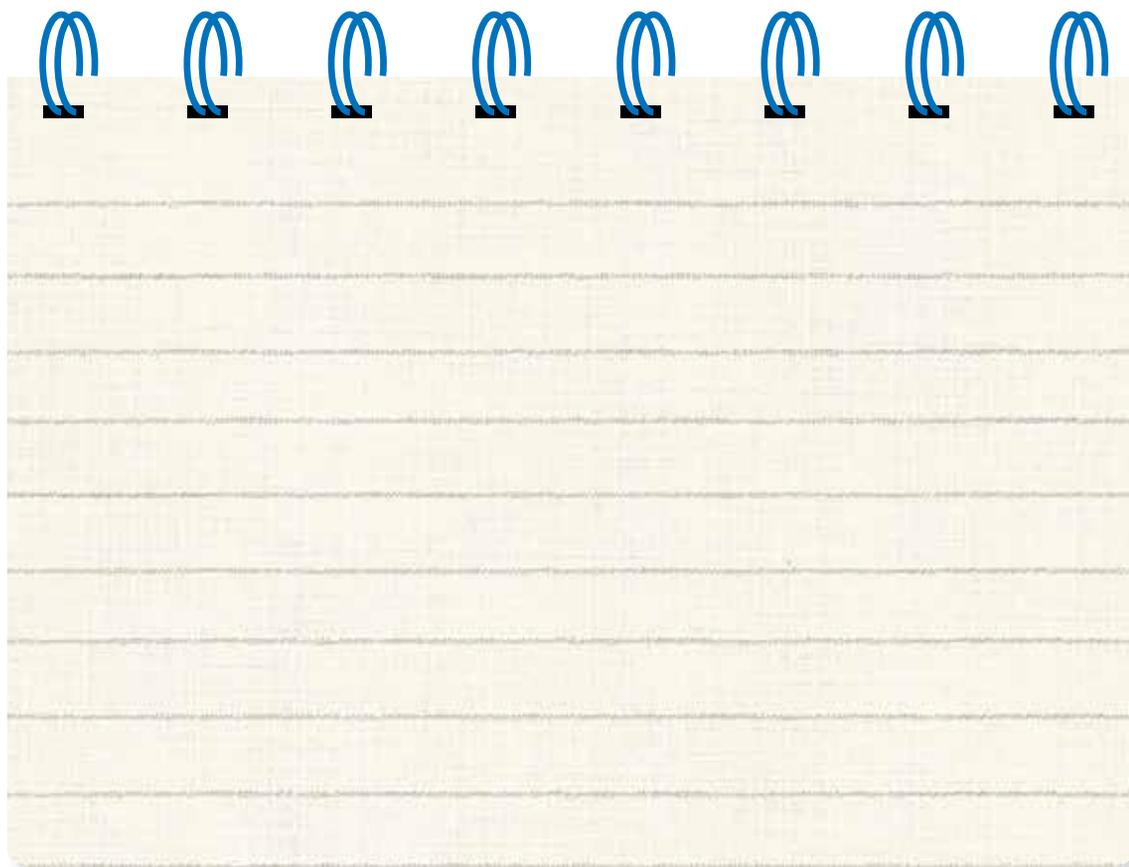
RETOMANDO PERCURSOS

Chegamos ao fim deste trabalho! Esperamos ter conseguido fazer você se sentir atraído pelas crônicas, que, certamente, vai encontrar em jornais, revistas, livros, *blogs*, *sites* etc. Afinal, de tão despretensiosa que é, cabe em vários espaços... Atenção: ela encontra os mais variados jeitos de se mostrar, mas exige que seus leitores se aproximem e abram espaço para uma boa conversa fiada. Desconfiamos, aliás, que a crônica não é muito afeita aos sisudos de plantão. Sabe aquelas pessoas que em tudo veem um defeito?!

Enfim, aproveite a crônica, a mais libertária das formas literárias!

Agora, para terminar mesmo, é com você: o que achou deste percurso? Registre aqui o que considerou mais significativo nessas aprendizagens, as mais importantes e as de que mais gostou. Não deixe de contar suas razões para essas escolhas. Também há espaço para dizer do que não gostou.

Se preferir, escreva uma crônica sobre as aulas de crônica.



Momento crônico

Aqui você encontra mais algumas indicações de crônicas para ler. Compartilhe essa leitura em um momento conjunto com toda a turma. É importante que sua leitura seja envolvente, o que demanda preparação. Assim, após a escolha da crônica, é importante ensaiar sua leitura várias vezes, observando o volume de voz, o ritmo de leitura e a entonação. Procure a expressividade mais adequada ao que está lendo. Tente ler de diferentes maneiras alguns trechos para escolher a melhor forma. Você pode mudar um pouco a voz na hora de ler as falas das personagens. A ideia é que, depois da leitura pelo professor ou por um aluno, a classe troque livremente impressões sobre a crônica lida. Seguem algumas sugestões de crônicas, mas outras tantas são possíveis:

1. **Brincos selvagens**, de Walcyrr Carrasco. Divirta-se, vendo como um adulto de meia-idade tenta fazer parecer natural o uso do *piercing* pelos jovens. (In: CARRASCO, Walcyrr. Para gostar de ler, volume 20: *O golpe do aniversariante e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1995.)
2. **Assaltos insólitos**, de Affonso Romano de Sant’Anna. Infelizmente, nas grandes cidades não é raro a ocorrência de assaltos, mas algumas situações inusitadas podem acontecer... (In: SANT’ANNA, Affonso Romano de. Para gostar de ler, volume 16: *Porta de colégios e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2006.)
3. **Segurança**, de Luis Fernando Verissimo. Vejam o que a obsessão por segurança pode causar!! (In: VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)
4. **Na escola**, de Carlos Drummond de Andrade. A sala de aula (e a escola) também pode dar origem a boas crônicas! Imagine tempos passados e uma classe decidindo se a professora pode ou não usar calça comprida... O exercício da democracia não é fácil! (In: SABINO, Fernando et alii. Para gostar de ler, volume 2: *Crônicas*. São Paulo: Ática, 1979.)
5. **A bola**, de Luis Fernando Verissimo. Em meio a tantas engenhocas eletrônicas atuais ainda há espaço para a boa e velha bola de futebol? (In: VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.)
6. **Mãe é fogo**, de Moacyr Scliar, é escrita com base em uma notícia de jornal publicada na *Folha de S.Paulo* de 6/8/1995, que conta o caso de uma mãe presa na Califórnia por provocar incêndios para ajudar a carreira do filho bombeiro. Dá para ter uma ideia do que Scliar imaginou, não é? (Notícia disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/06/mundo/2.html>. Acesso em: 7 jan. 2010. Crônica disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/10/cotidiano/10.html>. Acesso em: 7 jan. 2010.)

UNIDADE 3

CONSULTANDO VERBETES PARA APRENDER SOBRE O MUNDO

Para começo de conversa

Você provavelmente já consultou um dicionário. Em que situações?

Apenas na escola ou em outros lugares?

E enciclopédia, utilizou alguma para fazer pesquisas? Quando?

Dicionários e enciclopédias trazem definições em cada um de seus textos, ou melhor, em seus **verbetes**. No entanto, os verbetes de dicionário não são iguais aos de enciclopédia nem servem aos mesmos objetivos. Você sabe indicar três diferenças ou semelhanças?



Nesta Unidade, você trabalhará com verbetes de enciclopédia. Além de diferenciá-los dos verbetes de dicionário, vai comparar um mesmo verbete em diferentes fontes e produzir um verbete com o objetivo de apresentar um trabalho para sua turma. Vamos lá?

Pense nas seguintes situações:

1. Você está lendo o jornal e aproveita para ver o que o horóscopo diz sobre seu signo.

Saúde em questão hoje: até onde você pratica o que prega? Mexa-se, combata a preguiça, a inércia, o comodismo, em qualquer nível e instância. Suas chances de fazer algo realmente bom triplicarão se agir assim.



Você se pergunta: o que significa *inércia*? E *instância*? E se o que parece significar não for bem isso? Preocupado com o alerta sobre sua saúde, você consultaria o dicionário ou a enciclopédia para saber o sentido mais preciso dessas palavras? _____

2. Você se interessou muito pela previsão para seu signo. Ao lado dela, vê um anúncio:

Em busca de autoconhecimento?
Faça seu mapa astral! Ligue para
345-4423 e fale com a melhor
astróloga da região.

Esse anúncio gera grande curiosidade em você sobre astrologia. Onde você poderia pesquisar esse tema?

Para saber o significado de apenas um vocábulo, como *inércia*, você consulta um dicionário, mas, para se informar melhor sobre um tema, como *astrologia*, pode buscar informações em enciclopédias (impresas ou virtuais). Veja:

Verbetes *inércia* no *Dicionário eletrônico Houaiss*

Inércia

■ s.f.

1. **Rubrica: física.**

resistência que a matéria oferece à aceleração

Obs.: cf. *leis do movimento de Newton*

2. **Rubrica: química.**

propriedade que possui uma substância de não reagir em contato com outra

3. **Derivação: sentido figurado.**

falta de reação, de iniciativa; imobilismo, estagnação

Ex.: a i. administrativa pode parar um país

4. **Derivação: sentido figurado.**

estado de abatimento caracterizado pela ausência de reação, pela falta de energia física ou moral; apatia, indolência, prostração

Ex.: <a i. subjuga-o e desencoraja-o para tudo> <i. do espírito>

5. **Derivação: sentido figurado. Diacronismo: obsoleto.**

falta de habilidade; inaptidão, incapacidade.

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.

Verbetes *astrologia* na *Wikipédia*

Astrologia

A **astrologia** (do [grego](#) *astron*, “astros”, “estrelas”, “corpos celestes”, e *logos*, “palavra”, “estudo”) é um grupo de sistemas, tradições e crenças que alega que as posições relativas dos corpos celestes podem prover informação sobre a personalidade, as relações humanas e outros assuntos mundanos. Um praticante de astrologia é chamado astrólogo. Cientistas consideram astrologia uma [pseudociência](#) ou [superstição](#), uma vez que esta não tem evidências acerca da eficácia de seus métodos.

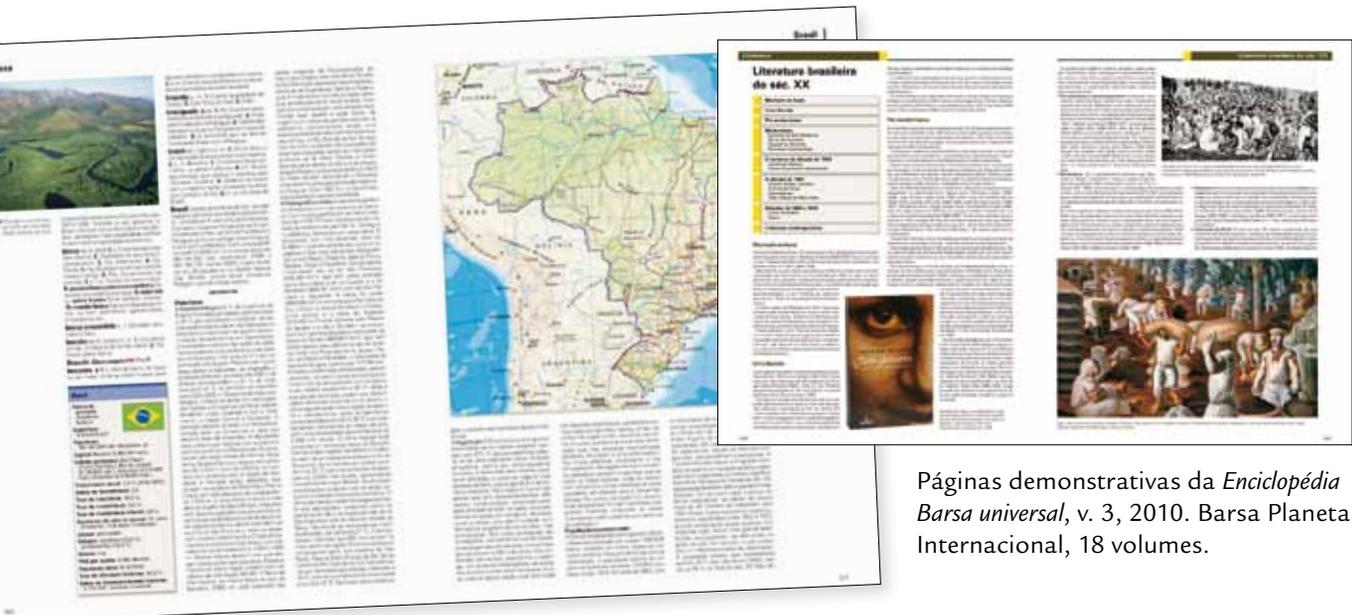
Os registros mais antigos sugerem que a astrologia surgiu no terceiro milênio antes de Cristo. Ela teve um importante papel na formação das culturas, e sua influência é encontrada na astronomia antiga, nos [Vedas](#), na [Bíblia](#) e em várias disciplinas através da história. De fato, até a Era Moderna, astrologia e astronomia eram frequentemente indistinguíveis, uma vez que o desejo de predizer o futuro por atividades adivinhatórias era uma das motivações principais das observações astronômicas. A [astronomia](#) começou a divergir gradualmente da astrologia a partir da Renascença até o século XVIII. [...]

Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>.

3. Discuta com seus colegas:

- Quais as principais diferenças entre os dois verbetes?
- Que tipo de informações cada um fornece?
- Por que o verbete de dicionário utiliza numerais para organizar o texto?
- Qual(is) das definições de *inércia* seria(m) mais adequada(s) ao texto do horóscopo?
- E o verbete de enciclopédia, somente define *astrologia* ou traz outros tipos de informação?

Os verbetes de enciclopédia servem para nos informarmos, de maneira mais geral, sobre algum tema que nos interessa ou sobre algo que estamos estudando. Neles, podemos encontrar dados históricos, associações com outros temas, descrições e conceitos relacionados, como acontece no exemplo do verbete *astrologia* (observe que no final há reticências entre colchetes, indicando que o verbete não terminou ali!). Existem também enciclopédias ilustradas, em que cada verbete é acompanhado de imagens.



Páginas demonstrativas da *Enciclopédia Barsa universal*, v. 3, 2010. Barsa Planeta Internacional, 18 volumes.

Leia as definições a seguir:

Verbete de dicionário:

conjunto de significados e exemplos relativos a um vocábulo.

Verbete de enciclopédia:

tem a função de informar sobre um tema-base, expandindo o assunto.

Você pôde perceber, com base nas definições e nos exemplos anteriores, que há diferenças entre os dois tipos de verbetes. Então, é preciso estar atento. Um verbete de dicionário possui caráter provisório, pois depende do contexto em que a palavra é empregada. Além disso, a língua é um fenômeno dinâmico: podem surgir novos significados para um mesmo termo, assim como novos vocábulos. O verbete de enciclopédia trata de um tema-base que se expande durante sua escrita, mas essa expansão não segue sempre a mesma direção: a produção de um verbete pode enveredar-se para os fatos históricos ou para a associação com outros temas.



Você sabia?

A primeira enciclopédia foi organizada no século XVIII, conhecido como “século das luzes”, pelos franceses Denis Diderot (filósofo) e Jean d’Alembert (matemático). Com a ajuda de diversos especialistas, eles levaram mais de 20 anos para produzir 28 volumes (17 de textos e 11 de ilustrações) com verbetes sobre temas e conceitos científicos, apresentados pela primeira vez em ordem alfabética. Essa opção não foi por acaso: os autores pretendiam divulgar ao povo os achados das ciências sem divisões em disciplinas ou áreas de conhecimento.



ATIVIDADE 1 Comparando verbetes de enciclopédia

Leia a seguir dois verbetes sobre **astrologia**, retirados de duas enciclopédias, uma impressa e uma virtual:

Astrologia s.f. (Do gr. *astrología*.) Prática divinatória que supõe a influência dos astros no curso dos acontecimentos na Terra e sobre o destino das pessoas, grupos ou nações.

ENCICL. A astrologia propõe-se, em particular, a predizer o futuro de cada pessoa em função da posição dos astros no momento do seu nascimento (→ HORÓSCOPO). No passado chegou a confundir-se com a astronomia, bem mais antiga. Não encontra suporte nas teorias científicas e é, por isso, considerada uma pseudociência.

Grande enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

A **astrologia** (do [grego](#) *astron*, “astros”, “estrelas”, “corpos celestes”, e *logos*, “palavra”, “estudo”) é um grupo de sistemas, tradições e crenças que alega que as posições relativas dos corpos celestes podem prover informação sobre a personalidade, as relações humanas e outros assuntos mundanos. Um praticante de astrologia é chamado astrólogo. Cientistas consideram astrologia uma [pseudociência](#) ou [superstição](#), uma vez que esta não tem evidências acerca da eficácia de seus métodos.

Os registros mais antigos sugerem que a astrologia surgiu no terceiro milênio antes de Cristo. Ela teve um importante papel na formação das culturas, e sua influência é encontrada na astronomia antiga, nos [Vedas](#), na [Bíblia](#) e em várias disciplinas através da história. De fato, até a Era Moderna, astrologia e astronomia eram frequentemente indistinguíveis, uma vez que o desejo de prever o futuro por atividades adivinhatórias era uma das motivações principais das observações astronômicas. A [astronomia](#) começou a divergir gradualmente da astrologia a partir da Renascença até o século XVIII. Eventualmente, a astronomia se distinguiu como uma disciplina científica, constituída do estudo objetivo do [Universo](#), abandonando as antigas interpretações astrológicas.

Astrólogos acreditam que o movimento e posições dos corpos celestes podem influenciar diretamente eventos na Terra e em escala humana. Astrólogos modernos definem a astrologia como uma linguagem simbólica, uma forma de arte ou uma forma de vidência.

Índice

[1 Descrição](#)

[2 Técnicas astrológicas](#)

[2.1 Conceitos clássicos](#)

[2.1.1 Os signos e as partes do corpo](#)

[2.1.2 Pedras zodiacais](#)

[3 História](#)

[4 As várias astrologias](#)

[5 Astrologia e ciência](#)

[6 Teorias sobre o funcionamento da astrologia](#)

[7 Astrologia e espiritismo](#)

[8 Argumentos a favor e contra a astrologia](#)

[8.1 Argumentos contra a astrologia](#)

[8.2 Argumentos a favor da astrologia](#)

[9 Astrólogos notáveis](#)

[10 Fontes](#)

[11 Referências](#)

Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>.

Após a leitura dos textos, responda às seguintes questões:

1. Seria possível encontrar um desses verbetes no dicionário? Por quê?

2. Que característica inicial dos dois verbetes os identifica como de enciclopédia?

3. Comparando seus aspectos formais, como cada verbete se apresenta?

Qual é o primeiro termo que aparece? O que vem depois? Há destaque para algumas palavras?

4. Os dois verbetes contêm as mesmas informações? Complete o quadro com o que você encontra somente na enciclopédia impressa, somente na enciclopédia virtual e nas duas.

<i>Larousse Cultural</i>	<hr/> <hr/>
<i>Wikipédia</i>	<hr/> <hr/>
Em ambas	<hr/> <hr/>

5. O verbete de enciclopédia expande um tema.

a) Que expansões são feitas no primeiro verbete?

b) E no segundo?

6. O primeiro verbete é de uma enciclopédia impressa; o segundo, de uma enciclopédia digital, acessada pela internet.

a) Compare os dois suportes. Como são realizadas as buscas dos verbetes em cada um deles? E a leitura, como é feita?

b) Que tipo de expansões para outros termos e temas é possível a cada um dos suportes? Compare a palavra HORÓSCOPO antecedida de uma seta no primeiro texto com os termos em azul no segundo.

7. Relacionando o suporte e o conteúdo de cada um dos verbetes, reflita: os dois têm o mesmo público-alvo? A quem cada texto se dirige?

8. As enciclopédias impressas, em geral, organizam-se de duas maneiras: em ordem alfabética e por temas. Qual dessas formas de organização é mais fácil para localizar o assunto de sua pesquisa?

9. Refletindo sobre a língua e linguagem dos verbetes

- a) O verbete publicado na enciclopédia *Larousse Cultural* se assemelha ao verbete de dicionário. Compare-o com o verbete *inércia*, do *Dicionário eletrônico Houaiss*, e procure descobrir os significados das abreviaturas utilizadas, pois elas fazem parte do estilo de muitos verbetes!

Abreviaturas encontradas no verbete de dicionário e seus significados	Abreviaturas encontradas no verbete de enciclopédia e seus significados
s.f. =	s.f. =
Obs. =	gr. =
cf. =	ENCICL. =
Ex. =	

- b) Se o leitor do dicionário ou da enciclopédia não conhece o significado de alguma abreviatura, como ele faz para descobrir?

- c) Compare os dois verbetes de enciclopédia sobre *astrologia*. A maioria dos verbos está em que tempo verbal (passado, presente, futuro) e em que modo (indicativo, subjuntivo, imperativo)? Por quê?

- d) Em algumas ocorrências, nos dois textos, há verbos no passado. Releia os verbetes, sublinhe os verbos no passado e responda: quando esse tempo é utilizado nos verbetes? Ele serve para narrar que tipo de fato?

- e) Os verbos que se encontram no presente ou no passado podem estar associados a expressões (advérbios, numerais, adjetivos) que indicam uma relação temporal. Identifique algumas dessas expressões nos dois verbetes (se houver).

Expressões que indicam tempo...		
	Passado	Presente
Verbete impresso	<hr/> <hr/>	<hr/> <hr/>
Verbete eletrônico	<hr/> <hr/>	<hr/> <hr/>

10. Refletindo sobre o verbetista

Verbetista é o especialista responsável pela elaboração de verbetes. Para que o verbete fique claro para o leitor, ele precisa utilizar vários recursos e linguagem específica.

Em geral, podemos dizer que o verbetista escreve para quem? Como podemos perceber a presença do leitor no texto? Discuta com alguns colegas e sistematize suas conclusões no espaço a seguir.

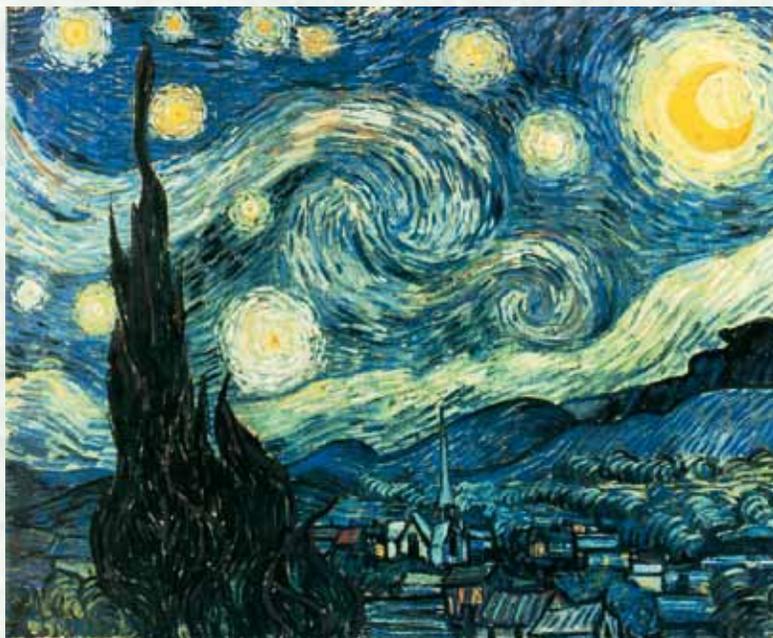
ATIVIDADE 2 *Divulgando o conhecimento*

Depois de discutir as diferenças entre verbetes de dicionário e de enciclopédia, assim como a apresentação de um mesmo verbete de enciclopédia em dois suportes de circulação distintos, você vai agora analisar as diferenças entre verbetes e outros textos que trazem definições de termos e conceitos, ou seja, outros textos de divulgação científica.

Para isso, leia o artigo do físico Adilson de Oliveira, publicado na revista *Ciência Hoje*.

A verdadeira influência dos astros

Colunista explica como surgiu a astrologia e questiona sua validade para prever o destino dos homens.



A beleza das estrelas sempre fascinou a humanidade e inspirou diversas obras de arte, como o quadro *Noite estrelada*, pintado em 1889 pelo holandês Vincent van Gogh (1853-1890) (Museu de Arte Moderna, Nova York).

O céu noturno, quando a Lua não está presente, é sempre uma visão maravilhosa. Se tivermos sorte de estar em um lugar pouco iluminado e sem poluição, como ainda é o caso em algumas localidades no interior do Brasil, podemos ver, em uma única noite, milhares de estrelas. No alvorecer da consciência humana, há milhares de anos, aprendemos a olhar para o alto e nos impressionar com as estrelas. [...] As constelações, o nome que se dá aos agrupamentos de estrelas, eram vistas de diferentes maneiras para cada povo. Alguns enxergavam em sua disposição animais, monstros e seres mitológicos. Outros viam objetos do seu cotidiano e divindades das suas crenças.

Contudo, as estrelas que constituem uma constelação não têm nenhuma ligação física entre si. A estrela Alfa-Centauri, por exemplo, a mais brilhante da constelação do Centauro (figura mitológica grega meio homem, meio cavalo), está a 4,4 anos-luz (41 trilhões de quilômetros) de distância da Terra. Já a segunda estrela mais brilhante (Beta-Centauri) está à distância de 525 anos-luz.

Além disso, todas as estrelas da Via Láctea se movimentam, girando em torno do centro dessa galáxia. O Sol, por exemplo, completa uma volta a cada 250 milhões de anos. Portanto, as constelações, por mais bonitas que nos pareçam, são apenas figuras que queremos enxergar nos céus – uma configuração momentânea, diferente das que existiram no passado e de outras que haverá

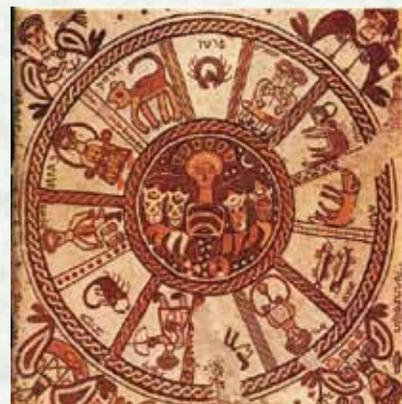
no futuro, um reflexo dos nossos sentimentos, medos e crenças. [...]

Plantando e colhendo previsões nas estações

Devido à periodicidade dos movimentos celestes foi possível aprender a fazer previsões dos seus movimentos. Em particular, o período de um ano é definido pelo tempo que o Sol leva para retornar a uma mesma posição no céu em relação às constelações. O movimento do Sol no céu, que na verdade é decorrente do movimento da Terra ao seu redor, determina as estações do ano.

Dessa maneira, conhecer precisamente o início das estações do ano permite planejar plantios e colheitas. No Egito antigo, por exemplo, o cultivo às margens do Nilo era definido em função das cheias anuais do rio, que podiam ser previstas pelas observações dos astros – um segredo guardado pelos sacerdotes. [...]

Por volta de 3000 a.C., os mesopotâmios e babilônios, que viveram no vale dos rios



Mosaico encontrado no piso de uma sinagoga do século VI situada em Israel, mostrando os 12 signos do zodíaco em torno do Sol.

Ilustração usada para representar o signo de Capricórnio em um manual de astrologia do século XV. Quem nasce entre os dias 22 de dezembro e 20 de janeiro pertence por definição a esse signo. No entanto, variações na direção do eixo de rotação da Terra fazem com que, atualmente, o Sol passe pela região do céu da constelação de Sagitário entre 17 de dezembro e 18 de janeiro.



Eufrates e Tigres, no atual Iraque, acreditavam que os movimentos dos planetas, do Sol e da Lua afetavam a vida dos reis e das nações. Nascia então a astrologia. Quando os babilônios foram conquistados pelos gregos, essa crença se espalhou de forma gradual pelo resto do Ocidente.

No século II a.C. esse conhecimento alcançou grande disseminação e se incorporou ao cotidiano da maioria dos povos. Muitos acreditavam que a configuração dos planetas no céu no momento do nascimento das pessoas definia aspectos da sua personalidade bem como de seu destino.

Esse tipo de astrologia, conhecida como astrologia natal (que faz os horóscopos), teve seu apogeu quando o astrônomo grego Claudius Ptolomeu (85-165 d.C.) publicou o livro *Tetrabiblos*, que representa até hoje a base da astrologia. Jornais, revistas, portais de notícias, programas de rádio, televisão etc. costumam apresentar previsões astrológicas (quase sempre muito genéricas) sobre o comportamento das pessoas a partir do estudo das posições das estrelas e planetas. Será que isso é de fato algo em que se pode confiar?

Astrologia e astronomia

A astrologia precedeu a astronomia no estudo e observação do céu. A diferença fundamental entre elas é que a astronomia é a ciência que estuda os movimentos dos astros e procura compreender a sua causa com base nas leis físicas. A astrologia relaciona a posição dos planetas em relação às constelações do zodíaco e tenta correlacioná-las com o destino e com as tendências humanas. Contudo, ela não explica as causas por trás dessa relação e suas previsões não podem ser verificadas. Por isso é possível afirmar que a astrologia é uma pseudociência, ou seja, se apresenta como uma atividade científica, mas não é.

A prática astrológica mais popular é baseada no chamado signo solar, que considera a posição do Sol em relação a uma região do céu de 30 graus, na eclíptica, que representa o caminho que esse astro faz através das constelações. O signo é definido por essa região, chamada casa zodiacal e associada a uma das 12 constelações do zodíaco (como Touro, Áries, Capricórnio etc.).

No entanto, em seu caminho o Sol passa anualmente por 13 constelações, e não 12 (a constelação extra se chama Ofiúco, na qual o Sol transita entre 30 de novembro e 17 de dezembro). Para refletir a realidade dos astros, portanto, o horóscopo teria que conter 13 signos e não apenas levar em conta aqueles definidos pelos povos antigos há quase 2 mil anos.

De acordo com essa definição, quem nasce entre os dias 22 de dezembro e 20 de janeiro será do signo de Capricórnio. Entretanto, devido ao movimento de precessão, semelhante ao que faz um pião balançar quando começa a perder velocidade de rotação, o eixo de rotação da Terra se modifica ao longo do tempo, completando uma volta a cada 25.770 anos. Com o passar dos séculos, esse fenômeno acabou modificando nossa visão das constelações.

Há 2 mil anos o Sol passava pela constelação de Capricórnio na época do ano delimitada no horóscopo. Atualmente, no entanto, no período entre 17 de dezembro e 18 de janeiro ele passa pela região da constelação de Sagitário. Como explicar então a influência dos astros sobre a vida da pessoa que nasce nesse período? Essa discrepância vale também para todas as outras constelações, ou seja, todas as datas estão equivocadas.

Mais argumentos

Haveria ainda muitos outros pontos questionáveis quanto à validade científica da astrologia, como, por exemplo, a possível influência de outros astros do Sistema Solar que ela não leva em conta, como os milhares de asteroides, cometas, meteoroides etc. E como ficaria o caso de Plutão, considerado um planeta desde sua descoberta e que em 2006 passou a ser considerado um planeta-anão, ao lado de centenas de outros corpos celestes do Cinturão de Kuiper?

Além disso, depõem contra a astrologia o fato de gêmeos idênticos terem comportamentos diferentes, as grandes diferenças nos horóscopos traçados por astrólogos diferentes para os mesmos dados de nascimento, entre outros. Talvez o argumento mais contundente, em minha opinião, seja a falta de um modelo consistente para explicar de que forma e por meio de qual interação ou força os astros influenciariam o destino e a personalidade das pessoas.

Talvez as posições das estrelas no céu realmente influenciem as pessoas. A sensação de olhar para elas e contemplar toda a beleza de um céu estrelado realmente toca no fundo da alma da maioria das pessoas. Sem dúvida esta é a maior influência que elas exercem sobre nós – que o digam os poetas, pintores e compositores.

OLIVEIRA, Adilson de. *Ciência Hoje*, 15 jun. 2007.
Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br>>.

1. O artigo publicado na revista de divulgação científica *Ciência Hoje* também traz uma definição de astrologia. Qual?

2. Por ser um artigo de divulgação científica, o texto se concentra em discutir a veracidade das previsões da astrologia. Qual o principal argumento do autor? Ele acredita em astrologia?

3. Nos verbetes lidos, a astrologia é caracterizada como “pseudociência”. No artigo, há uma explicação para essa denominação. Qual? Com base nisso, o que é ciência então?

4. Quais informações sobre astrologia você obteve nesse artigo e não nos verbetes?

5. Em que a opinião do autor do artigo e as informações que ele apresenta sobre astrologia podem ser relacionadas com sua formação como físico?

6. Qual é o público leitor do artigo de divulgação científica? O mesmo que dos verbetes? Os textos têm funções iguais ou diferentes ao definir *astrologia*?

7. As três imagens e respectivas legendas presentes no artigo se relacionam com diferentes partes do texto. Copie o trecho do artigo com o qual cada uma das imagens se relaciona.

a) *Noite estrelada*, de Vincent van Gogh:

b) Mosaico mostrando os 12 signos do zodíaco em torno do Sol:

c) Ilustração do signo de Capricórnio em um manual de astrologia do século XV:

ATIVIDADE 3 *Discutindo os verbetes temáticos*

Você sabia que, além de enciclopédias que contêm verbetes que tratam de estudos e conceitos sobre diversas áreas do conhecimento, tendo, conseqüentemente, caráter mais geral, há também enciclopédias temáticas? São enciclopédias específicas, relativas a determinadas áreas do conhecimento, como: enciclopédia de arte, enciclopédia de história, enciclopédia de música, enciclopédia de literatura, enciclopédia sobre dinossauros, enciclopédia sobre o corpo humano, enciclopédia de filosofia, entre outras.

1. Imagine que você e seus colegas de classe vão produzir uma enciclopédia específica sobre astrologia para pessoas de sua idade. Levando em conta que esse tipo de enciclopédia trata de determinada área de maneira aprofundada e detalhada, liste de cinco a dez temas relacionados com astrologia que sua enciclopédia deveria conter. Se necessário, retome os verbetes e o artigo de divulgação científica.

2. Faça uma visita à sala de leitura de sua escola ou a uma biblioteca pública e procure enciclopédias temáticas. Como elas são organizadas? Quem é o público leitor? Sistematize a pesquisa em seu caderno.

ATIVIDADE 4 *Produzindo verbetes temáticos*

Na atividade anterior, você e seus colegas relacionaram alguns temas que poderiam constar como verbetes de uma enciclopédia de astrologia para jovens de sua idade. Agora, vocês vão produzir os verbetes para esses temas!

É preciso, então, consultar diferentes fontes para obter informações sobre o tema, selecioná-las, resumi-las e elaborar o verbete, lembrando-se dos aspectos formais desse gênero, observados nos textos lidos. Vamos lá? Reúna-se em grupo e, com seus colegas, escolham a “entrada”.

Passo 1 – Planejamento

Para produzir o verbete de enciclopédia, colem informações em mídias diversas (jornais, revistas, internet) sobre o termo de entrada (palavra ou expressão) que vocês vão definir. Anotem os pontos mais importantes sobre o assunto escolhido e façam uma lista das fontes consultadas.

Passo 2 – Resumo e seleção

Nem todas as informações encontradas são adequadas a um verbete. O verbete se caracteriza por trazer definições concisas e expansões sobre o tema no que se refere a origem, dados históricos, principais marcos, personalidades, curiosidades e outras informações relevantes. Seleccionem e resumam as informações encontradas.

▣ Definição: _____

▣ Origem: _____

▣ Dados históricos: _____

▣ Marcos: _____

▣ Personalidades: _____

□ Curiosidades e outras informações relevantes: _____

Passo 3 – Escrita do verbete

Com base nas informações coletadas, escrevam o verbete. Lembrem-se das características formais desse gênero: termo de entrada em destaque, ciência com que se relaciona, definição, indicação de termos relacionados (remissões), linguagem concisa, verbos na terceira pessoa, principalmente no presente do indicativo.

Passo 4 – Revisão e reelaboração do verbete

Depois de terminarem a primeira versão do verbete, leiam o texto em voz alta. Façam a revisão do texto e, a seguir, organizem sua edição. O quadro abaixo poderá ajudá-los no trabalho de revisão e reelaboração.

	Sim/Não
A entrada do verbete encontra-se escrita de forma destacada (letra maiúscula, negrito ou outro efeito gráfico)?	
O verbete apresenta abreviaturas de forma correta?	
O verbete apresenta explicações coerentes e relacionadas com o tema?	
Há uso de termos técnicos com possíveis explicações?	
O texto está escrito com linguagem atraente para jovens?	
Os verbos estão conjugados no tempo e no modo verbal adequados para o verbete?	
O verbete encontra-se organizado numericamente ou por outros recursos que possibilitam dividir a temática?	
O verbete traz termos ou informações destacados que chamem a atenção do leitor?	

Revisem seu verbete com base nas informações obtidas no quadro.

ATIVIDADE 5 *Expondo o verbete para todos!*

Agora, todos os grupos vão compartilhar as pesquisas realizadas e os verbetes elaborados para juntá-los e organizar a enciclopédia temática da classe. Para isso, que tal um dia de exposição oral?

Para falar em público, é preciso planejar, elaborar um roteiro e ensaiar para a exposição. Ouvir uma apresentação também exige preparação e concentração. Por isso, com seu grupo, organize a exposição oral, seguindo estes passos:

Passo 1 – Planejamento e roteiro

O passo inicial para fazer uma exposição oral é:

Conhecer bem o assunto a ser exposto, fazendo pesquisas e estudando.

Você já pesquisou bastante para elaborar seu verbete. Contudo, um verbete não é um gênero oral. Por isso, em sua exposição, você não deve simplesmente ler o verbete produzido. É interessante apresentar conflitos e polêmicas sobre o tema que você encontrou durante a pesquisa, dados históricos e curiosidades. Pense em como atrair a atenção dos ouvintes e tornar o tema interessante para uma exposição oral. Para isso, elabore com seu grupo um roteiro para sua apresentação:

1ª parte: Abertura – Apresentação do grupo aos ouvintes.

2ª parte: Introdução ao tema – Introdução ao tema da exposição e justificativa da escolha do tema.

3ª parte: Apresentação do plano de exposição – Explicação de como a exposição vai acontecer, criando expectativas nos ouvintes. Façam um cartaz ou apresentação em PowerPoint mostrando como se dará a apresentação do tema:

a) Tema.

b) Definição e informações centrais.

c) Informações secundárias, explicações, exemplificações e curiosidades.

d) Conclusão.

4ª parte: Desenvolvimento e encadeamento das ideias – Apresentação do assunto, seguindo o plano de exposição.

5ª parte: Recapitulação e síntese – Retomada dos pontos principais e síntese das ideias que conduziram a discussão.

6ª parte: Conclusão – Síntese do assunto tratado.

7ª parte: Encerramento – Dê espaço para perguntas da plateia. Se houver, responda ordenadamente a cada uma delas. Agradeça a atenção da plateia.

Passo 2 – Preparação de recursos visuais

Para prender a atenção de sua plateia, mostrar exemplos, explicar conceitos e ajudar na visualização de aspectos da pesquisa, os recursos visuais são indispensáveis. Por isso, selecione imagens, produza esquemas e traga gráficos para sua apresentação. Você pode preparar cartazes ou uma apresentação em PowerPoint. Ilustrações mais importantes podem ir para a enciclopédia.

Organizar a apresentação em tópicos para a plateia acompanhar também é uma estratégia interessante para tornar a exposição mais clara e para você se guiar durante a fala.

Passo 3 – Ensaio

Com base em seu roteiro e nos recursos visuais, ensaie a exposição oral. O grupo deve planejar como a exposição será feita e assistir ao ensaio, fazendo comentários críticos para que esta seja melhorada.

Passo 4 – Preparação para ouvir e participar do dia de exposições

No dia da apresentação, lembre-se de que não é só seu grupo que vai expor a pesquisa. É importante, então, se preparar para ouvir a exposição dos outros, estando pronto para elaborar perguntas, fazer comentários e pedir mais informações aos grupos caso sinta necessidade. Afinal, todas as exposições resultarão em uma publicação coletiva: a enciclopédia de astrologia.

Produção da enciclopédia

Após as exposições orais, você e sua turma conhecem todos os verbetes para produzir a enciclopédia temática. Com as contribuições dos debates sobre as exposições, os verbetes devem ser revisados.

Depois, é preciso organizar a publicação. Consulte uma enciclopédia para ter exemplos de como fazer. Mãos à obra!

UNIDADE 4

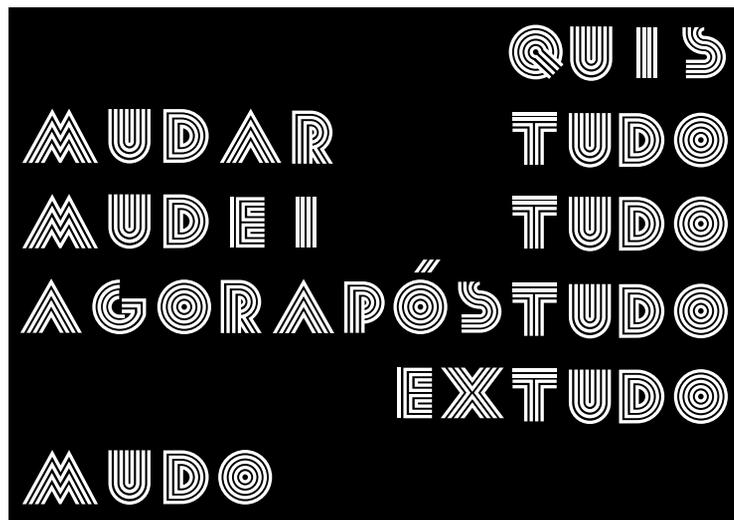
POEMAS PARA VER E OUVIR

Para começo de conversa

No início dos anos 1950, o público via pela primeira vez uma nova forma de poesia, que chamava a atenção por seu aspecto visual.

Os autores desses poemas denominavam-se **poetas concretos** e propunham o uso de **novos recursos expressivos**

conectados com o mundo contemporâneo. A poesia concreta estabeleceu conexões com diversas formas de arte. Poetas que entendiam a poesia como experiência criativa, como os do movimento tropicalista, nos anos 1970, e, mais recentemente, os do movimento *hip hop*, aproximaram-se e dialogaram com os poetas concretos.



Pós-tudo, 1984, de Augusto de Campos.

Nesta Unidade, você vai apreciar muitos poemas interessantes. Depois vai produzir os próprios poemas. Além disso, vai ouvir e cantar *raps*, buscando compreender a intenção das mensagens dos autores. E quem sabe você também não se arrisca a criar o seu?

Urgente!

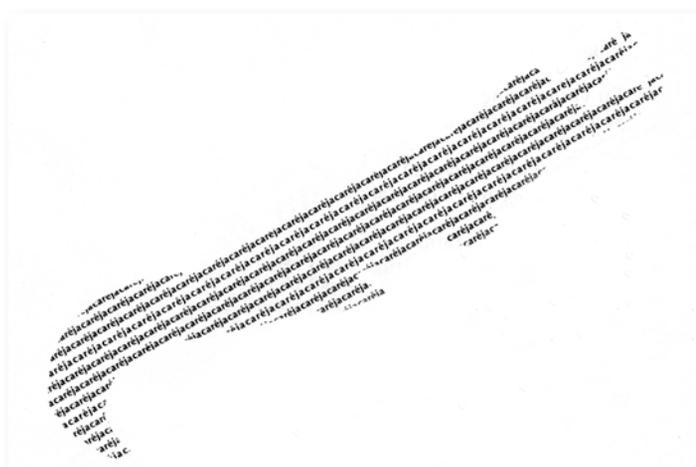
Sérgio Caparelli

Uma
gota
de
orvalho
caiu hoje, às 8h, do dedo anular
direito, do Cristo Redentor, no
Rio de Janeiro
Seus restos
não foram
encontrados
A Polícia
não acre-
dita em
acidente
Suspei-
to: o
vento

Os meteoro-
logistas, os poetas e
os passarinhos choram in-
consoláveis. Testemunha
presenciou a queda: "Horrível!
Ela se evaporou na metade do caminho!"

Jacaré letrado

Sérgio Caparelli



Falta de sorte

Sérgio Caparelli



E então, gostou dos poemas? Agora, volte a cada um deles e responda às questões que se seguem.

1. No poema “A primavera endoideceu”:

a) Como a disposição gráfica das palavras colabora para a compreensão do poema?

b) Por que o autor escolheu as expressões “bem me quer” e “mal me quer” para formar as pétalas?

c) Por que o autor repetiu a palavra “zum” para formar o miolo?

d) Por que o caule é formado pelos versos “Nos meus olhos zumbiam mil abelhas / e me fitavas detrás da cerca dos cílios”?

e) O título “A primavera endoideceu” tem a ver principalmente com:

2. No poema “Urgente!”:

a) Que figura lembra a disposição das palavras?

b) Tendo por base apenas o título e as palavras, o texto se parece mais com:

- uma fábula. uma notícia.
 um artigo de opinião. uma crônica.

c) O que confere um caráter poético a esse texto?

3. Por que o terceiro poema se chama “Jacaré letrado”?

4. No poema “Falta de sorte”:

a) Que figura forma o poema?

b) O que acontece com a palavra “cai”?

c) O que significa o círculo vermelho no centro do poema?

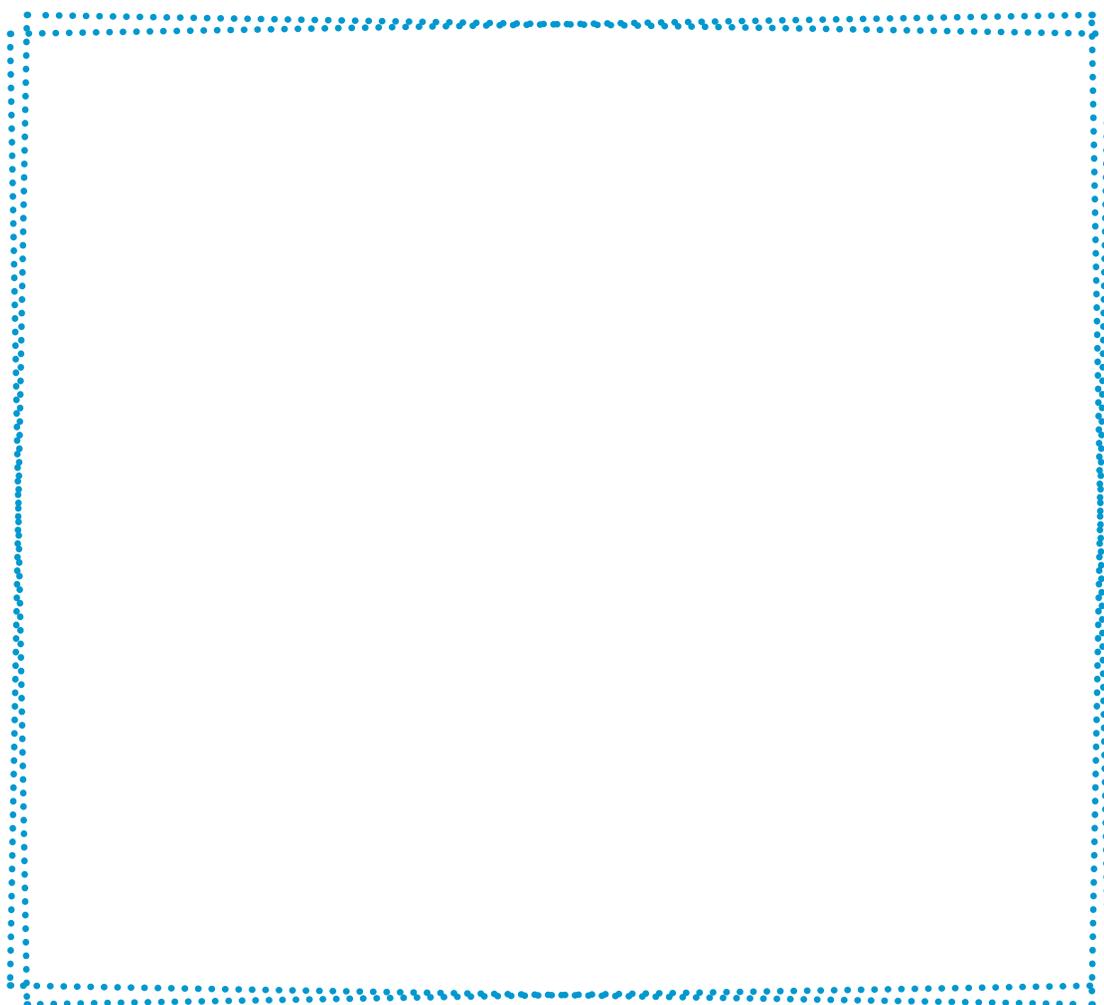
5. Se você apenas ouvisse esses quatro poemas em vez de lê-los em um livro, eles teriam o mesmo impacto? Por quê?

ATIVIDADE 2 Primeiras brincadeiras com palavras

Na sala de informática, vocês vão acessar o *site* <www.ciberpoesia.com.br>, que traz poemas de Ana Cláudia Gruszynski e Sérgio Caparelli.

Além de apreciarem outros poemas visuais de Sérgio Caparelli – e dar sua opinião sobre eles, no “Mural de recados” –, vocês vão poder criar os próprios poemas, na seção “Ciberpoemas”. É só apertar a tecla “ctrl” e, ao mesmo tempo, clicar na imagem do poema para ver as imagens e letras em movimento e participar de sua organização. Experimentem continuar clicando quando o poema estiver animado e novas surpresas podem aparecer.

Reproduza aqui a versão visual do poema que você criou:

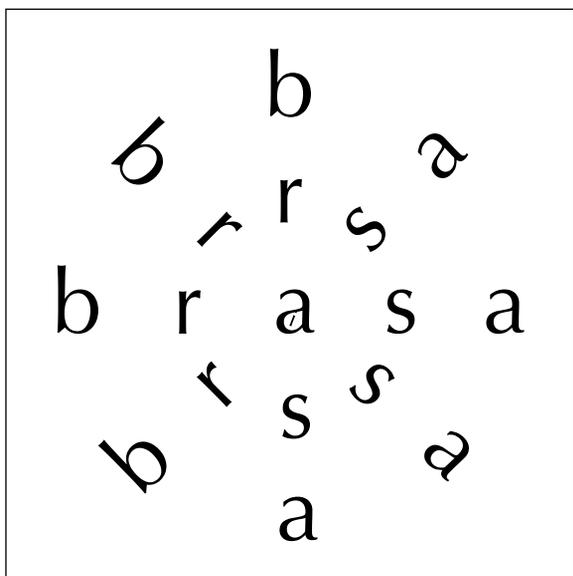


ATIVIDADE 3 Poucas palavras: seis poemas ainda mais visuais

Leia esses outros poemas.

Brasa e brisa

Paulo Leminski

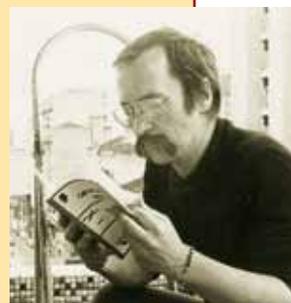


Vazio agudo

Paulo Leminski



Paulo Leminski é um dos mais respeitados poetas brasileiros. Nasceu em 1944, em Curitiba (PR), e faleceu na mesma cidade em 1989. Em 1964, já em São Paulo (SP), publicou poemas na revista *Invenção*, dedicada à poesia concreta. Foi redator de publicidade, tradutor de várias obras de língua inglesa e estudioso da língua e cultura japonesas. Como compositor, teve canções gravadas por Caetano Veloso e pelo conjunto A Cor do Som. Ganhou o Prêmio Jabuti de Poesia, em 1995, com o livro *Metamorfose*.



LUIZ NOVAES/FOLHAPRESS

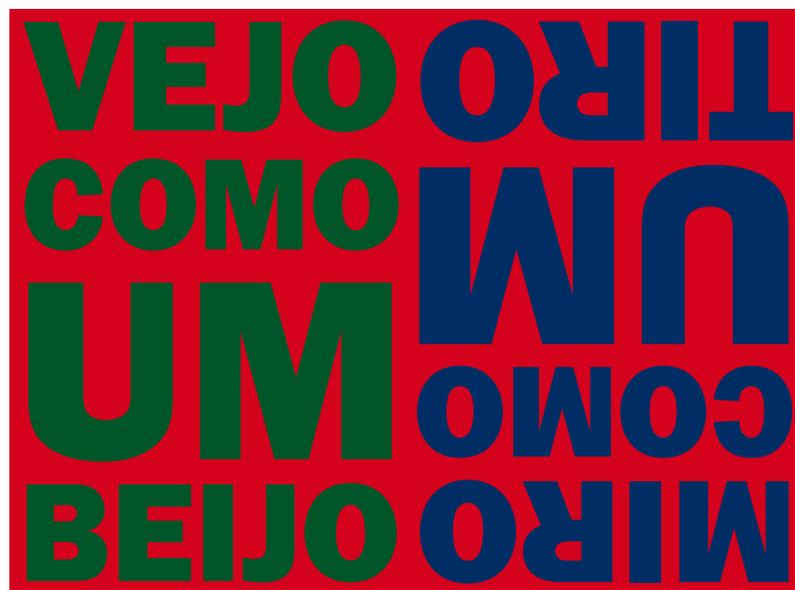
Vejo Miro

Arnaldo Antunes



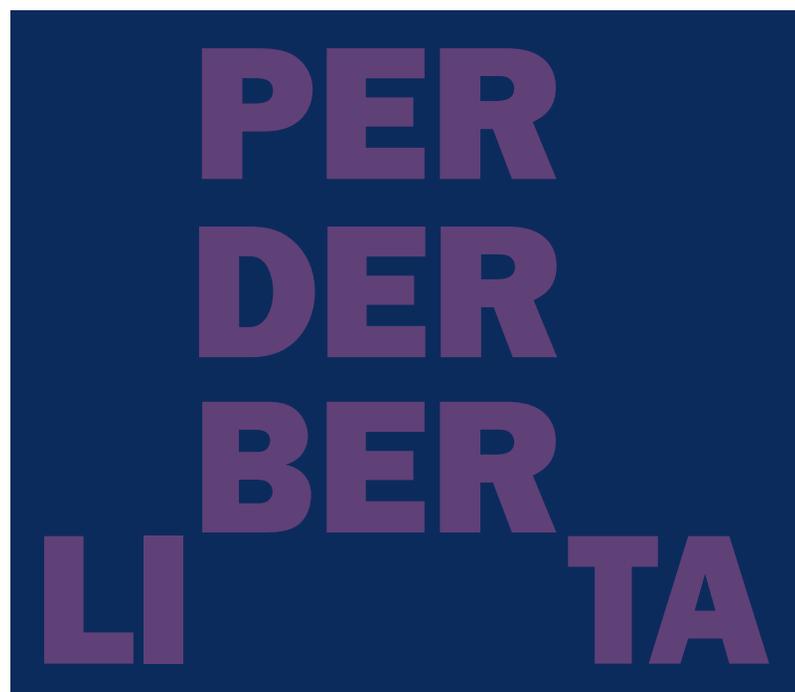
PATRICIA STAVIS/FOLHAPRESS

Arnaldo Antunes nasceu em São Paulo (SP) em 1960. É músico, poeta, ensaísta, compositor e artista visual. Fez curso de Letras na Universidade de São Paulo (USP), mas não concluiu em virtude do sucesso da banda Titãs, da qual fazia parte. Deixou a banda em 1982, mas continuou compondo com os demais integrantes. Em 2002, formou com Marisa Monte e Carlinhos Brown o trio Tribalistas, que lançou um álbum com o mesmo nome, sucesso de público e de crítica. É conhecido na América do Sul por ser um dos principais compositores da música *pop* brasileira. Sua obra tem influências concretistas e pós-modernas. Ganhou o Grammy Latino em 2003 pelo Melhor Álbum *Pop* Contemporâneo Brasileiro.



Perder

Arnaldo Antunes



Corte

Jacira Fagundes



FAGUNDES, Jacira. Corte – Poema visual. Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <jacirafagundes.com>.

Jacira Fagundes é professora e escritora. A trajetória literária, encarada como ofício, teve começo em 2002, com a premiação do conto “Noite fria de vigília”, quando do lançamento do Prêmio Literário Nova Prova – 20 anos.

Sick transit

José Paulo Paes



PAES, José Paulo. *Poesias completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 189. © Dorothea Costa Paes da Silva.

José Paulo Paes

nasceu em Taquaritinga (SP), em 1926. Estudou química industrial em Curitiba, onde iniciou sua atividade literária colaborando na revista

Joaquim. Desde 1948, escreveu com regularidade para jornais e periódicos literários. Tem 16 livros de poemas publicados, sendo sete dirigidos ao público infantojuvenil. É também autor de dez livros de ensaios literários. Sozinho ou em colaboração, traduziu mais de uma centena de volumes do inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, latim, dinamarquês e grego moderno e antigo. Recebeu vários prêmios literários. Faleceu em São Paulo em 1998.

CLAUDIA GUIMARÃES/FOLHAPRESS



Observe novamente, e com bastante atenção, cada um dos poemas.

1. O primeiro poema de Paulo Leminski forma uma figura geométrica e duas palavras.

a) Qual é a figura? _____

b) Quais são as duas palavras? _____

2. Por que você acha que o autor escolheu essa forma para se expressar?

3. No segundo poema, o texto apresenta muitos contrastes. Quais são eles?

4. Que relação você percebe entre as palavras do texto e a forma como elas foram inseridas?

5. Qual a razão de o **eu lírico** andar “meio cheio de tudo”?

6. Além da visualidade, o poema tem uma sonoridade bem marcada. O que contribui para isso?

7. O que significam as letras “p.l.” no texto?

Eu lírico: voz que fala no poema e nem sempre corresponde à do autor. Ele pode ou não expressar as vivências reais do poeta. Às vezes, o autor é um homem, mas o eu lírico é feminino, ou vice-versa. Veja, por exemplo, trecho da letra da música “Olhos nos olhos”, de Chico Buarque: “Quando você me quiser rever / já vai me encontrar refeita / pode crer [...] / e tantas águas rolaram / tantos **homens** me amaram / bem mais e melhor que você [...]”.

8. Que significado(s) você percebe no primeiro poema de Arnaldo Antunes, “Vejo Miro”?

9. E o poema “Perder”, que significado tem para você?

10. O significado do poema de Jacira Fagundes estaria claro sem o título? Por quê?

Antes de reler o poema “Sick transit”, de José Paulo Paes, é importante saber o seguinte:

- Ele foi criado em 1973, isto é, em pleno período da ditadura militar, quando quase todas as liberdades civis estavam cerceadas. Toda livre manifestação era considerada subversiva, e o governo militar fazia propaganda das pseudoconquistas do país (“Brasil, um país do futuro”; “Brasil, ame-o ou deixe-o”).
- “Sick transit” faz lembrar a frase latina “*Sic transit gloria mundi*”, que significa “Assim passam as glórias do mundo” ou “As coisas do mundo são passageiras”.
- *Sick*, em inglês, significa doente.
- Liberdade, Paraíso e Vila Mariana são bairros da cidade de São Paulo.
- Esse poema é de fato uma placa de trânsito, fotografada pelo poeta.

Agora que você sabe tudo isso, responda:

11. Por que José Paulo Paes trouxe para a poesia essa placa de trânsito?

12. Para que lado aponta a flecha na placa? Por quê?

13. Por que você acha que ele deu o título “Sick transit” ao poema?

ATIVIDADE 4 Poemas quase visuais

Poesia cinética I

Millôr Fernandes

Era um homem bem vestido
Foi beber no botequim
Bebeu muito, bebeu tanto
Que

saⁱu

d^e

lá

a_sim.

As casas passavam em volta
Numa procissão sem fim
As coisas todas rodando

Assim assim assim assim
assim assim assim assim
assim assim assim assim
assim assim assim assim



RICARDO MORAES/FOLHAPRESS

Millôr Fernandes, escritor, tradutor e autor de teatro, nasceu no Rio de Janeiro, em 1923, com o nome de Milton Viola Fernandes. Aos 10 anos de idade, vendeu o primeiro desenho para a publicação *O Jornal do Rio de Janeiro* e recebeu 10 mil-réis por ele. No mesmo ano, ganhou um concurso de contos na revista *A Cigarra* e, algum tempo depois, assumiu a direção da revista.

Desde essa época vem colaborando nos principais jornais e revistas brasileiros.

Desabar

Carlos Drummond de Andrade

Desabava
Fugir não adianta desabava
por toda parte minas torres
edif
 ícios
 princípios
 l
 e
 !
 s
 muletas
desabando nem gritar
dava tempo soterrados
novos desabamentos insistiam
sobre peitos em pó
desabadesabadesabadavam
As ruínas formaram
outra cidade em ordem definitiva.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Desabar. In: *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. Disponível em: <www.carlosdrummond.com.br>.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira (MG), em 1902. Fez os estudos secundários primeiro em Belo Horizonte, em um colégio interno, e depois em outro internato, dessa vez em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro – de onde foi expulso, acusado de “insubordinação mental”. Em 1921, começou a colaborar no *Diário de Minas*. Em 1925, diplomou-se em Farmácia, profissão que não exerceu. Nessa época, já redator do *Diário de Minas*, tinha contato com os modernistas de São Paulo. Na *Revista de Antropofagia* publicou, em 1928, o poema “No meio do caminho”, que provocou muitos comentários. Em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Desde 1954, colaborou como cronista no *Correio da Manhã* e, a partir do início de 1969, no *Jornal do Brasil*.

Drummond foi, sem dúvida, por muitas décadas, o poeta mais influente da literatura brasileira. Publicou centenas de poemas em mais de 30 livros, sem contar as antologias poéticas, livros em prosa e infantis. Várias de suas obras foram traduzidas para outras línguas. O poeta morreu no Rio de Janeiro, em 1987, 12 dias após a morte de sua filha única, a cronista Maria Julieta Drummond de Andrade.

1. “Poesia **cinética**”, de Millôr Fernandes.

Cinético: relativo a movimento. A arte cinética, que se popularizou nas décadas de 1950 e 1960, procura reproduzir o movimento, por meio de motores ou fluxo de ar (esculturas móveis) ou ainda pela ilusão de ótica (pintura).

a) Por que Millôr Fernandes chamou seu poema de “Poesia cinética”?

b) Justifique sua resposta citando um exemplo do poema.

2. “Desabar”, de Carlos Drummond de Andrade.

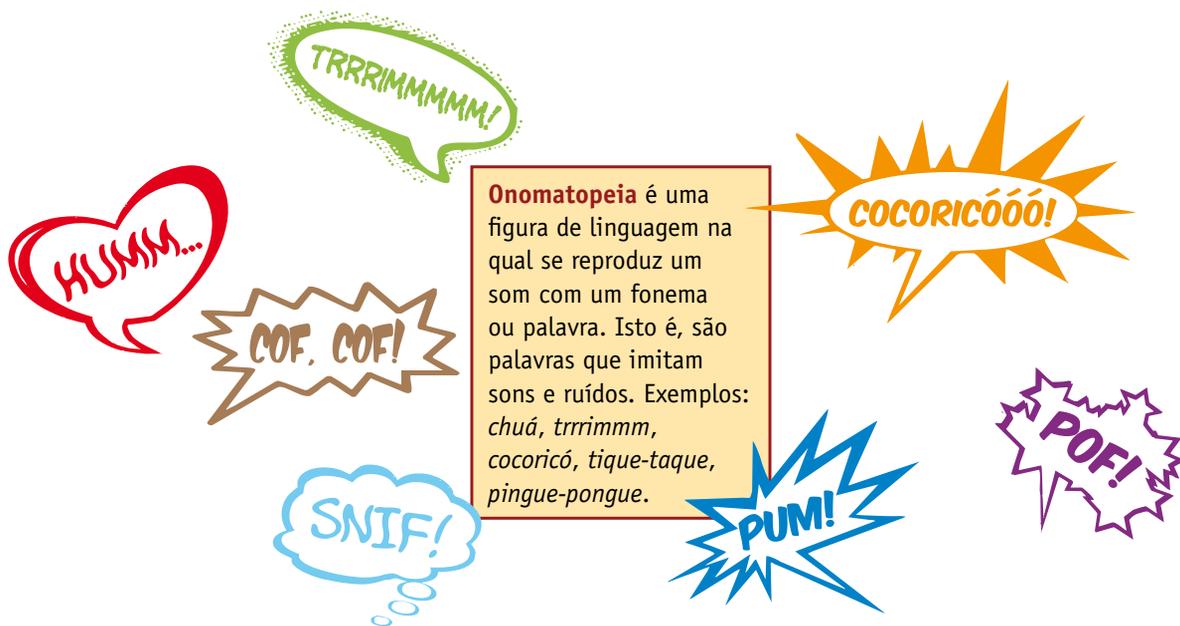
a) De que trata o poema de Drummond?

- Do desabamento de um prédio.
- Do bombardeio de uma cidade.
- Da destruição de crenças e valores.
- Da erupção de um vulcão.

b) Justifique sua resposta.

c) De que maneira a visualização do poema, isto é, a distribuição do texto no papel, colabora para sua compreensão?

d) Por que você acha que o poeta utilizou a onomatopeia: “desabadesabadesabadavam”?



3. Em que esses dois poemas se diferenciam dos poemas apresentados na atividade anterior?

ATIVIDADE 5 *Conhecendo as origens da poesia visual*

Vamos saber um pouco mais sobre os poemas que você acabou de ler.

CONCRETISMO

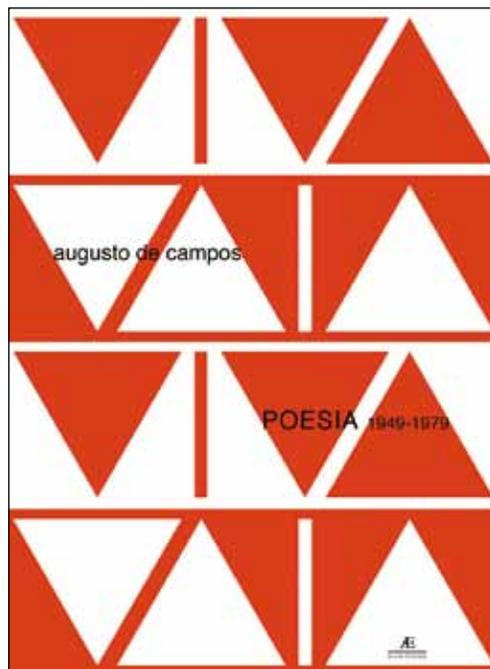
Ao ler os poemas concretos, você deve ter percebido que eles têm determinadas características que os diferenciam dos poemas tradicionais:

- a perda da prioridade do verso;
- o aproveitamento do espaço em branco da página para a disposição das palavras;
- a exploração dos aspectos sonoros, visuais e semânticos dos vocábulos;
- o uso de neologismos e termos estrangeiros;
- a decomposição das palavras;
- a possibilidade de múltiplas leituras.

O Concretismo surgiu no Brasil em 1952, com a publicação da revista *Noigandres* pelos poetas Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos. Mas foi com a Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que esse movimento se firmou.

Na poesia concreta, a forma e a comunicação visual sobrepõem-se ao conteúdo.

O poema da poesia concreta é chamado **poema-objeto**, por causa dos recursos estilísticos adotados: a eliminação de versos e, muitas vezes, a incorporação de figuras geométricas.



Apenas a título de ilustração, veja alguns exemplos desse primeiro momento da poesia visual.

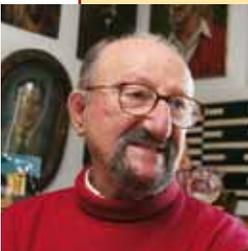
beba coca cola (1957)

Décio Pignatari



Nesse poema, Décio Pignatari brinca com as letras que compõem a propaganda do refrigerante Coca-Cola até formar a palavra “cloaca”, que significa “fossa”, lugar para onde vão os dejetos, com a clara intenção de se rebelar contra a influência da cultura norte-americana, que chegava com bastante força ao Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial.

JONAS OLIVEIRA/FOLHAPRESS

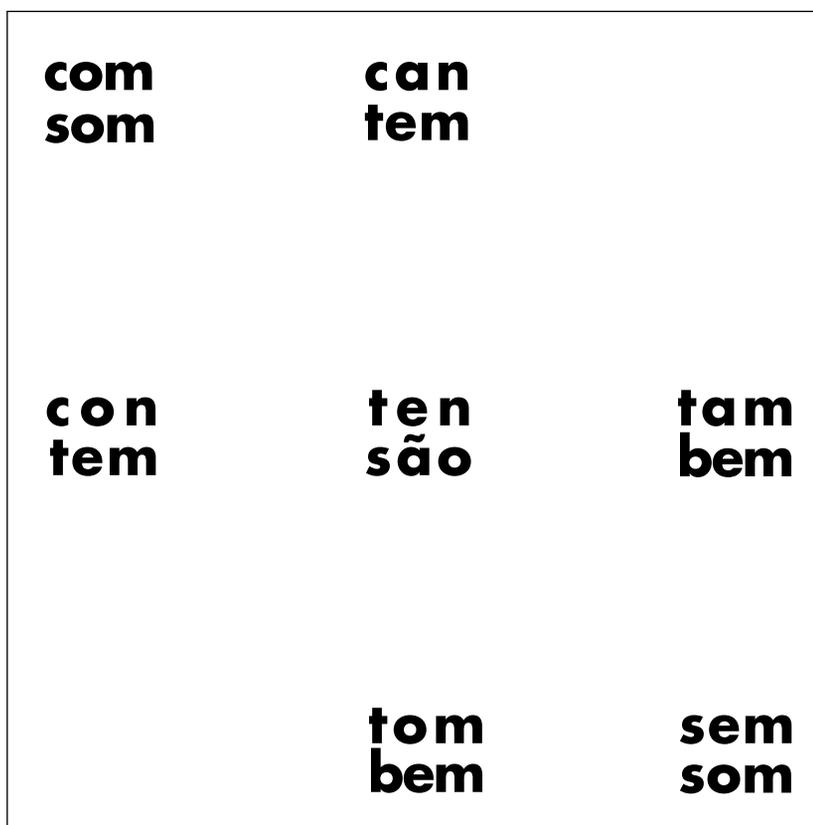


Décio Pignatari, criador do poema-código e semiótico, é um dos principais nomes da poesia concreta. Em 1952, fundou, com Augusto de Campos e Haroldo de Campos, o grupo Noigandres, que publicou cinco antologias poéticas. Entre 1956 e 1957, participou do lançamento oficial da Poesia Concreta na 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, no Museu de Arte Moderna, em São Paulo, e no saguão do Ministério

da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro. Publicou, em 1958, o Plano-Piloto para Poesia Concreta, em coautoria com Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Nas décadas de 1980 e 1990, colaborou em vários periódicos, entre eles a *Folha de S. Paulo*, e foi professor de Semiótica e Comunicação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Sua obra poética inclui os livros *Carrossel* (1950), *Exercício findo* (1958), *Poesia pois é Poesia* (1977) e *Poesia pois é Poesia, 1950/1975 e Poetc, 1976/1986* (1986).

Tensão

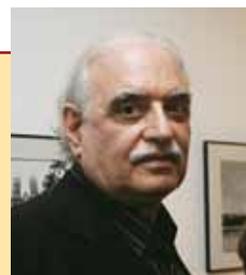
Augusto de Campos



Augusto de Campos joga com as palavras, fragmentando-as, o que permite diversas leituras do poema.

Augusto Luiz Browne **de Campos**, poeta, ensaísta e tradutor de poesia, nasceu na capital paulista em 1931. Foi um dos principais articuladores do movimento internacional da poesia concreta, nos anos 1950 e 1960. Sua obra poética encontra-se reunida nos livros *Viva vaia* (1979), *Poesia 1949-1979* (1985), *Expoemas* (1986) e *Despoesia* (1994). Em 1995, lançou com seu filho, o músico Cid Campos, o CD *Poesia é risco*, pela Polygram. A *performance* criada com base no CD, em parceria com Walter

Silveira, foi apresentada em diversos eventos no Brasil e no exterior. Nos últimos anos, Augusto de Campos vem se dedicando à criação de poemas “verbocovisuais” em mídia digital, desenvolvendo poemas novos, bem como releituras de obras anteriores, com recursos de som, animação e interatividade. Confira no *site* <www2.uol.com.br/augustodecampos/home.htm>.



SIDINEI LOPES/FOLHAPRESS

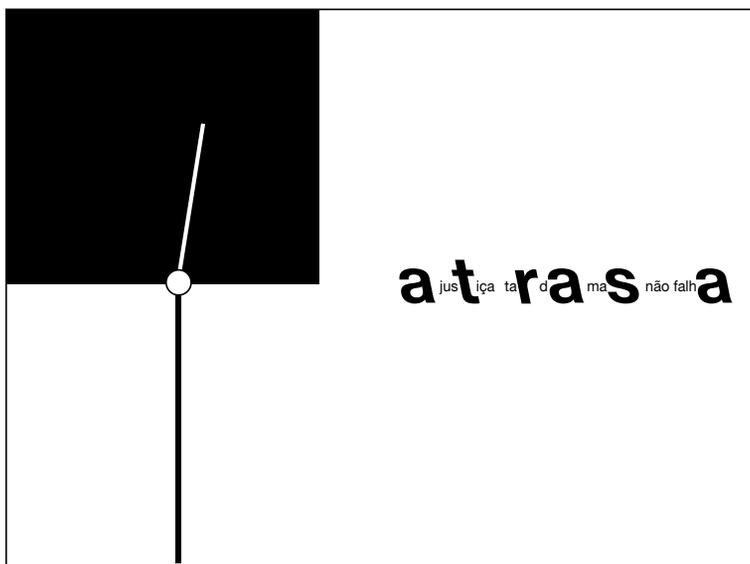
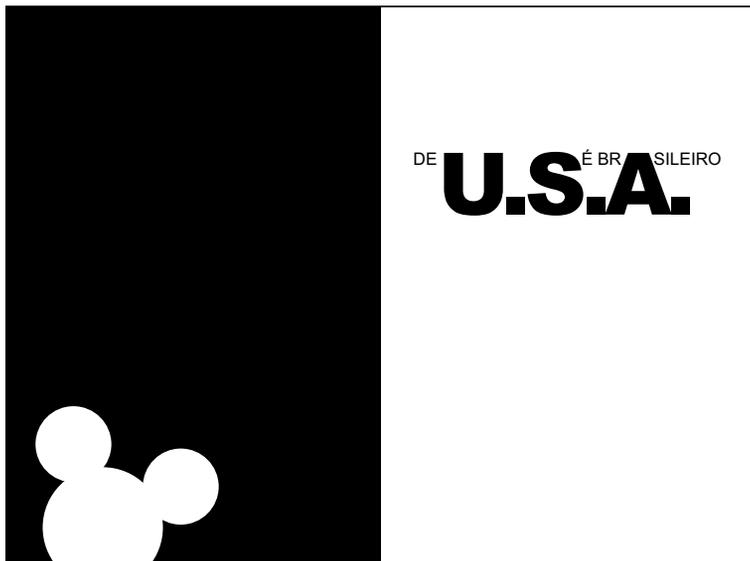
ATIVIDADE 6 O que aprendemos sobre a poesia visual?

Complete o quadro a seguir com exemplos dos poemas que você conheceu nesta Unidade.

Característica da poesia visual	Título do poema	Trecho que exemplifica a característica
Perda da prioridade do verso		
Aproveitamento do espaço em branco da página para disposição das palavras		
Exploração dos aspectos sonoros, visuais e semânticos dos vocábulos		
Uso de neologismos e termos estrangeiros		
Decomposição das palavras		
Possibilidade de múltiplas leituras		

ATIVIDADE 7 Provérbios visuais

Marcelino Freire



FREIRE, Marcelino. *EraOdito*. São Paulo: Ateliê, 2002.



CAIO GUATELLI/FOLHAPRESS

Marcelino Freire

nasceu em 20 de março de 1967 na cidade de Sertânia, no sertão de Pernambuco. Vive em São Paulo desde 1991. É autor de *EraOdito* (aforismos, 2. ed., 2002), *Angu de sangue* (contos, 2000) e *BaléRalé* (contos, 2003). Em 2002, idealizou e editou a Coleção 5 Minutinhos, inaugurando com ela o selo eraOdito editOra. É um dos editores da *PS:SP*, revista de prosa lançada em maio de 2003, e um dos contistas em destaque nas antologias *Geração 90* (2001) e *Os Transgressores* (2003). Para conhecer melhor o escritor e sua obra, visite o site <www.eraodito.blogspot.com> (contato: eraodito@uol.com.br).

Observando os dois poemas de Marcelino Freire, você deve ter percebido que ele brinca com os provérbios ou ditos populares destacando algumas letras, que formam outra palavra, a qual, por sua vez, questiona a “verdade” do próprio dito.

1. Por que na frase “Deus é brasileiro” ele destacou as letras U.S.A.?

2. Que figura aparece ao lado do dito?

3. E no provérbio “A justiça tarda mas não falha”, por que o autor destacou as letras a t r a s a?

4. Que figura o poeta escolheu para ilustrar o poema?

Que tal se inspirar em Marcelino Freire e criar alguns poemas visuais com base em ditos populares?

Para ajudá-lo, vão aqui alguns, mas você pode usar outros.

O que vem de baixo não me atinge.

O que ve**M** d**E** **BA**ixo não me a**T**ing**E**.

Há males que vêm para bem.

Há male**S** qu**E** vêm pa**RÁ** bem**?!**

A cavalo dado não se olham os dentes.

Quem não arrisca não petisca.

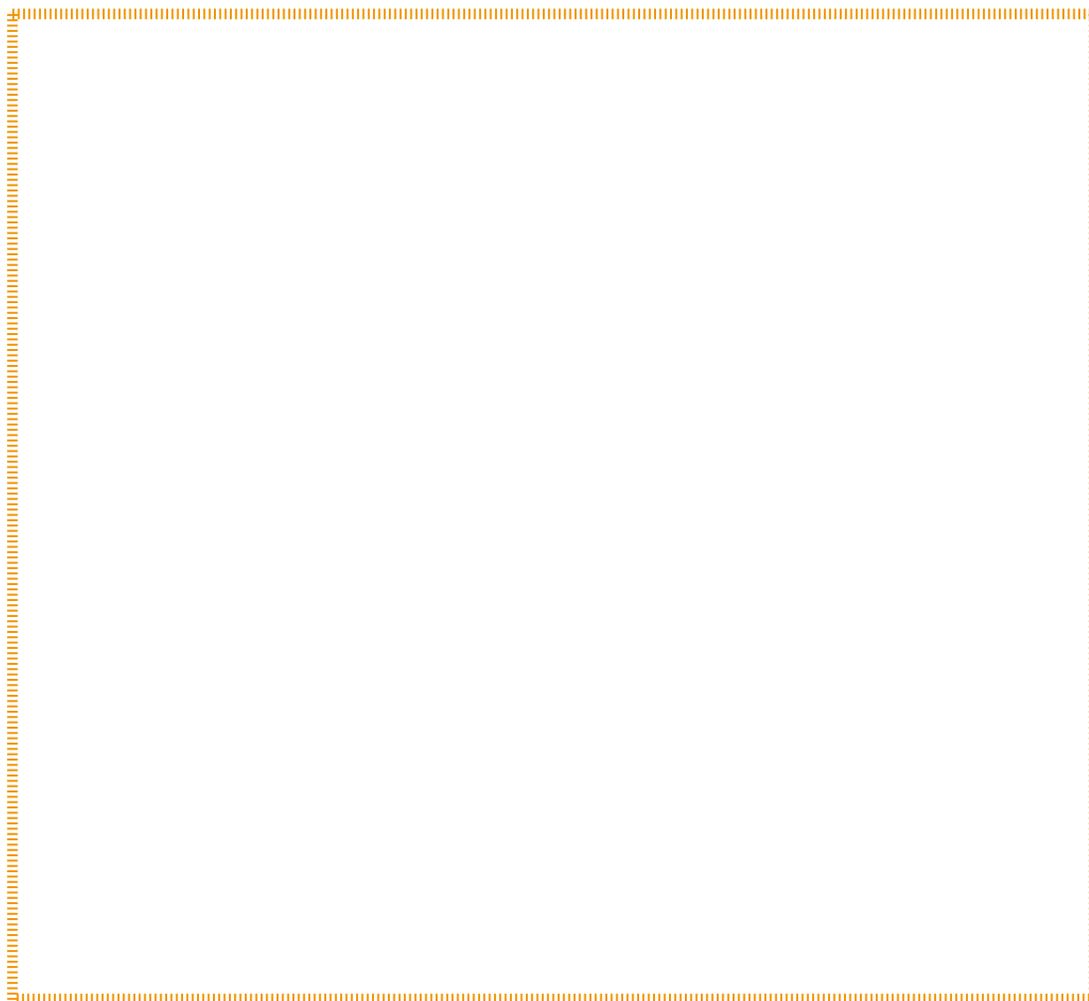
A união faz a força.

Quem ama o feio bonito lhe parece.

Quem ri por último ri melhor.

A ignorância é a mãe de todas as doenças.

Registre aqui seu “provérbio visual”.



ATIVIDADE 8 Meu poema visual

Que tal dar esse mesmo jeito diferente a um dos poemas que se seguem? Não vale mudar as palavras! Você vai trabalhar apenas com a forma que ele apresenta, procurando explorar a relação entre o que as palavras dizem (significado) e o jeito como podem ser escritas (“desenhadas”) no papel. Não é difícil! E o resultado é bem legal. Tente. Você vai gostar!

Haicais

Angela Leite de Souza

À toa, à toa,
Joaninha abre a capa
De bolinha e voa.

O meu gafanhoto,
Gozado, salta de lado!
(Ele é canhoto.)

SOUZA, Angela Leite de. Haicais. In: *Três gotas de poesia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

Os olhos

Maria Dinorah

Os olhos,
vaga-lumes,
lampiões.

Sentinelas do sonho,
açudes de emoções.

Vidros de licor
pra molhar o riso,
suavizar a dor.

Reflexos do fora,
espelhos do dentro.

Os olhos,
teu mundo
e teu centro.

DINORAH, Maria. *Giroflê giroflá*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

Deu certo? Agora o desafio será produzir o próprio poema utilizando recursos visuais.

- a) Visite a sala de leitura, consulte livros que trazem poemas e escolha um deles que ganhará um novo aspecto visual.
- b) Pense em um pássaro que passa voando rapidinho, em uma pipa rabeando pelo ar, nas folhas que caem de uma árvore, nas ondas do mar, em algo que você queira valorizar ou criticar e escreva tentando usar o que aprendeu.
- c) Depois é só passar a limpo seu poema e, com a turma, planejar e montar um livro para expor os trabalhos de todos. Não se esqueça de registrar no caderno os poemas que você criou.

ATIVIDADE 9 *Que movimento é esse?*

Observe bem as imagens e responda: que movimento é esse?



Você conhece as siglas e palavras abaixo? Troque informações com seus colegas e relacione-as a seus significados:

a) DJ **b)** *Rap* **c)** MC **d)** *Break* **e)** Grafite

- Aquele que anima a festa com suas rimas improvisadas, o mestre de cerimônia.
- Forma de arte (desenhos, apelidos ou mensagens sobre qualquer assunto) feita com *spray*, rolinho e pincel em muros ou paredes, usada muitas vezes como forma de expressão e denúncia.
- Utilizado como meio de recreação ou competição no mundo inteiro, é um estilo de dança de rua, parte da cultura *hip hop*.
- Operador de discos, que faz bases e colagens rítmicas sobre as quais se articulam os outros elementos.
- Estilo musical em que o texto é mais importante que a linha melódica ou a parte harmônica; improvisação poética sobre uma batida no tempo rápido.

O *hip hop* é um movimento cultural que teve início no final da década de 1970, nos Estados Unidos, como reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. É uma forma de cultura das ruas, um movimento de reivindicação de espaço e voz dos jovens das periferias, que se traduz em letras questionadoras e agressivas, no ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas pelos muros das cidades. A cultura *hip hop* espalhou-se rapidamente para o mundo todo.





No Brasil, o movimento surgiu com força nos anos 1980, em São Paulo, dos tradicionais encontros na rua 24 de Maio e no metrô São Bento, de onde saíram muitos artistas conhecidos, como Thaíde, DJ Hum, Stylo Selvagem, Região Abissal, Nill (Verbo Pesado), Sérgio Riky, Defh Paul, MC Jack, Racionais MCs, MV Bill, Doctors MCs, Shary Laine, M.T. Bronks e Rappin Hood, entre outros.

Essa cultura é sustentada por cinco pilares:

- o MC (mestre de cerimônia) tem como principal função animar uma festa e contribuir para que as pessoas se divirtam;
- o **rap** é um estilo musical em que o texto é mais importante do que a musicalidade;
- os DJs (*disc jockeys*) fazem bases e colagens rítmicas;
- a dança do *break*, ou *streetdance*;
- a pintura do grafite é uma forma de expressão e denúncia.

Rap: abreviatura do inglês *rhythm and poetry*, ritmo e poesia.

A roupa dos adeptos do *hip hop*, mais do que um estilo específico, busca dar conforto e originalidade aos usuários: são camisetas, bermudas, bonés, moletoms e calças quase sempre largos e com detalhes, frases ou desenhos que lembram os grafites.

ATIVIDADE 10 *Manos e minas do hip hop*

Assista agora ao vídeo e preste bastante atenção nas letras das músicas, nas danças, nas pinturas, nos poemas e nos depoimentos que o compõem. Ele vai dar ideias para você e seus colegas organizarem uma bela exposição *hip hop*.

1. Comente os momentos mais interessantes com sua turma e responda:

a) Que aspecto do vídeo chamou mais sua atenção?

b) Você já tinha assistido ao programa *Manos e minas*?

c) Você tem vontade de participar de um sarau, como os da Cooperifa?

d) Você acha que o grafite é mais uma forma de arte ou uma forma de protesto?

e) Você conhece algum bom dançarino de *break*?

f) Você já tinha assistido a uma “rinha de rimas”? Onde?

g) Existe em seu bairro algum grupo organizado de *hip hop*?

h) Você conseguiu compreender tudo o que foi dito no vídeo ou teve alguma dificuldade com a linguagem?

2. Você assistiu à apresentação de “Poesia de concreto”, não é mesmo? Abaixo está a letra desse *rap*. Leia-a e retome a forma como foi apresentada no vídeo.

Poesia de concreto

Kamau e Instituto

Composição: *Kamau/Daniel Ganjaman*

De cada calçada de concreto da cidade
cada viga que se ergue
cada vida que se segue
cada cidadão persegue a sua cota lutando pra se manter
marcando a mesma rota lutando pra nunca se perder
pra não perder não ver a cara da derrota
estampada na lorota
que faz ponto a cada esquina encostado em algum poste
pronta pra te desviar da sorte
talvez um corte brusco na sua sina
existem uns que seguem na rotina e não enxergam ao redor
reclama e não se posta pra tornar melhor
acha melhor sobreviver só mantendo distância
de cada sonho que crescia na infância
e cada esperança de criança se mistura ao ar impuro
inspirado e expirado,
por cada cidadão comum que deixa escorrer a liberdade
na sarjeta da calçada de concreto da cidade

Dedicada a cada poeta da cidade, dedicada a cada atleta da cidade, dedicada
a cada ser humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade

Entre as paredes de concreto da cidade, se esconde o mundo
de quem faz qualquer negócio só pra não ser taxado de vagabundo
sonhos de adultos se dissipam por segundo a cada insulto do patrão
é o culto do faz de conta que eu sou feliz assim
salário no fim do mês é o que conta paga as contas e faz bem pra mim

não é o caso em que eu me encaixo
sonho alto demais pra viver por baixo igual capacho
e acho que existem outros por aí
que olham pras paredes só pensando em demolir
pra ser livre, mas na real nem sabe como
perdeu toda noção acostumado a viver com dono
não condeno, mas não concordo e não me adapto
fora das paredes mais inspiração eu capto
me sinto apto pra cantar a liberdade
que se esconde entre as paredes de concreto da cidade

Dedicada a cada poeta da cidade, dedicada a cada atleta da cidade, dedicada
a cada ser humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade

Algum teto de concreto da cidade, abriga o restante
da liberdade semelhante a que escorreu pela sarjeta da calçada
se escondeu entre as paredes ou partiu pra outra
morreu de fome de frio de sede
pois sem abrigo não há, pra onde voltar
pra poder descansar e pensar
na estratégia pra continuar lutando pra manter a liberdade que se tem
as adversidades não se sabe
de onde elas vêm que cara elas têm
pelas mãos de quem vem com ordem de quem
alguém me diz
porque eu não posso ser feliz completamente
sem que alguém ou algo tente tumultuar minha mente
mas eu sigo em frente sempre,
vou nadando mesmo que seja contra a corrente
pra que eu possa construir meu verso meu abrigo, meu teto
pra fazer minha versão da poesia de concreto

Dedicada a cada poeta da cidade, dedicada a cada atleta da cidade, dedicada
a cada ser humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade

3. Responda às questões a seguir:

a) Qual é a temática abordada?

b) Em sua opinião, o modo como a temática é tratada nos leva a perceber a intenção de um protesto? Volte à letra de “Poesia de concreto” e selecione alguns versos que justifiquem sua resposta.

c) O que você acha da escolha do título “Poesia de concreto”? Adequado? Por que teria sido escolhido? Você tem outra sugestão?

d) Retome o refrão. Quem são os poetas da cidade? Quem são seus atletas? Quem é cada ser humano que cultiva a liberdade?

e) Agora, observe os versos que compõem o *rap*. Eles têm o mesmo número de sílabas? São rimados?

- f) A escolha das palavras busca valorizar algum aspecto de sua sonoridade? Transcreva exemplos retirados da letra de “Poesia de concreto”.
-
-

ATIVIDADE 11 Compondo um rap

Chegou a hora!

Em grupos de três ou quatro colegas, vocês vão compor um *rap*.

Para isso, é importante lembrar que o *rap* é uma espécie de canto falado, em que o texto é mais importante que a música. São poemas, às vezes rimados, geralmente ditos em grande velocidade, que tratam de assuntos como violência, sexo, drogas e política, denunciando injustiças sociais, mas sempre oferecendo mensagens de alerta, orientação e esperança. O *rap*, na maioria das vezes, é apresentado sem acompanhamento de instrumento ou com apenas um *DJ mixer*.

Em primeiro lugar, façam uma lista dos temas de que vocês querem tratar. Depois, pensem nas mensagens que querem transmitir (são elas que vão compor o refrão: estrofe que vai se repetindo ao longo da composição, para marcar bem o recado de vocês). Por fim, procurem encadear essas ideias e criar um ritmo, uma cadência (as rimas podem ajudar), substituindo palavras por sinônimos ou simplesmente mudando-as de lugar.

À medida que forem compondo, tentem cantá-lo, para ver se ele tem cadência e se as mensagens estão claras. Escolham um título que seja adequado à temática e às mensagens.

Quando estiver pronto, troquem seu *rap* com o de outro grupo, que poderá orientá-los para aprimorar o texto. E vocês vão ler o que esse grupo produziu e dar sugestões, para que o deles também fique legal.

Ao receberem o texto de vocês de volta, avaliem se vale a pena aceitar as sugestões dos colegas.

Finalmente, copiem o *rap* que criaram no quadro a seguir.



A large rectangular box with a green dashed border, containing 20 horizontal lines for writing.

ATIVIDADE 12 Apresentação *hip hop*

Ao longo desta Unidade, você e seus colegas leram e produziram poemas visuais, pesquisaram sobre esse assunto na internet e assistiram a um programa com músicas, danças, grafites, depoimentos e entrevistas de pessoas ligadas ao *hip hop*.

Que tal compartilhar com outros colegas da escola e do bairro todo esse conhecimento, fazendo uma grande exposição de tudo o que vocês aprenderam e criaram?

Organizem-se em grupos e, sob a orientação do professor, distribuam as tarefas, de acordo com o interesse de cada um:

- ▣ quem gosta de grafite vai montar painéis com exemplos dessa arte, feitos por vocês e por outros artistas da comunidade;
- ▣ quem é ligado em música vai selecionar e apresentar as melhores batidas e composições de *rap*;
- ▣ quem prefere poesia vai organizar a exposição dos poemas visuais da turma;
- ▣ os bons de dança de rua vão se apresentar e convidar bons dançarinos da vizinhança para participar.

É claro que, para realizar um evento desse porte, vocês precisarão de muita ajuda: de amigos, familiares e comerciantes das redondezas, da equipe técnica da escola, de professores e colegas. Peçam essa colaboração, mostrando a todos que a festa (porque essa exposição vai ser uma grande festa, não é?) que está sendo organizada não é só de vocês, mas de todos, e que vai integrar escola e comunidade.

Como resultado dessa exposição, vocês podem fazer um catálogo do *hip hop* da comunidade, com os nomes e contatos de MCs e grafiteiros, locais para grafiteagem e para oficinas, lojas que vendem roupas do *hip hop*, letras de músicas dos grupos locais etc. Esse catálogo poderá ser disponibilizado na internet também.

RETOMANDO PERCURSOS

1. Você e seus colegas vão voltar ao início desta Unidade e relembrar tudo o que aprenderam. O professor vai registrar na lousa o que vocês forem falando. Depois, você vai copiar aqui, para não esquecer mais.

O que aprendi nesta Unidade:

2. Converse com os colegas sobre os poemas visuais que vocês criaram e sobre a apresentação *hip hop*.

a) Quais foram os pontos positivos?

b) O que precisa ser melhorado para os próximos trabalhos?

UNIDADE 5

VIDA SOCIAL, PÚBLICA E POLÍTICA: PARA QUE SERVEM OS ESTATUTOS?

Para começo de conversa

Para que um ser humano viva em sociedade, precisa de regras que a regulem, assim como de leis. As sociedades modernas, para se organizarem, estabeleceram parâmetros de convivência, com base em determinadas regulamentações que surgiram das necessidades da vida e da relação com as pessoas e instituições específicas.

Em nossa vida social, há, com frequência, conflitos que não são fáceis de resolver e, se não fosse o apoio de regras e leis, a solução seria ainda mais difícil. Há também diversos assuntos na sociedade em que a opinião das pessoas não é consensual e, antes de se tomar uma decisão, é preciso debater, discutir sobre as mais distintas posições. Para isso, realiza-se o *debate regrado*, em que os indivíduos trocam ideias e posicionamentos. Ouvir o outro pode até fazer com que mudemos nossa maneira de pensar!...



Nesta Unidade, você vai enriquecer muito seu conhecimento ao perceber a importância de saber ouvir a opinião do outro e saber falar sobre a sua de maneira bem articulada, para que a construção de uma nova maneira de olhar para um assunto polêmico seja possível diante de uma reflexão conjunta. Além disso, vai conhecer um pouco do gênero estatuto.

Veja algumas situações:

Episódio 1

Um jovem de 18 anos quer ir a uma festa em uma cidade vizinha dirigindo, para poder oferecer carona a seus amigos. No entanto, seu pai acha muito perigoso, pois a festa será realizada à noite e a rodovia é muito movimentada, com muitos caminhões. Acreditando zelar pela proteção de seu filho, o pai o proíbe de ir à festa de carro. Fingindo aceitar a ordem paterna, o jovem espera o pai dormir e pega o carro para ir à festa. Às 4 horas da manhã, toca o telefone da casa: é o filho, dizendo que bateu o carro na rodovia. Como será que o pai se sente ao receber essa ligação telefônica? Em que resultou a desobediência do jovem? Ele agiu da melhor maneira para resolver o problema de como ir à festa?



Episódio 2

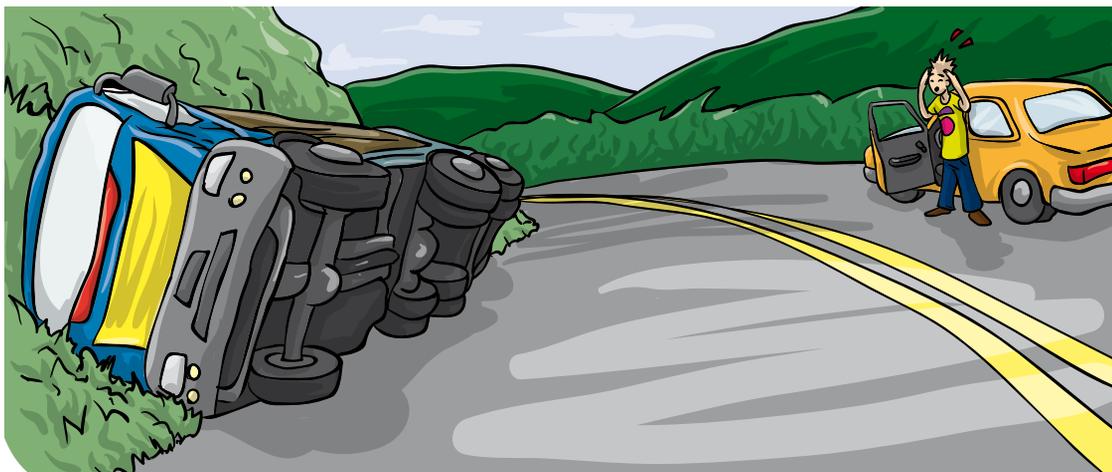
Em uma partida de futebol, um jogador, mal-intencionado, aplica um “carrinho” em seu adversário para conseguir marcar o gol de seu time. Se não houvesse regras, como ficaria a situação do jogador que agrediu o outro? O que mais poderia acontecer se não houvesse regras de futebol?



Episódio 3

Depois de realizar as compras do mês, um consumidor, ao chegar em casa para guardar os mantimentos, verifica que toda a caixa de leite comprada está fora do prazo de validade. Como ficaria sua situação se não houvesse um conjunto de normas que defendesse o consumidor e o supermercado não quisesse efetuar a troca do produto?





Episódio 4

Um motorista de carro, ao tentar ultrapassar outro automóvel pela faixa da direita em uma via simples, faz com que um caminhão que trafega em sentido oposto perca o controle da direção e tombe no meio da pista. Se não houvesse leis que regulassem o funcionamento do tráfego de veículos e pedestres nas vias públicas, como acidentes como esse seriam evitados?

Episódio 5

Um inquilino há três meses não paga o aluguel ao proprietário da casa em que mora. Se não houvesse regras, como seriam resolvidos casos desse tipo?



Por esses exemplos, percebemos que a situação social seria insustentável e não conseguiríamos viver em harmonia se não houvesse regras, normas ou padrões com o objetivo de regular e tornar possível a vida em sociedade. Uma conversa com o outro após o momento de raiva, a atuação do juiz para punir o jogador por ter cometido a falta no jogo, a ligação para o serviço de atendimento ao consumidor são algumas atitudes que tomamos em busca da solução dos conflitos. Mas nem sempre o diálogo é suficiente para solucionar um conflito. Por quê?

ATIVIDADE 1 Código de Defesa do Consumidor

Você já ouviu, por exemplo, alguém reclamar que sua conta de luz está errada? Pois é, essa situação não é incomum e as pessoas com quem isso acontece, em geral, vão até a empresa fornecedora de energia elétrica para reclamar. O que acontece é que, muitas vezes, a empresa não consegue resolver o problema. Nesse caso, o que lhes resta fazer?

Normalmente, dirigem-se ao Procon, órgão público cujo objetivo é orientar e defender os consumidores, criado na década de 1970. O Procon faz parte do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor (SNDC). Passou a ter maior atuação quando, na década de 1990, foi elaborado o Código de Defesa do Consumidor, conjunto de leis que tem por finalidade, como o próprio nome diz, defender os direitos do consumidor. Assim, se você comprar algum produto e se sentir diretamente enganado, existem maneiras de reclamar, seja dirigindo-se à empresa da qual você o comprou, seja ao Procon.

Veja mais um episódio da vida cotidiana:



Passageiros tentando entrar em ônibus lotado no Recife (PE).

GUCA MATOS/JC IMAGEM/AE

Muitas pessoas, que dependem de transporte coletivo, diariamente têm de subir em ônibus superlotados para ir ao trabalho ou à escola e voltar para casa. Deixar a população sofrer com o problema da superlotação quando

é possível colocar mais linhas de transporte para atender às necessidades da população pode ser considerada uma situação de desrespeito aos direitos civis. Em pequenos grupos, discutam:

- O que poderia ser feito para reivindicar melhor prestação de serviços e reverter essa situação?
- A criação de leis que exijam respeito ao cidadão na questão do transporte coletivo é uma saída?

Situações como essa, que ocorrem no cotidiano das pessoas, muitas vezes repetidamente, começam a incomodar a sociedade, que, então, se mobiliza com o objetivo de exigir dos governantes que sejam elaboradas regulamentações que acabem com essas circunstâncias, para o melhor funcionamento da vida em sociedade.

Você já pensou em como as decisões são tomadas e as leis, criadas?



Reunião com governadores e representantes dos Estados para discussão da reforma tributária, em Brasília (DF).



Manifestantes e crianças entregam na Câmara dos Deputados projeto que exige “ficha limpa” de candidatos nas eleições, com 1,3 milhão de assinaturas.



Votação da reforma do Código Florestal na Câmara dos Deputados.



O plenário do Senado inicia votação do Projeto Ficha Limpa e o aumento das aposentadorias.

Da decisão sobre o futuro de uma empresa à decisão sobre o futuro do país, há um processo de luta, discussão e conquista coletiva. A criação das leis no plenário da Câmara, por exemplo, não é realizada de maneira individual.

Primeiramente, antes de serem escritas as leis, acontecem muitos debates, conflitos, acordos etc. Dessa forma, as leis para regularizar a vida social não são resultado da criação de uma única pessoa, como o presidente da República.

No Brasil, assim como no mundo todo, existem documentos chamados **estatutos**, os quais regulamentam o funcionamento das relações humanas em sociedade. O texto do estatuto é, portanto, fruto de uma conquista coletiva, acompanhado também de uma série de discussões pela aprovação, ou não, de projetos de lei. Portanto, é possível afirmar que o estatuto é um código ou regulamento que tem valor de lei ou de norma

Vamos retomar o episódio 3, em que um cidadão realiza a compra de um produto fora do prazo de validade. Para resolver esse caso, ele poderia recorrer ao Código de Defesa do Consumidor, que garante seu direito de proteção contra o que pode lhe causar danos à saúde, no caso, o consumo de um produto vencido.

O Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990) encontra-se organizado em sete capítulos. Leia um fragmento do capítulo III, que trata dos direitos básicos do consumidor:

Art. 6º – São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;



Observe que, no texto da lei, não se especifica que o consumidor pode devolver o produto vencido e ser reembolsado pelo valor da compra. Assim, para o cidadão argumentar com o supermercado em que a compra foi efetuada, por exemplo, ele deve interpretar que, de acordo com o estatuto que define os direitos básicos do consumidor, o consumo de um produto vencido seria uma violação à proteção da saúde, portanto, uma infração à lei.



1. Analise as situações a seguir e assinale “R” para as que você acha que **respeitam** o estatuto do consumidor e “D” para as que o **desrespeitam**.

- Vender alimentos sem a data de validade.
- Recusar-se a trocar mercadoria com defeito.
- Atender o cliente com atenção e respeito.
- Fazer propaganda enganosa do produto, atribuindo a ele qualidades que não apresenta.
- Vender o produto de acordo com seu valor de mercado, sem explorar o consumidor.
- Forçar o consumidor a comprar a mercadoria.
- Alertar o consumidor sobre os riscos que o produto apresenta.
- Fornecer todas as informações a respeito da composição do produto.
- Vender o produto com preço menor que o das lojas concorrentes.

2. Agora, leia algumas disposições mais completas do artigo 6º desse estatuto do consumidor e responda às questões:

Art. 6º – São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;

IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

[...]

VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;

VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos, com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;

[...]

X – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Código de Defesa do Consumidor. Disponível em: <www.idec.org.br>.

a) João Márcio, depois de esperar 40 dias pela entrega de um tanque que comprou em uma loja de construção, quer lutar por seus direitos. O prazo estipulado pela loja era de no máximo sete dias. Que direito do consumidor foi desrespeitado?

b) Para ter seus direitos de consumidor garantidos no episódio 3, mencionado no início da Unidade, em que **inciso(s)** do artigo 6º o cidadão poderia se basear para escrever uma carta de reclamação?

Inciso: cada um dos itens em que é dividida uma lei.

c) Em uma ação de fiscalização em farmácias na capital paulista, o Procon encontrou alguns problemas: venda de medicamentos fora do prazo de validade, preços cobrados acima da tabela, propaganda enganosa e preços afixados em local inadequado. Quais direitos do consumidor estão sendo desrespeitados, conforme o artigo 6º?

d) Rosana Ramos comprou um eletrodoméstico com problemas de funcionamento, o que lhe causou danos à saúde. Existe alguma lei que lhe permite fazer reclamações?

e) No primeiro semestre de 2010, houve uma campanha nacional de vacinação contra a gripe H1N1. Uma pessoa foi ao posto de saúde municipal se vacinar, porém, ao chegar lá, foi avisada de que as vacinas tinham acabado. Qual inciso do artigo 6º foi desrespeitado?

f) Releia o inciso X.

▫ O que você entende por *adequação* e *eficácia*?

▫ Você acha que houve adequação e eficácia na prestação do serviço público mencionado no item e? Por quê?

g) Você vai a uma lanchonete, pede um misto quente e, quando o sanduíche chega, sente um cheiro desagradável e diz que não quer mais comprá-lo. O dono da lanchonete responde que você é obrigado a ficar com ele, pois o lanche já está pronto. De acordo com o inciso IV do artigo 6º, que método de venda ele está utilizando? O direito do consumidor está sendo respeitado nessa situação?



h) Além do método coercitivo de venda, o inciso IV trata da publicidade enganosa e abusiva, ou seja, aquela que não cumpre o que propõe. Entreviste um familiar ou amigo que presenciou ou foi vítima de propaganda enganosa, perguntando-lhe qual produto ou serviço consumiu e que direito do consumidor foi desrespeitado. Registre as respostas no quadro abaixo e, depois, discuta-as com seus colegas na sala.

Entrevistado(a)	
Qual o produto ou serviço consumido?	
Que direito do consumidor foi desrespeitado?	

ATIVIDADE 2 *Estatuto da Criança e do Adolescente*

Além do Código de Defesa do Consumidor, existem outros estatutos em vigência no Brasil, entre eles o da Criança e do Adolescente (que você vai conhecer um pouco a seguir), o do Idoso, o do Índio e até o de Defesa do Torcedor. Faça uma pesquisa na internet sobre esses estatutos. Após a pesquisa, reflita: por que esses estatutos existem?

Onde encontrar alguns estatutos:

Estatuto do Idoso: www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.741.htm

Estatuto do Índio: www.funai.gov.br/quem/legislacao/estatuto_indio.html

Estatuto de Defesa do Torcedor: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.671.htm

Agora, converse com os colegas e com o professor:

- ▣ Em sua opinião, qual o continente que mais usa o trabalho infantil?
- ▣ Quem são as crianças que trabalham no Brasil? Por quê?
- ▣ A que espécie de exploração e abusos as crianças estão expostas no trabalho?
- ▣ Vocês sabem se existe alguma lei que proíbe o trabalho infantil no Brasil? Qual?
- ▣ As crianças que trabalham frequentam também a escola? Em que condições?
- ▣ O trabalho infantil tem aumentado ou diminuído nos últimos anos no Brasil?

Leia, a seguir, uma matéria veiculada pela imprensa sobre o trabalho infantil.

Mais de 360 mil crianças e jovens deixam de trabalhar

A taxa de ocupação de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos caiu de 10,8% em 2007 para 10,2% no ano seguinte, de acordo com os dados divulgados ontem pelo IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. O resultado significa que, em 2008, 367 mil pessoas dessa faixa etária deixaram de trabalhar, em comparação ao ano anterior.

A tendência de redução no trabalho infantil vem se mantendo desde 2006. O ritmo da queda, no entanto, não agrada a especialistas. Segundo a pesquisa, 4,5 milhões de crianças e adolescentes estavam ocupadas.

Para a gerente de programas e projetos da Fundação Abrinq, Denise Cesario, o governo tem boas políticas para a redução do trabalho infantil, mas “está muito distante de garantir o direito das crianças e adolescentes”.

Segundo ela, o maior desafio é diminuir a ocupação nessa faixa etária no meio rural, que concentrava 35,5% das crianças ocupadas.

A pesquisa do IBGE mostra que o perfil do trabalho infantil segue sendo masculino, agrícola e sem registro.

Folha de S.Paulo, 19 set. 2009, p. D8/Folhapress.

Os estatutos surgem da necessidade de regulamentação sobre determinados temas. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a criação, no Brasil, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, depois de muitas décadas de discussão sobre vários direitos do menor, entre eles os de ir à escola e de brincar, em vez de trabalhar.

1. Como você pôde perceber pela leitura desse texto, o Estatuto da Criança e do Adolescente tem sido cumprido, porém as mudanças na situação de desrespeito aos direitos dessa população têm ocorrido de maneira lenta.

a) O que você pode concluir sobre esse fato?

b) Que consequências esse tipo de trabalho pode trazer para as crianças? Justifique.

c) O trabalho desenvolvido sob sol ou chuva pode trazer problemas à saúde desses menores? Por quê?

d) O texto do jornal revela a chocante realidade brasileira e a necessidade de reverter esse quadro. Após a leitura do texto, reúna-se em grupo e converse com seus colegas para saber se alguém conhece alguma situação de trabalho infantil. Depois, relatem suas conclusões para toda a classe.

Leia, agora, a seguinte reportagem, que traz informações sobre como surgiu o ECA:

Com a abolição da escravatura e o início da industrialização, voltava a difundir-se o trabalho infantil, a tal ponto que, em 1983, segundo a PNAD – Pesquisa Nacional por Amostragem, quase 7 milhões de menores já integravam a força de trabalho. Na zona rural, 45,4% da população entre 10 e 17 anos trabalhava. A primeira lei brasileira de proteção do trabalho dos menores é de 1891. Ela proibia o trabalho noturno, em certos serviços, estabelecia idade mínima de 12 anos e estipulava que a jornada de trabalho máxima seria de sete horas. Essa lei ficou sem aplicação, assim como o Decreto nº 16.300, de 1923, que reduzia a jornada de trabalho para seis horas, para os menores de 18 anos.

O Código de Menores, de 1927, manteve os 12 anos como idade mínima para o trabalho, mas proibia o trabalho noturno e nas praças públicas, para os menores de 14 anos. Foi em 1932, com o Decreto nº 22.042, que a idade mínima foi elevada para 14 anos. Esse limite se manteve na Constituição de 1934, de 1937, na Consolidação das Leis do Trabalho, de 1943, e na Constituição de 1946, que proibia a diferença de salário entre menores e maiores e o trabalho noturno de menores de 18 anos.

Já na Constituição de 1967, o regime militar baixou a idade mínima, novamente, para 12 anos e eliminou a proibição de diferenças nos salários. E, dentro da nova orientação, a Lei nº 5.274, do mesmo ano, estabelecia o salário mínimo dos menores (52% do salário mínimo regional para os menores de 16 anos e 75% para os menores entre 16 e 18 anos). A mesma lei obrigava as empresas a empregarem menores (mais de 5% e menos de 10% do quadro de funcionários). Essa lei só foi revogada em 1974, mas a idade mínima de 12 anos se manteve até 1984.

À medida que o Brasil se desenvolvia, concentrando renda e poder, numerosas famílias trabalhadoras se desagregavam e milhões de menores carentes tornaram-se, precocemente, responsáveis por sua própria sobrevivência, perambulando pelas ruas das grandes cidades, sem moradia e escola.

O artigo 227 da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) e a Convenção Internacional dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral da ONU, em 20 de novembro de 1989, foram um passo importante para a transformação desse quadro de desalento do país. Tirar o estatuto do papel, porém, além de implicar mudanças no panorama legal dos Estados e municípios, necessitava, também, de um reordenamento institucional dos organismos que atuam na área. Ainda restava muito a fazer, principalmente no campo das políticas sociais básicas, como saúde, educação e profissionalização.

[...]

Disponível em: <www.juraemprosaeverso.com.br>.

2. O que significa a expressão “tirar o estatuto do papel”?

3. Em grupo, converse com seus colegas sobre o que vocês acham que é preciso ser feito para que o estatuto não seja apenas um documento. Anotem suas conclusões e as apresentem para toda a classe.



Depois de conhecer a urgência social que levou à criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, leia alguns artigos do título I.

Título I

Das Disposições Preliminares

Art. 1º – Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º – Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único – Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º – A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único – A garantia de prioridade compreende:

- a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
- b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
- c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
- d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Disponível em: <www.planalto.gov.br>.

4. O Estatuto da Criança e do Adolescente encontra-se organizado em três títulos:

Título I
Das Disposições Preliminares

Título II
Dos Direitos Fundamentais

Título III
Da Prevenção

- a) O título I trata das Disposições Preliminares. O termo *disposições* significa:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Distribuições ordenadas | <input type="checkbox"/> Situações |
| <input type="checkbox"/> Prescrições legais | <input type="checkbox"/> Estados de espírito ou de saúde |

- b) E *preliminares*, o que quer dizer?

-
5. Se no artigo 1º estivesse escrito “Esta lei *explica* a existência de proteção integral à criança e ao adolescente” em vez de “Esta Lei *dispõe* sobre a proteção integral à criança e ao adolescente” (como está no original), o verbo *explicar*, usado no lugar de *dispor*, teria o mesmo efeito na frase?

Você acha que seria cabível, para esse contexto, substituir o verbo *dispor* por *explicar*? Por quê?

6. Se o texto fosse escrito com verbos no tempo passado, por exemplo, “Foi dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação...”, haveria alguma mudança em sua interpretação? Por que o texto das leis é escrito com verbos no tempo presente?

7. Releia o artigo 2º do ECA:

Art. 2º – Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único – Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

a) Por que esse artigo utiliza o verbo *considerar* no presente (“considera-se”) para se referir à faixa etária de quem é criança e quem é adolescente?

b) Em sua opinião, qual é a função do parágrafo de um artigo em textos legais?

c) Releia o parágrafo único.

▣ A frase leva a pensar que:

existem leis que se sobrepõem ao estatuto.

existem pessoas entre dezoito e vinte e um anos que podem ser consideradas crianças e adolescentes.

a(s) lei(s) que prevê(veem) pessoas serem consideradas crianças ou adolescentes entre dezoito e vinte anos têm caráter excepcional.

▣ Qual a função do advérbio *excepcionalmente* nessa frase?

8. Leia o sumário da parte geral do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Estatuto da Criança e do Adolescente

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990

Título I

Das Disposições Preliminares

Título II

Dos Direitos Fundamentais

Capítulo I – Do direito à vida e à saúde

Capítulo II – Do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade

Capítulo III – Do direito à convivência familiar e comunitária

Seção I – Disposições gerais

Seção II – Da família natural

Seção III – Da família substituta

Subseção I – Disposições gerais

Subseção II – Da guarda

Subseção III – Da tutela

Subseção IV – Da adoção

Capítulo IV – Do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer

Capítulo V – Do direito à profissionalização e à proteção no trabalho

Título III

Da Prevenção

Capítulo I – Disposições gerais

Capítulo II – Da prevenção especial

Seção I – Da informação, cultura, lazer, esportes, diversões e espetáculos

Seção II – Dos produtos e serviços

Seção III – Da autorização para viajar

Disponível em: <www.planalto.gov.br>.

a) Ao analisar o nome dos capítulos, das seções e das subseções, quais são os principais temas abordados pelo estatuto?

b) Pelo sumário, como você explicaria a forma de organização do texto da lei?

c) Qual a função dos numerais (I, II, III, IV, V) no texto?

d) O termo *prevenção*, no título III, tem o sentido de:

Disposição ou preparo

Precaução, cautela

Opinião

Sentimento de atração

9. Releia outro trecho do ECA:

Art. 4º – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

No início do artigo, o verbo *ser* foi usado no presente, seguido de uma palavra com o valor imperativo (*dever*). Qual o objetivo desse tipo de construção?

10. Nos artigos do estatuto, aparecem termos e construções verbais mais formais do que em outros gêneros escritos, como notícias de jornal.

Sublinhe alguns deles no trecho a seguir. Você sabe o que significam?

Art. 3º – A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

11. Se uma criança é obrigada pelos pais, por exemplo, a trabalhar, a lei do ECA estaria sendo infringida, ou seja, desrespeitada? Por quê?

12. Veja o parágrafo terceiro do artigo 54 e outros artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente:

§ 3º – Compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.

Art. 55 – Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Art. 56 – Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I – maus-tratos envolvendo seus alunos;

II – reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;

III – elevados níveis de repetência.



a) Quem são os principais responsáveis pela frequência escolar da criança ou do adolescente?

b) Segundo a lei, se uma criança ou adolescente não estiver frequentando a escola, a quem cabe tomar as providências necessárias?

13. Releia o parágrafo único do artigo 4º e responda às questões.

Parágrafo único – A garantia de prioridade compreende:

- a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
- b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
- c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
- d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

a) Por que é utilizado o substantivo derivado do verbo (*primar, preceder, preferir, destinar*) em cada assunto anunciado nas subdivisões?

b) Em uma situação de perigo iminente, como o desabamento de uma residência por causa de uma enchente, quem deve ser socorrido primeiro? Por quê?

c) Se no posto de saúde houver várias pessoas precisando de atendimento urgente, quem deve ser atendido primeiro? Por quê?

d) Quando é eleito um novo prefeito, ele, com a ajuda de sua equipe, faz um planejamento dos serviços que serão oferecidos à população enquanto estiver no cargo. Essas ações são entendidas como políticas públicas. Quais delas devem ser discutidas e formuladas preferencialmente? Por quê?

e) Observe que o parágrafo é subdividido em letras – **a, b, c, d** –, que são chamadas de alíneas. Qual é a função dessa subdivisão?

f) Em sua opinião, por que se usam letras?

g) Você acha que cada assunto foi colocado aleatoriamente nessa subdivisão?

h) Por que cada categoria do parágrafo único, correspondente a cada alínea (a, b, c, d), não foi colocada em um mesmo “bloco” de informações, ou seja, imediatamente após o ponto e vírgula, em vez de separadamente?

14. Apenas os parágrafos de um estatuto têm subdivisões? Que outros itens da estrutura desse gênero também as apresentam?

Lembra-se da conversa do início da Unidade? Para viver em sociedade, é preciso haver regras para que o mundo não vire um “caos”, cada indivíduo agindo de acordo com o próprio desejo. Para que haja ordem e os direitos das pessoas sejam respeitados, sem que grupos de maior poder possam exercer domínio sobre os outros, são criadas as leis, ou conjuntos de leis, que, se em favor de uma parte da população mais fragilizada, como a criança e o adolescente, o idoso, o índio, configuram os estatutos. No entanto, da criação à execução e preservação das leis, são mobilizados diferentes **poderes públicos**, cada qual com sua função: o poder legislativo cria as leis; o poder executivo coloca as leis em prática; e o poder judiciário “faz valer” a lei, ou seja, tem a responsabilidade de assegurar a justiça, aplicando a lei a casos particulares. É assim que vão funcionar as relações dos indivíduos com as leis na sociedade.

- 15.** Levando em conta a definição de estatuto e essas informações a respeito das relações jurídicas, reflita: se alguma das leis do ECA não for cumprida, quem deverá atuar para regularizar a situação? Por quê?
-
-
-

É importante ressaltar que um estatuto pode ser retificado mesmo após sua publicação. Assim, em razão de algumas mudanças nas leis, o documento terá um ou mais de seus artigos (capítulos ou parágrafos) modificados, e isso ficará nele registrado. Tais leis aparecerão riscadas no estatuto, indicando que, na elaboração desse texto jurídico, elas foram originalmente publicadas daquela maneira, como podemos ver no artigo 28, da seção III, que trata das leis referentes à família substituta.

Seção III

Da Família Substituta

Subseção I

Disposições Gerais

Art. 28 – A colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei.

~~§ 1º – Sempre que possível, a criança ou adolescente deverá ser previamente ouvido e a sua opinião devidamente considerada.~~

~~§ 2º – Na apreciação do pedido levar-se-á em conta o grau de parentesco e a relação de afinidade ou de afetividade, a fim de evitar ou minorar as consequências decorrentes da medida.~~

§ 1º – Sempre que possível, a criança ou o adolescente será previamente ouvido por equipe interprofissional, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida,

e terá sua opinião devidamente considerada. ([Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009](#)) Vigência

§ 2º – Tratando-se de maior de 12 (doze) anos de idade, será necessário seu consentimento, colhido em audiência. ([Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009](#)) Vigência

Observe que os parágrafos riscados não foram, na verdade, excluídos, mas reescritos, reformulados com a publicação de uma nova lei, especificada entre parênteses (número e ano de publicação), acrescentada da palavra “vigência”, indicando que, no momento, o estatuto segue aquela lei reformulada.

16. Quais foram as modificações efetuadas no primeiro e segundo parágrafos do artigo 28? Trata-se de mudanças de naturezas semelhantes?

17. Além de os estatutos terem sido feitos para as pessoas citadas nos próprios documentos, a quem mais eles se destinam?

ATIVIDADE 3

Declaração Universal dos Direitos Humanos

1. Todo tipo de denúncia que visa à garantia dos direitos humanos tem como origem a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Leia alguns artigos dessa declaração:

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Adotada e proclamada pela resolução 217-A (III)
da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948

Artigo I

Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Artigo II

Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Artigo III

Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

2. Assista ao vídeo do programa *Pé na rua* sobre os direitos humanos e complete o quadro com as justificativas que os entrevistados deram para votar no aspecto que cada um achava mais importante para lutar pelos direitos.

Trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos	Justificativa dos entrevistados
Todos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.	<hr/> <hr/>
Todos têm direito à vida, à liberdade e à segurança.	<hr/> <hr/>

Trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos	Justificativa dos entrevistados
Ninguém será submetido à tortura.	<hr/> <hr/>
Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.	<hr/> <hr/>
Ninguém será escravo.	<hr/> <hr/>
Todos têm liberdade de pensamento, de consciência e de religião.	<hr/> <hr/>
Toda pessoa tem direito à educação.	<hr/> <hr/>
Toda pessoa tem direito ao trabalho.	<hr/> <hr/>
Quem trabalha tem direito a uma remuneração que lhe garanta uma vida digna.	<hr/> <hr/>
Todos são iguais perante a lei.	<hr/> <hr/>

3. Se você tivesse de sair em passeata defendendo um dos cartazes que aparecem no vídeo, qual escolheria. Por quê?

4. Qual item foi o mais votado em sua turma? E o menos votado?
A que fatores você atribui tal resultado?

5. Procure na sala de leitura de sua escola ou na internet a Declaração Universal dos Direitos Humanos e escolha outros três itens para elaborar um cartaz. Mas não vale simplesmente copiar. Lembre-se de que um cartaz tem por objetivo transmitir de forma eficaz uma mensagem, um aviso ou uma informação. Uma mensagem bem definida é essencial. Assim, é importante eliminar toda informação desnecessária para o objetivo do cartaz. Ele deve ser simples, agradável de ver e convincente. Além disso, um bom cartaz apresenta equilíbrio entre ilustração e mensagem.

ATIVIDADE 4 *Debate regrado*

Chegou o momento de realizar um debate regrado sobre o Estatuto da Sala de Aula.

1. Organização

A classe será dividida em grupos:

- ▣ **Grupos 1 e 2** – Cada um deles defenderá seu posicionamento sobre os aspectos que devem constar do estatuto, para que, no final, a plateia vote no grupo que mais a convenceu. Essa plateia será constituída por alunos de outra sala da escola.

- **Grupo 3** – Terá a função de registrar as falas do debate, a fim de contribuir para a avaliação posterior. Se o debate for gravado, o grupo deverá transcrever apenas os principais argumentos e contra-argumentos.
- **Grupo 4** – Preparará as perguntas a serem feitas aos grupos participantes do debate.

Um aluno será o mediador, encarregado de encaminhar as perguntas aos participantes.

Os grupos devem se organizar da seguinte maneira:

Passo 1 – Estudar sobre o tema. Nenhum debatedor consegue bom desempenho sem conhecer o tema profundamente.

Passo 2 – Localizar exemplos do cotidiano escolar que sirvam como argumentos consistentes na defesa do ponto de vista a ser sustentado pelo grupo.

Passo 3 – Eleger dois ou três alunos do grupo como representantes na hora do debate. Se o grupo decidir não escolher representantes, permitindo que todos falem, deve se organizar para que um não “atropele” a fala do outro.

Passo 4 – Caso algumas pessoas do grupo fiquem na condição de ouvintes, mas queiram acrescentar argumentos, devem solicitar sua participação ao mediador.

No final do debate, a plateia votará no grupo que apresentou argumentos mais convincentes.

2. Preparação

Etapa 1

Como o debate será sobre os aspectos que vão constar do Estatuto da Sala de Aula, reflita sobre as seguintes questões e faça anotações sobre elas em uma folha de papel:

- O que você acha da convivência na sala de aula?
- Quais os direitos e deveres dos alunos?
- Quais os direitos e deveres do professor?

Os debatedores devem, além de apresentar bons argumentos, adotar uma postura formal, usar tom de voz adequado, respeitar a opinião dos outros e tomar cuidado para que o debate não acabe em briga.

IMPORTANTE

Etapa 2

O professor dividirá a classe em grupos para discutir o que cada um colocou.

As divergências que forem apresentadas darão origem aos dois grupos opostos que vão realizar o debate regrado. Por exemplo: um colega colocou que é dever do professor chamar a atenção do aluno quando ele estiver conversando com alguém sobre assunto alheio à disciplina durante a explicação do professor, e outro, que é dever do aluno prestar atenção à explicação do professor; um colega colocou que é dever do aluno arrumar as carteiras da sala antes de ir embora, e outro, que é dever da funcionária da escola arrumar as carteiras após a saída dos alunos.

Etapa 3

Com os grupos (re)organizados, vocês darão início à escrita do estatuto. É importante atentar para o modo como as leis serão escritas (verbos no presente do indicativo ou no imperativo, uso do infinitivo etc.), assim como para a estruturação do estatuto (o que comporá o título, se haverá parágrafos nos artigos etc.).

Após a escrita da primeira versão do estatuto, os grupos farão a leitura dos textos produzidos e a turma selecionará os dois textos que estiverem mais divergentes para dar uma boa discussão no debate regrado. Depois, fará a revisão e edição dos estatutos com o professor.

Etapa 4

Selecionados os textos, os alunos de cada grupo estudarão os argumentos que utilizarão para defender por que acham que tal atitude é dever do professor, e não do aluno. Os demais alunos poderão escrever as questões que serão feitas para os participantes do debate.

Etapa 5

Todos realizarão um ensaio de como seria o debate antes de chamar os alunos de outra sala. Com a ajuda do professor, cada um seguirá sua função: debatedor, mediador ou “escriva” (que vai registrar o debate).

Etapa 6

A próxima etapa é decidir onde será realizado o debate (se possível, no pátio da escola ou no anfiteatro) e convidar os alunos de outra sala para assistirem ao debate regrado, redigindo uma carta-convite com a ajuda do professor.

3. Apresentação

É chegada a hora de apresentar o debate! O local deve estar organizado antes de os convidados chegarem. Uma boa disposição é deixar as carteiras dos participantes visíveis a todos, com os grupos de debatedores frente a frente. Os “escribas” devem ficar sentados na primeira fileira e, atrás deles, a plateia.

4. Avaliação

Depois do debate, a classe se reunirá em pequenos grupos, com a participação de pessoas que defenderam as mesmas ideias, a fim de fazer uma avaliação sobre os seguintes aspectos:

Critérios de avaliação	Sim	Em parte	Não	Comentários
1. O debate atendeu aos objetivos de definir todos os aspectos que compõem o Estatuto da Sala de Aula?				
2. O debate propiciou um bom espaço de discussão das propostas de “leis” para o estatuto e a construção conjunta de boas ideias?				
3. Houve retomada da fala do outro para acrescentar novos argumentos?				
4. Foi usada terminologia adequada?				

Crítérios de avaliação	Sim	Em parte	Não	Comentários
5. Houve respeito às opiniões divergentes?				
6. Houve respeito à vez de cada grupo falar?				
7. Os participantes apresentaram postura adequada? Respeitaram as regras estabelecidas?				
8. O tom de voz foi adequado?				
9. Os argumentos foram convincentes?				
10. Saíram do tema?				

Com base nessa avaliação, você poderá, com seus colegas, observar aspectos que devem ser aperfeiçoados na prática do debate regrado.

5. Elaboração do Estatuto da Sala de Aula

Toda a classe vai agora definir a versão final do estatuto. Levem em conta as anotações do grupo de “escribas”, a fim de que sejam selecionados os argumentos mais bem fundamentados, defendidos de maneira mais convincente, para compor as regras do estatuto. Caso o debate tenha sido gravado, há outra forma de avaliar os argumentos mais bem defendidos, que não apenas pelas anotações dos “escribas”.

RETOMANDO PERCURSOS

1. Você e seus colegas vão voltar ao início desta Unidade e relembrar tudo o que aprenderam. O professor vai registrar na lousa o que vocês forem falando. Depois, você copia aqui, para não esquecer mais.

O que aprendi nesta Unidade:

2. Como nos saímos? Converse com os colegas sobre o debate que vocês fizeram.

a) Quais foram os pontos positivos?

b) O que precisa ser melhorado para os próximos debates?
